

OBJETIVIDADES: SUBJETIVIDADES: SUB
OBJETIVIDADES: SUBJETIVIDADES: SUB
OBJETIVIDADES: SUBJETIVIDADES: SUB

Universidade de São Paulo | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação

SUBJETIVIDADES

HABITAR, PROJETAR, REPRESENTAR A CASA

Bárbara Campelo Rodrigues Silva

Orientação
Marta Vieira Bogéa

julho | 2017

AGRADECIMENTOS

Aos amigos da FAU, pelo companherismo ao longo dos anos de graduação, compartilhando momentos que certamente guardo na memória com muito carinho.

Aos colegas de faculdade e escritório que acabaram entrando nesse barco ajudando na discussão e fazendo parte também deste trabalho.

Ao Sérgio, por me permitir invadir seu mundo e conhecer novas formas de pensar e viver a vida.

À minha orientadora, Marta Bogéa, por levar minha imaginação a caminhos antes completamente desconhecidos, pelo incentivo e crítica, e por ser para mim referência de fortaleza.

Ao André, que me apoiou incondicionalmente durante todo o processo, por altos e baixos, sempre me incentivando a seguir em frente, e tornando o caminho mais leve.

À minha família, pelos sacrifícios, cuidado a todo tempo e amor com que me confortaram, me fortalecendo e me fazendo enxergar o que é de fato importante na vida. A eles, meus agradecimentos eternos.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
INTRODUÇÃO	9
ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	11
CASAS: ARQUITETURAS, NARRATIVAS	13
<i>Casa Muuratsalo</i>	17
<i>Residência Castor Delgado Perez</i>	23
<i>Casa no Butantã</i>	29
<i>Casa Moriyama</i>	33
<i>Residência na Vila Romana</i>	39
<i>Casa de Fim de Semana</i>	45
<i>Casa Alves Costa</i>	51
<i>Vill'Alcina</i>	55
<i>Ínsua Casa Alves Costa</i>	63
<i>A casa do lado Vill'Alcina</i>	79
HABITAR OS LUGARES	95
<i>Abstração</i>	97
<i>Arquitetura</i>	99
<i>Projeto</i>	100
UM ENSAIO NA FORMA DE PROJETO	107
<i>Personagem</i>	108
<i>Local</i>	110
<i>Primeiros estudos: dimensão e partido</i>	113
<i>Projeto e representação</i>	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	171

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho parte de um questionamento da nossa relação como seres humanos com a arquitetura e os espaços em que vivemos. A forma da edificação é certamente um elemento importante da arquitetura, que marca presença e constitui a paisagem. Entretanto, ao fazermos um recorte formalista, não estaríamos deixando para trás outras coisas tão importantes quanto a forma? Este trabalho não busca invalidar e nem colocar em xeque a abordagem formal, mas voltar o olhar do leitor para uma abordagem pouco valorizada no ensino da arquitetura, pautada pela experiência no espaço. Como as pessoas que habitam as arquiteturas que projetamos percebem esse espaço?

E, para tangibilizar o que se pretende investigar, optou-se por tentar traduzir essa indagação através de um projeto de arquitetura, elaborado através do programa da casa. E por que a casa? Porque é nela que encontramos uma relação íntima e afetiva entre o ser humano e o espaço. Como coloca Bachelard, “Nossa casa é nosso canto no mundo (...) é nosso primeiro universo, um cosmos real em todos os sentidos da palavra”. É um programa em nada genérico e que deve estar em consonância com seu usuário. Por essa razão, considerou-se a casa uma temática bastante apropriada para a investigação que se pretende fazer.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

A pesquisa se dá em dois âmbitos: projeto e literatura. Mergulhamos em textos que discutem os mesmos aspectos aqui levantados para assim conhecermos diferentes abordagens, de autores distintos, sobre o mesmo tema que é a relação subjetiva entre ser humano e arquitetura. Essa etapa nos trouxe novas perspectivas para pensar e propor espaços mais ricos, considerando a dimensão subjetiva do habitar. Assim, debruçamo-nos sobre referências arquitetônicas que possuem propostas instigantes, seja em termos de programa, forma, espacialidade, materialidade ou outros aspectos relevantes para a discussão deste TFG. Neste momento buscamos alimentar nosso repertório, fugindo de um pensamento único e explorando a diversidade. As casas selecionadas se situam não só no Brasil, mas também no Japão, em Portugal, e em outras localidades, explorando também diferenças culturais na ideia de uma arquitetura da casa. Não só é interessante observar as diferenças arquitetônicas, mas também como os modos de viver dos habitantes influenciaram a construção dos espaços. Em dado momento, partimos para o ensaio projetual para então investigar as implicações dos temas estudados.

Também faz parte do escopo deste TFG uma investigação acerca da representação desses “espaços emocionais”. Entende-se que a comunicação das ideias é também um dos desafios do arquiteto, especialmente em se tratando de aspectos que são subjetivos, mas não menos importantes na nossa experiência na arquitetura.

É importante ressaltar que as etapas aqui citadas avançaram em simultaneidade. A intenção é que os textos, os projetos e o ensaio realizado se retroalimentem e alimentem a reflexão que se pretende fazer.

CASAS: ARQUITETURAS, NARRATIVAS

Compreender a casa em seus aspectos materiais e imateriais implica observá-la em sua variedade. Foram escolhidos aqui projetos bastante distintos, de autores, épocas e países variados, em busca de aspectos que as singularizam.

Em um primeiro momento foram estudados aspectos um tanto quantitativos relativos espaço da casa, considerados fundamentais a um entendimento volumétrico. No entanto, como foi dito anteriormente, o objetivo maior foi o de observar o programa da casa não como algo genérico - que se resume a sala, cozinha, quarto, etc. - mas sim em seu potencial emocional. Sendo assim, foram observadas relações entre corpo e espaço, materialidade, função e em alguns casos foi realizada uma tentativa de aproximação do modo de viver de seu morador.

CASA MUURATSALO

Alvar Aalto | Muuratsalo, FI | 1953

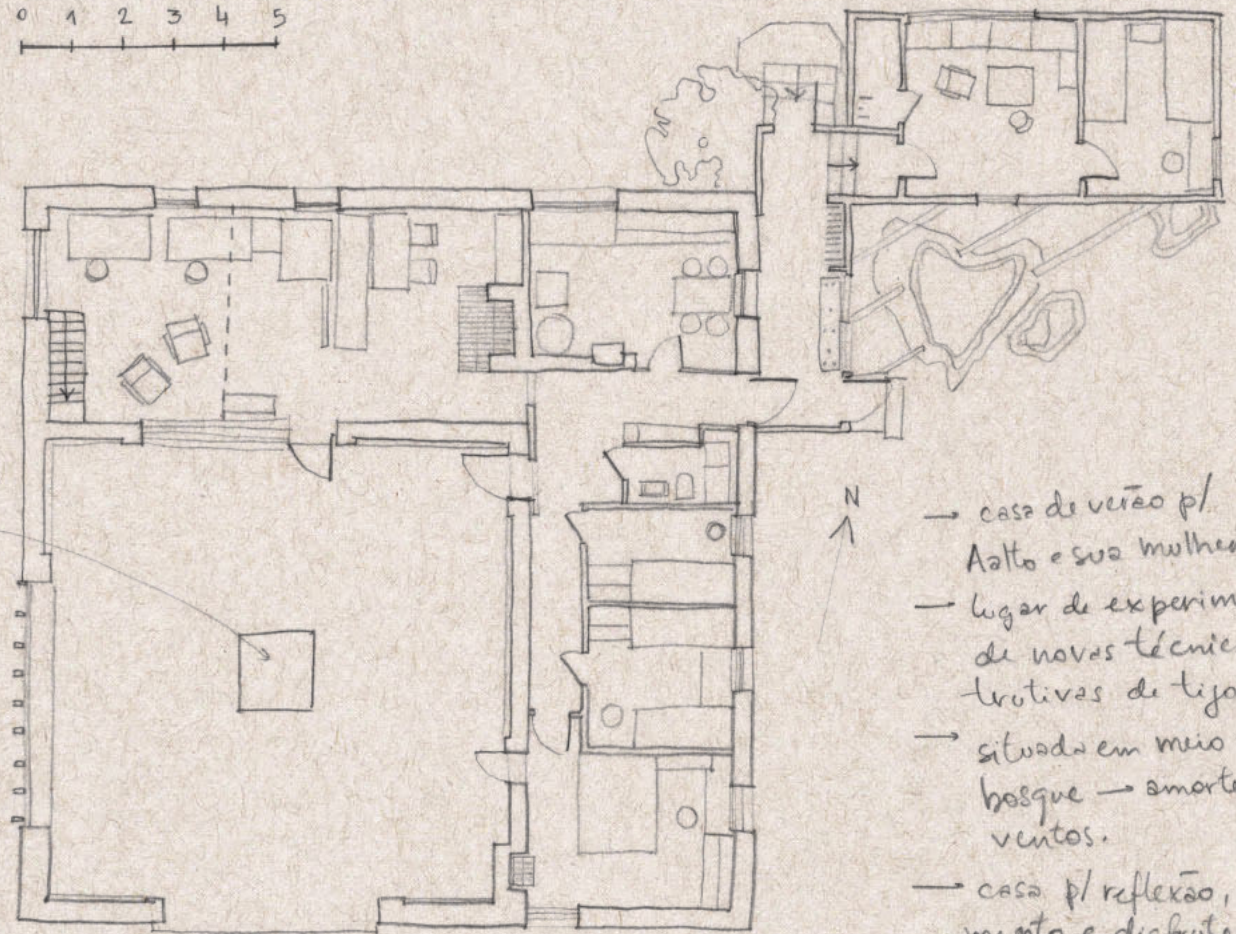
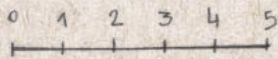
Alvar Aalto é uma das grandes referências quando se discute uma arquitetura mais humana. Esta casa em particular no interessa por seu caráter experimental. Assim como outras que serão aqui estudadas, é uma casa de verão, ocupada durante períodos intermitentes, o que comumente é um incentivo para propostas arquitetônicas não tão usuais.

O arquiteto fez da casa, construída para si próprio, local de experimentação da materialidade e da tectônica. A casa em formato de “L” se insere em um grid regular de 3x3 em torno de uma lareira, convite ao repouso em torno do fogo. O pátio criado é cercado de um lado pelo volume da casa e do outro apenas por paredes, todos constituídos de tijolos nos seus mais diversos arranjos: vertical, horizontal, intercalado, paralelo, entre outros. A casa explora o contato entre a madeira, os tijolos maciços aparentes, e os pintados, diferenciando os planos internos e externos do pátio.

Para além do corpo principal da casa, um volume se encontra anexo constituindo uma casa de hóspedes com acesso independente através de um corredor comum.



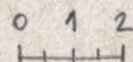
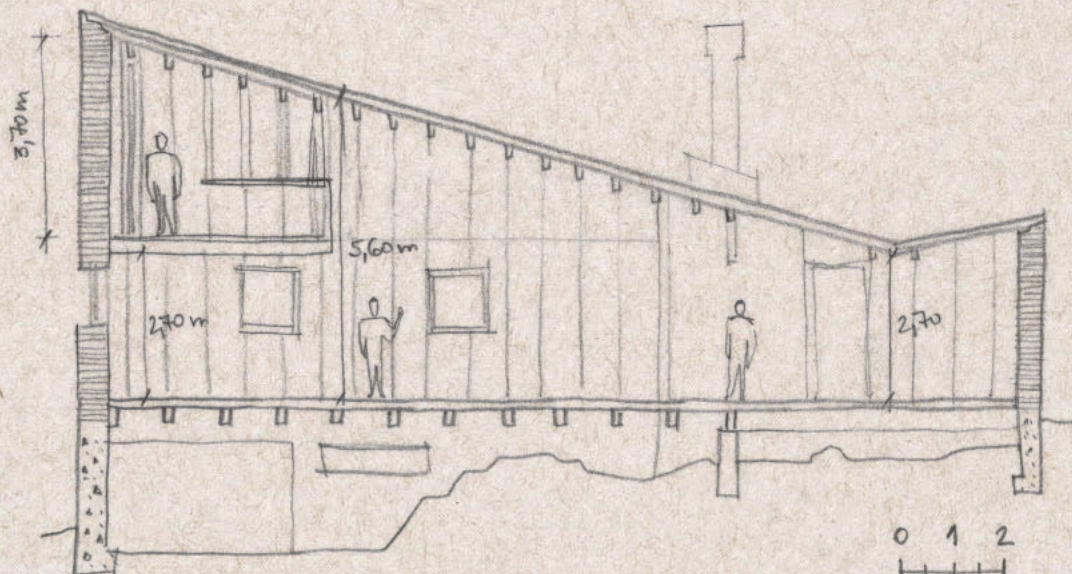
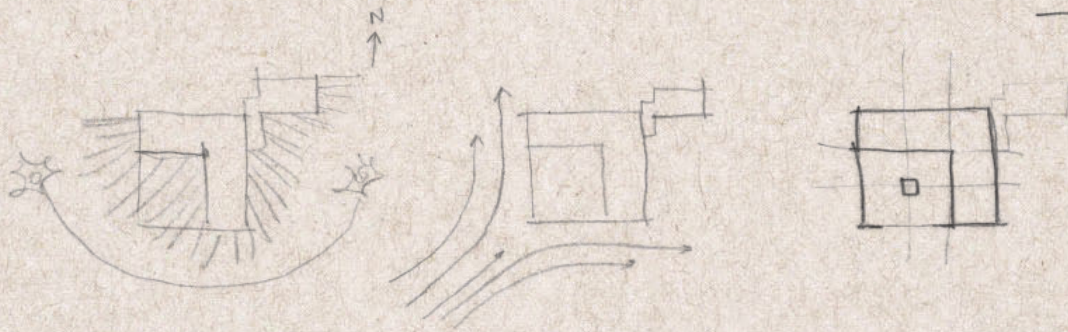
CASA MUURATSALO (1953) - Muuratsalo, Finlândia
ALVAR AALTO



elemento do fogo no centro do pátio.



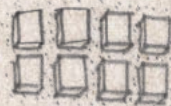
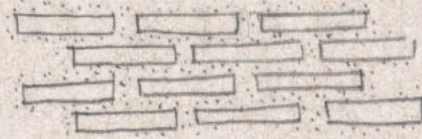
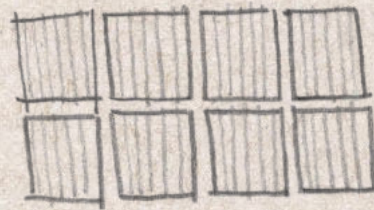
- casa de verão pl. Aalto e sua mulher.
- lugar de experimentação de novas técnicas construtivas de tijolos.
- situada em meio a um bosque → amortece os ventos.
- casa pl. reflexão, esquecimento e disfrute.
- acesso por barco

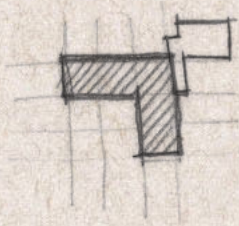
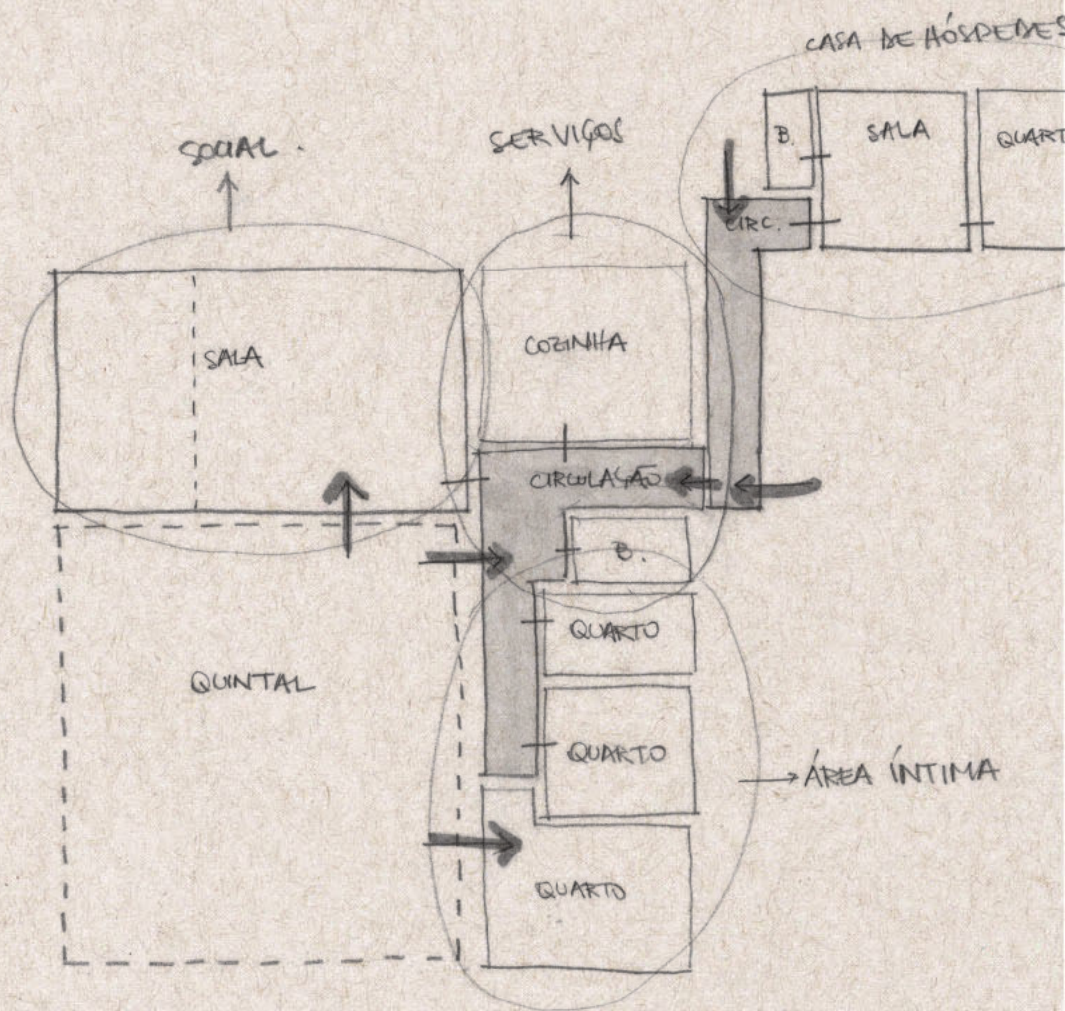


"La arquitectura tiene un motivo interior: la idea de crear un paraíso. Este es el único propósito de nuestras casas. Si no llevamos este pensamiento entre nosotros, todas nuestras casas serán más simples y triviales y la vida no será digna de vivir".

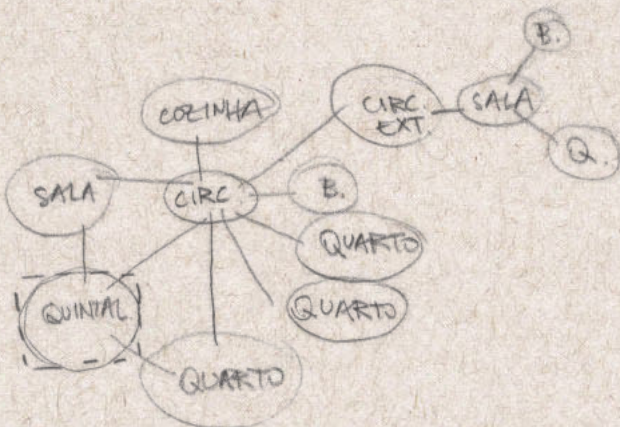
Alvar Aalto "the architects' conception of Paradise in Goran Schildt, ed., Alvar Aalto Sketches, Cambridge, Mass., e Londres, U.K., The M.I.T. Press, 1985, pp. 157-158.

- paredes auto-portantes de tijolos + vigas de madeira
- telhado em telha cerâmica
- casa de hóspedes se apoia sobre uma rocha





planta principal em L
+ cs. hóspedes.



ÁREA TOTAL $\approx 102 \text{ m}^2$
CONSTRUÍDA

sala	$6,8 \times 4 =$	27,2
cozinha	$3,5 \times 2,9 =$	10,15
banh.	$2 \times 1,1 =$	2,2
quarto 1	$2,5 \times 1,1 =$	2,75
quarto 2	$2,5 \times 2,2 =$	5,5
quarto 3	$3,5 \times 2,4 =$ $+ 0,7 \times 0,9$	9,03
circulação	$+ 0,8 \times 3,2 =$ $+ 1,3 \times 1,2 =$ $+ 1 \times 4,1$	8,22
Circ. externa	$0,8 \times 5,1 =$ $+ 0,8 \times 0,9$	4,8

banh. hóspedes	$0,7 \times 1,7 =$	1,19
sala hosp.	$2,5 \times 2,7 =$	6,75
quarto hosp.	$1,9 \times 2,7 =$	5,13

RESIDÊNCIA CASTOR DELGADO PEREZ

Rino Levi | São Paulo, BR | 1958-59

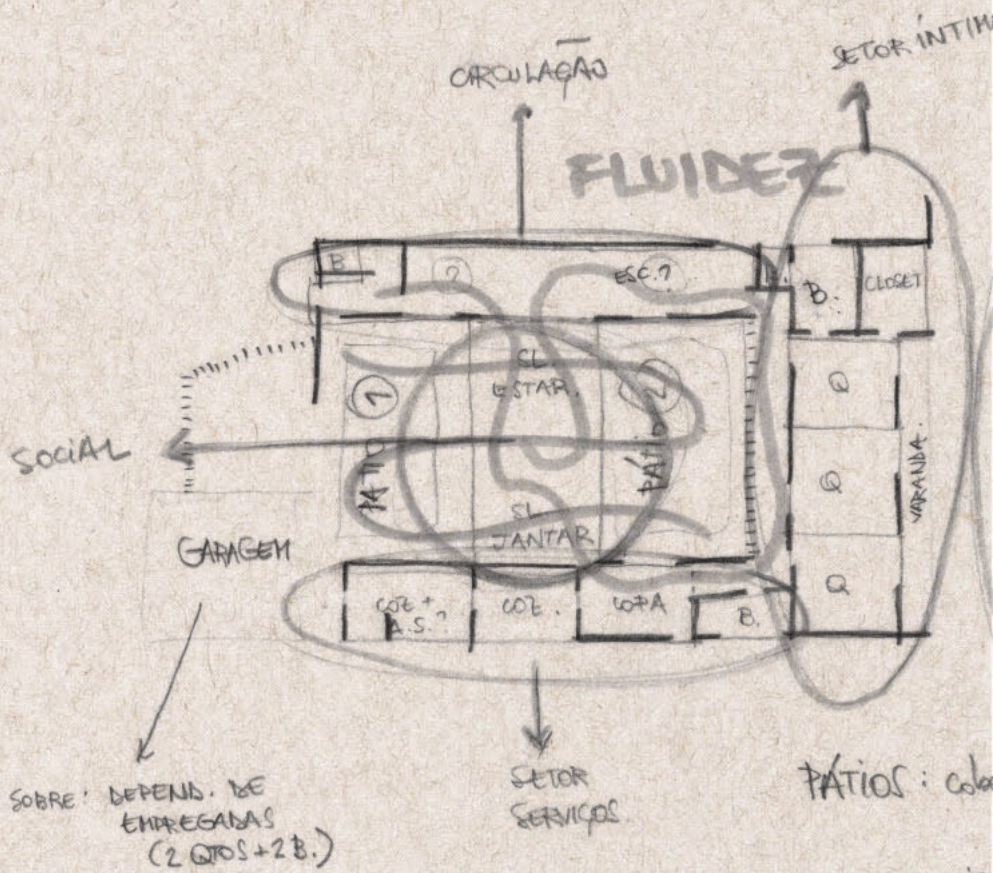
Esta residência tem uma proposta mais introspectiva, isolada da rua. Apresenta um contraste de volumes entre o corpo maior da casa, horizontal, organizado em torno de pátios, e um volume menor, em sua parte frontal, suspenso. Enquanto seu contato com a rua é minimizado, os espaços internos apresentam enorme fluidez, sendo pouco marcados os limites entre interior e exterior. Os pátios internos são cobertos por brises que, alinhados aos forros criam uma relação de continuidade, trazendo os jardins para dentro da casa e a casa para dentro dos jardins.

Em contraposição a essa organicidade, os espaços funcionais da casa são bem definidos, sendo um deles destinado aos serviços, com acesso independente, o lado oposto destinado ao acesso e circulação da casa, e ao fundo uma ala contendo a área íntima dos quartos.

Ainda, uma edícula foi adicionada em construção posterior, contendo um espaço de salão de festas que, assim como os quartos, se relaciona com o pátio posterior.



RESIDÊNCIA CASTOR DELGADO PEREZ (1958/9)
RINO LEVI



Área terreno: $971,49 \text{ m}^2$
 " ocupada: $404,57 \text{ m}^2$
 % da ocupação: $41,64 \text{ m}^2$
 Área construída: $508,67 \text{ m}^2$
 " útil: $401,57 \text{ m}^2$

ETRÍCOLA → Espaço p/ eventos e visitas.



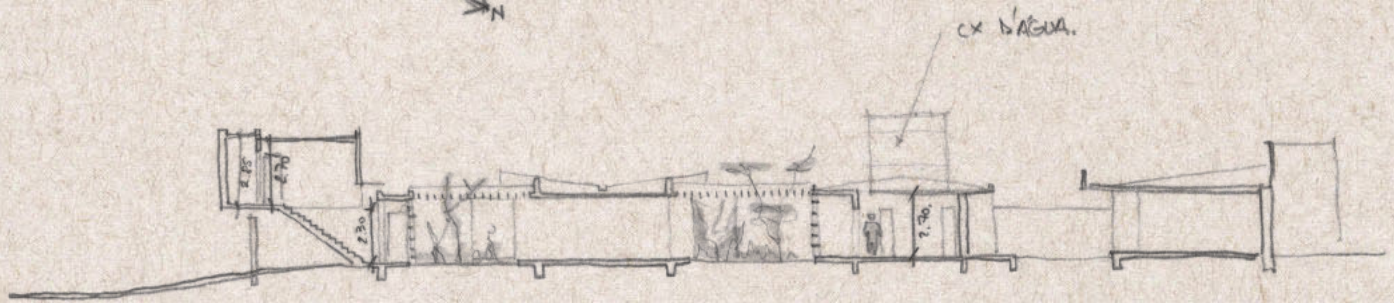
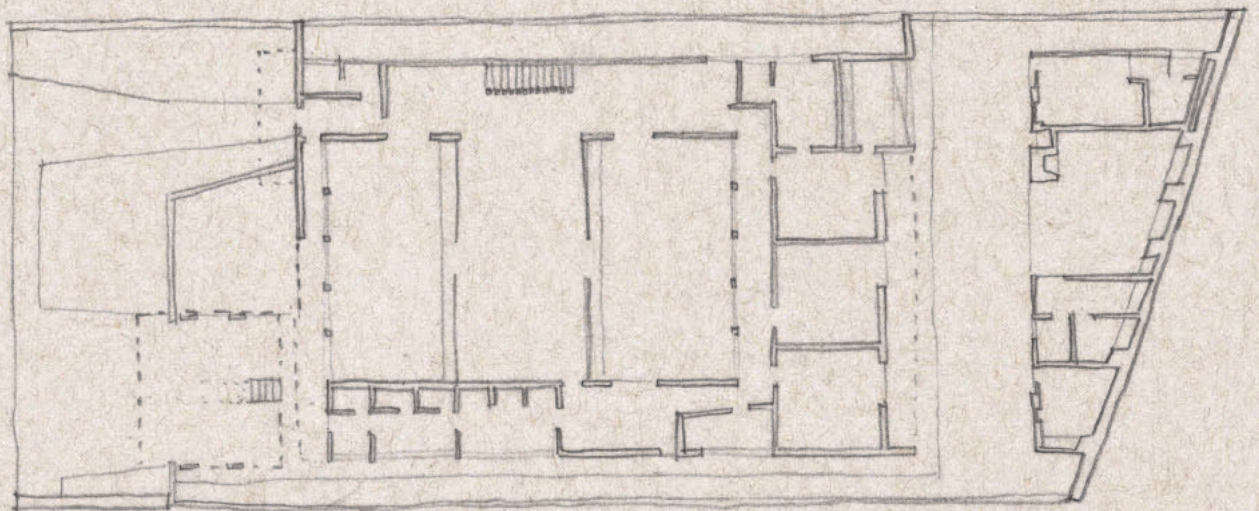
CASA-PÁTIO

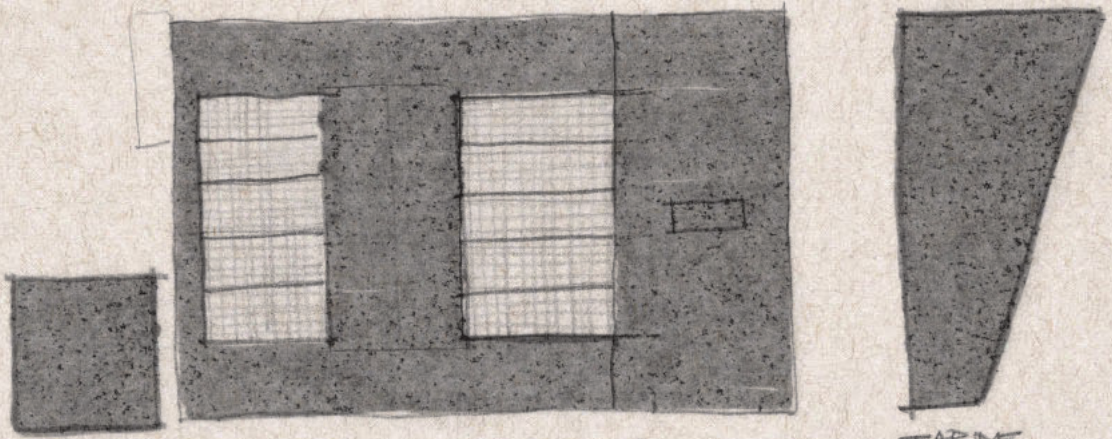
portas por brisas
 ↓
 jardins de inverno



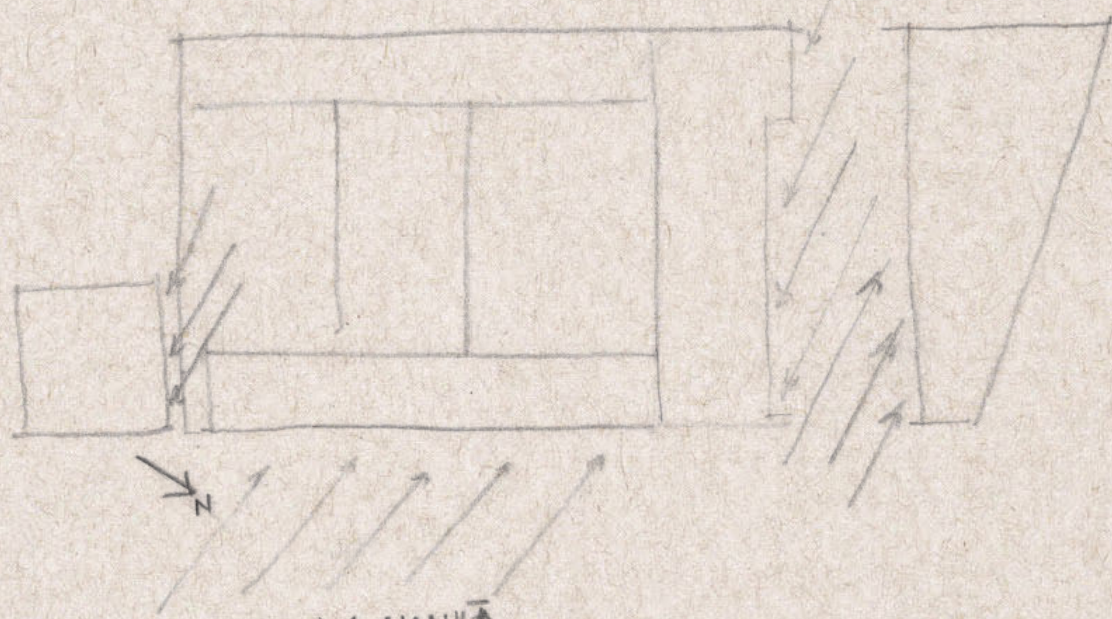
VIGAS INVERTIDAS

↳ s/ OBSTÁCULOS. → APENAS EL. VAZADOS.





SOL DA TARDE



SOL DA MANHÃ

0,85 - 2,70
x 1,70
0,53

FÉ-DIREITO: 2,70.

CASA NO BUTANTÃ

Paulo Mendes da Rocha | São Paulo, BR | 1964-66

A Casa no Butantã, assim como a Casa Muuratsalo, foi projetada pelo arquiteto para si próprio, o que implica em certo grau de liberdade para experimentação. Porém, diferentemente da obra de Aalto, a esta não foi projetada para estadia em temporada, e sua proposta vai em direção bastante diferente: a racionalista. A casa se impõe como um prisma suspenso sobre o solo, com seu térreo rebaixado e sistema estrutural rigoroso de lógica pré-fabricada.

A casa, que não é apenas uma, tem a seu lado uma gêmea, e confronta a noção vigente a respeito dos espaços de morar. Como coloca Ana Luiza Nobre em artigo publicado na página ArchDaily Brasil,

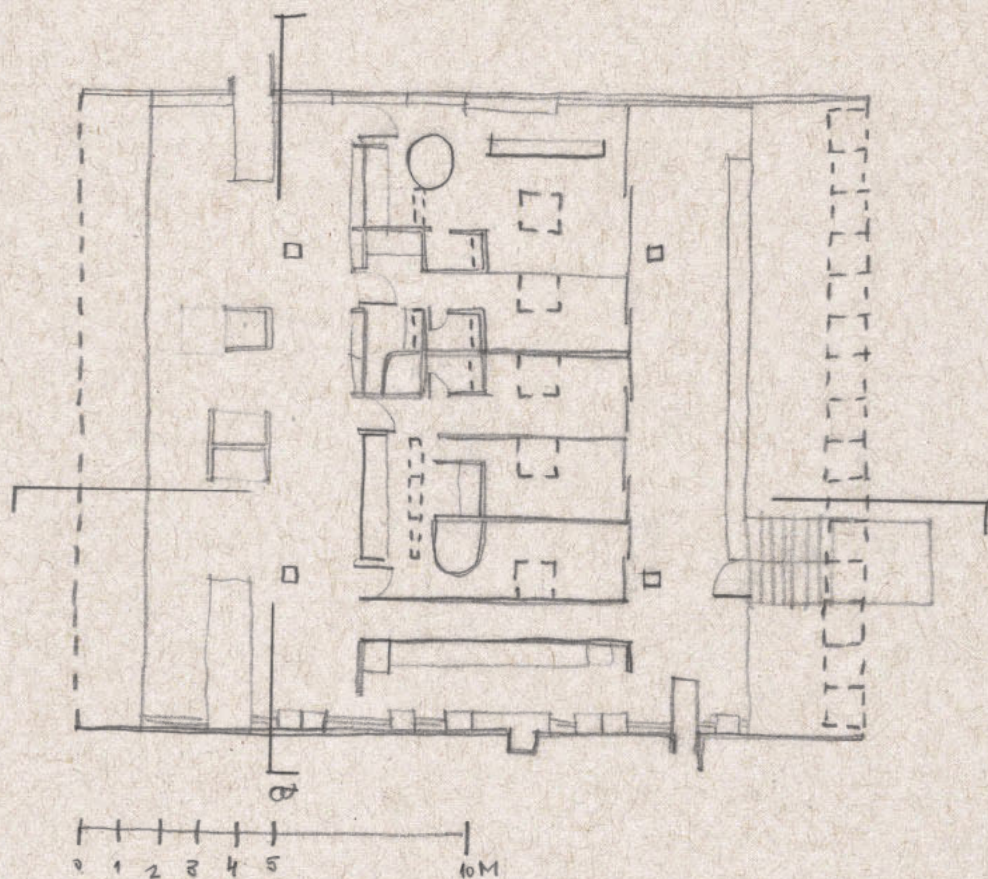
“Ao caráter impositivo deste projeto corresponde, pois, em primeiro lugar, um inconformismo frente a costumes e hábitos de conforto fundamentalmente solidários a um sistema social que confere privilégio aos interesses individuais, em detrimento do convívio comunitário.” (NOBRE, 2007)

o que vai ao encontro do pensamento modernista, que se opõe à individualização do espaço, como coloca Iñaki Ábalos em sua obra sobre as casas da modernidade - como comentaremos mais à frente. Esta casa apresenta soluções pouco convencionais, posicionando os quartos - espaço íntimo - ao centro sem janelas, enquanto os espaços de sociabilização se voltam para as fachadas.

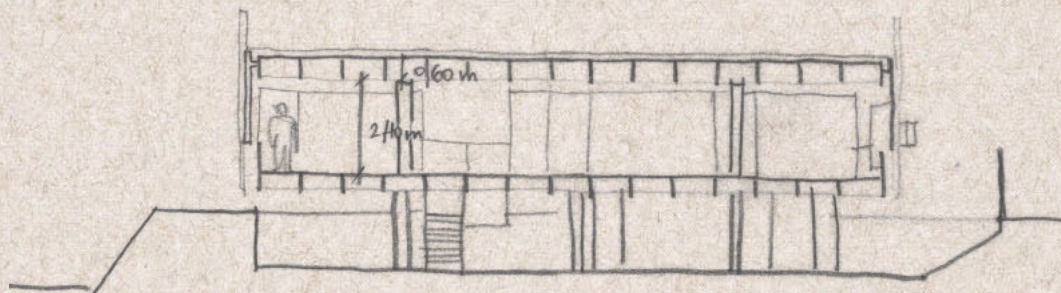


CASA NO BOTANTÁ (1964) - 66
PAULO MENDES DA ROCHA.

Área terreno : 760 m^2
" ocupada : 330 m^2
% de ocup. : $43,42 \text{ m}^2$
Área construída : $573,78 \text{ m}^2$
" útil : $281,78 \text{ m}^2$

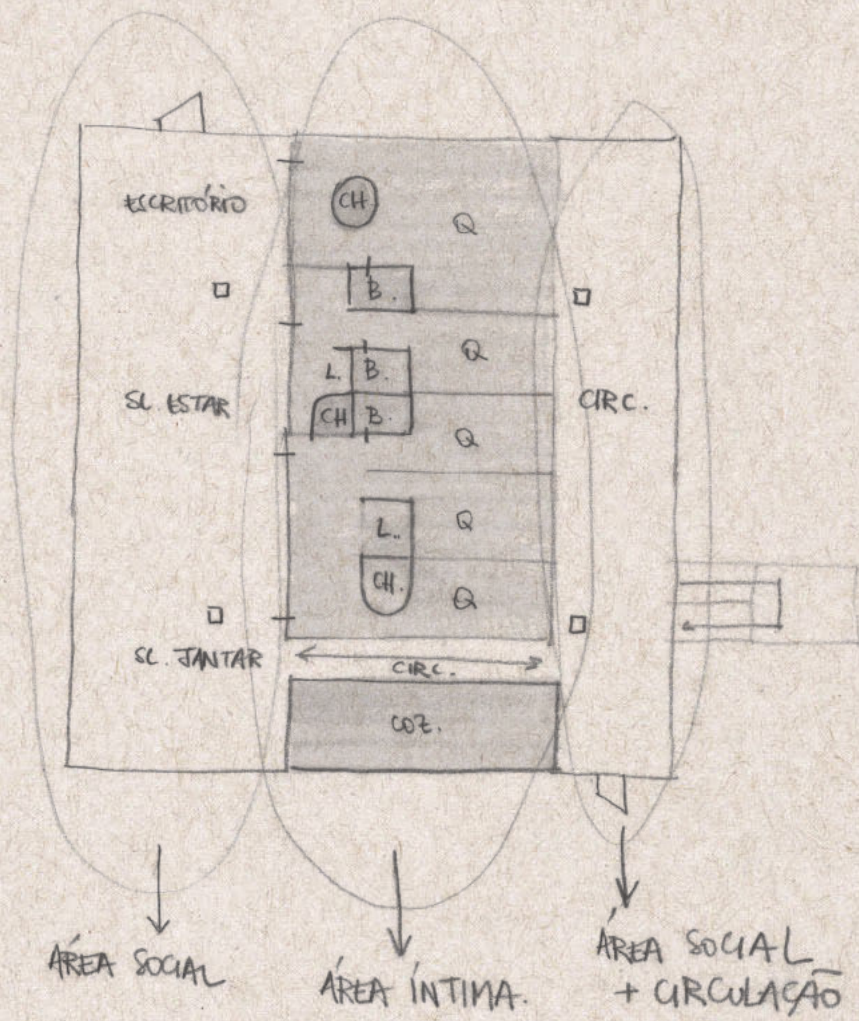


PE-DIREITO: $\approx 2,40 \text{ m}$ (+0,60m)



CORTE BB
(ESTELHADO!)

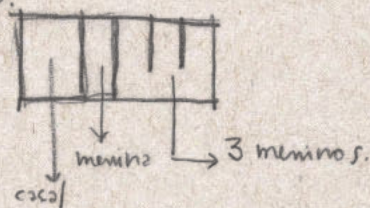
$1 = 2 \text{ m}$
 $1,2 \times$
 $x = 2,4 \text{ m}$

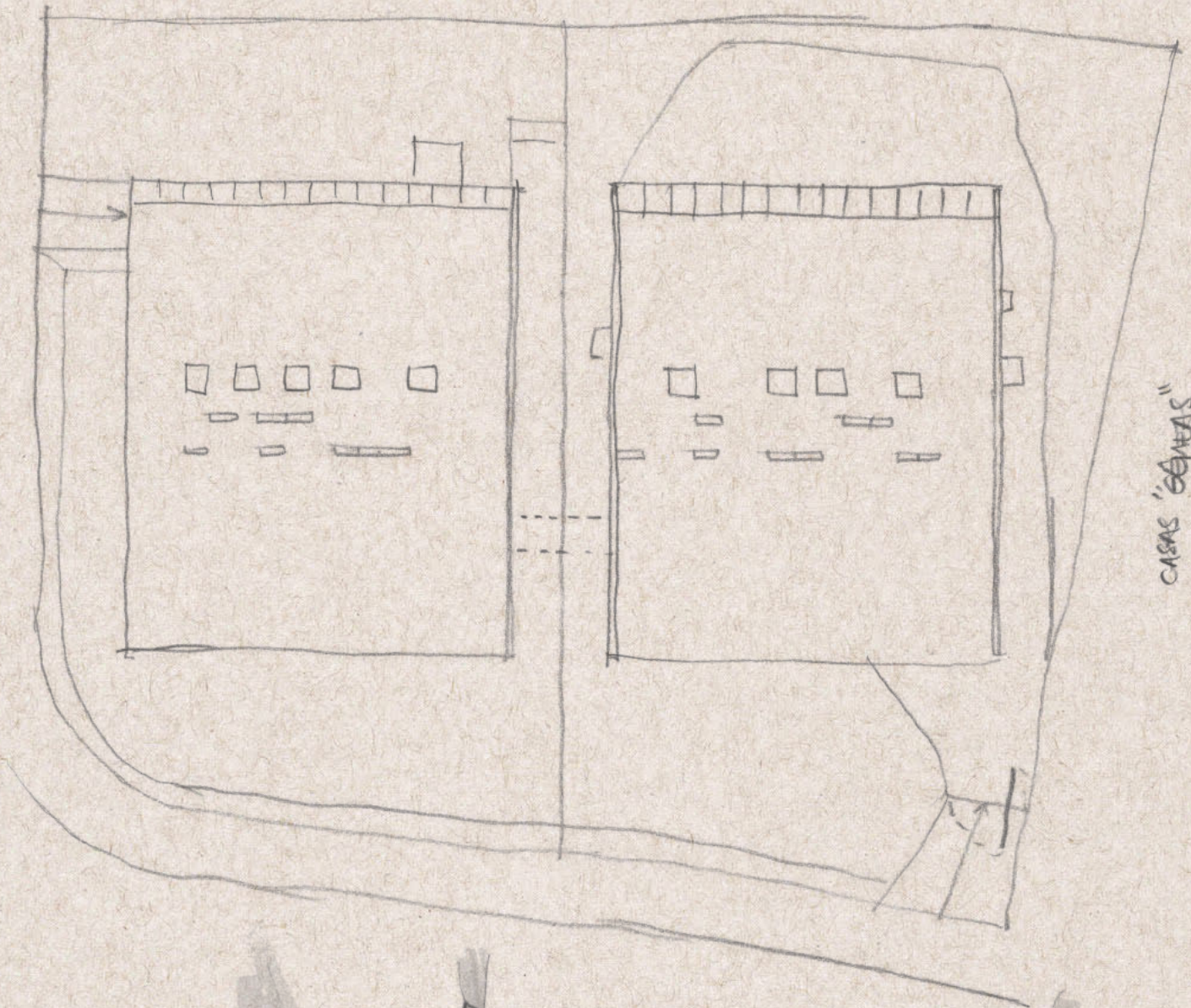


PERFIL: REAL/HIPOTÉTICO.

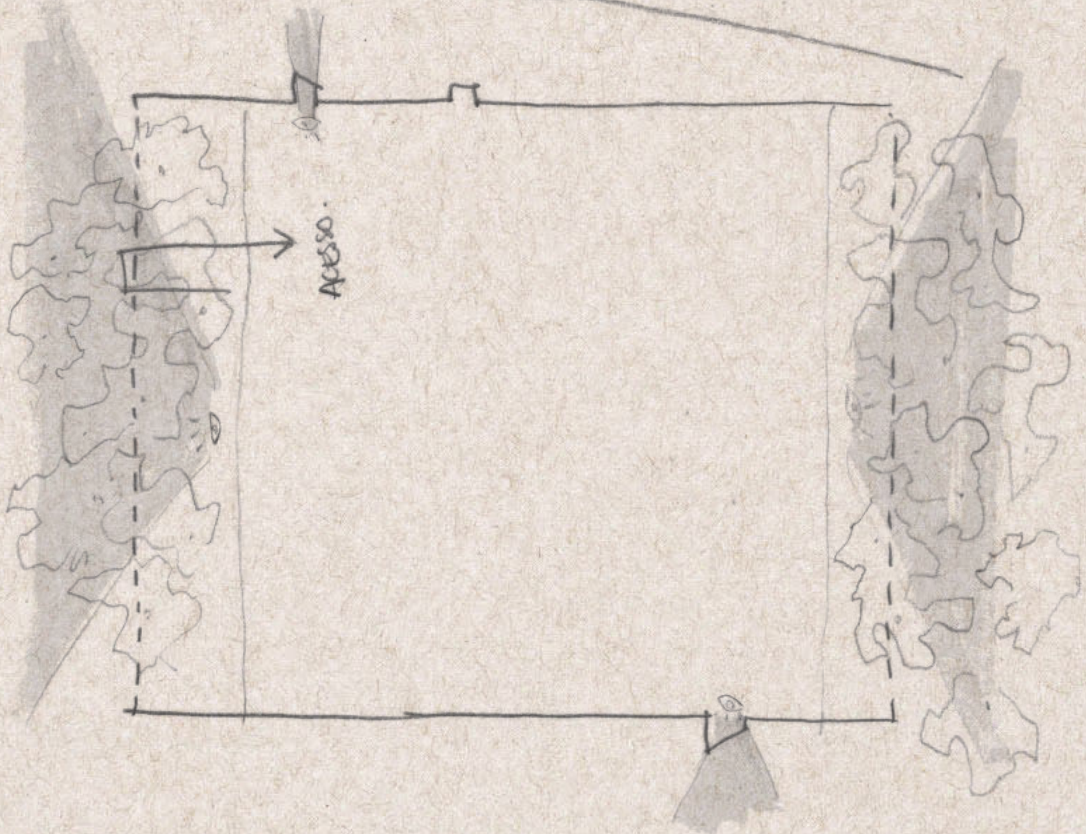
- integração grande entre todos os espaços da casa
- quartos no centro não conferem muita privacidade (assim como as paredes que não vão até o alto).
- a cozinha não é um espaço central, o coração da casa.
- maior valor às áreas de convívio.

→ 4 filhos + casal: 5 quartos
 3 meninos 1 menina.





CASAS "GEMEAS"
↳ c/ passagem.

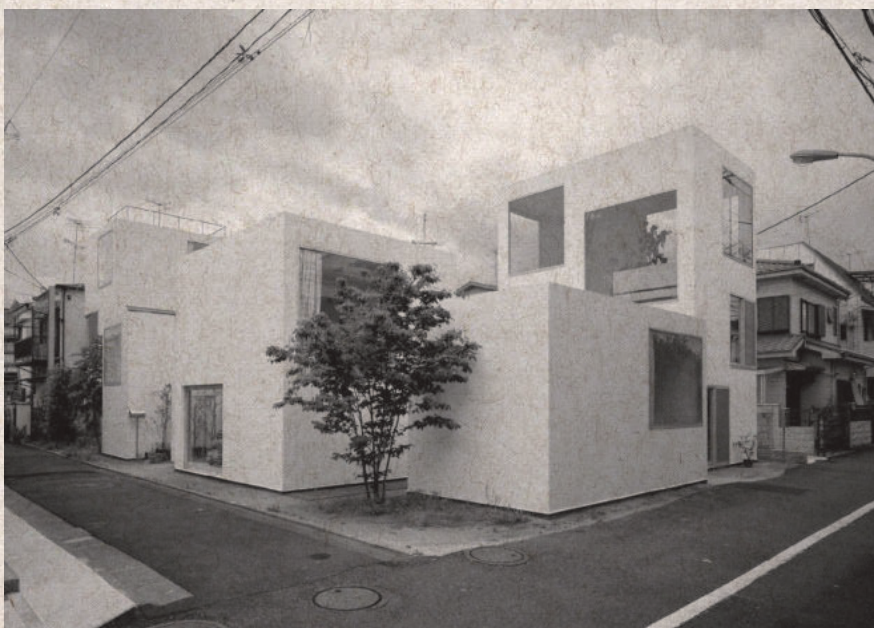


CASA MORIYAMA

SANAA | Tóquio, JP | 2005

A Casa Moriyama nos faz questionar a ideia padrão de casa: um volume único que concentra todos os cômodos. Este projeto fragmenta o bloco único em volumes desiguais entre si. Alguns acolhem diversos programas, como por exemplo um quarto, cozinha e banheiro, enquanto outros apenas um estúdio ou mesmo um banheiro. Ou seja, ora servem como uma casa completa embora compacta, ora são apenas um cômodo isolado. Ao todo são cinco cozinhas, sete salas, dois espaços de estudo e quatro quartos. Desta maneira, o proprietário pode optar por usufruir dos diferentes volumes como partes da sua casa ou alugá-los para moradores temporários. Ainda, esse caráter fragmentado impõe ao morador o contato com o exterior ao transitar entre volumes.

O domínio da residência muda de acordo com sua própria vida. Estou pensando em criar uma casa na qual o cliente pode usufruir de vários espaços e estilos de vida, sem fixar o espaço de habitar em um lugar em particular na casa. (EL CROQUIS, 2004, p. 364, tradução da autora)

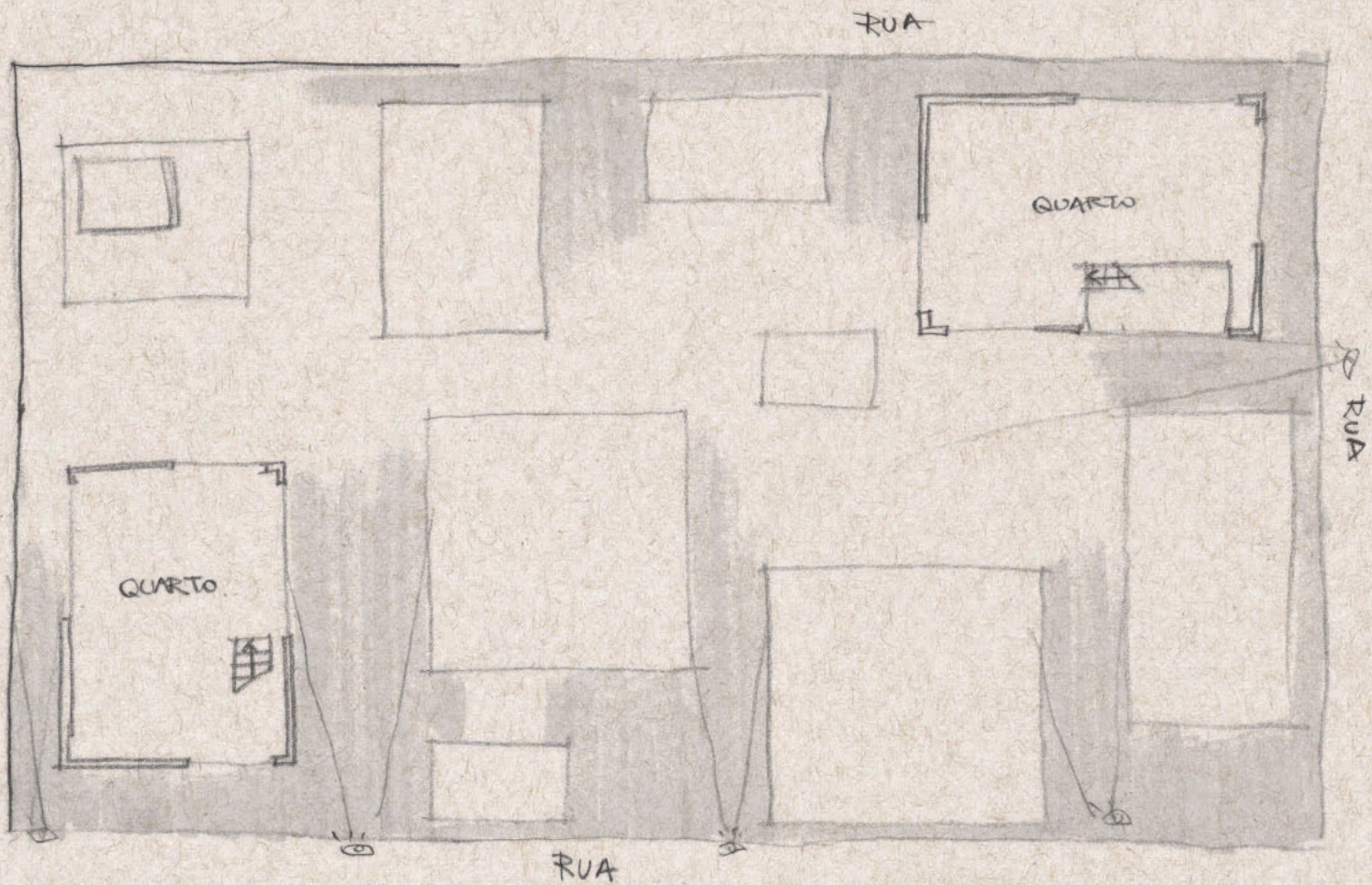


Embora o espaço entre-volumes seja de livre acesso, a maneira como estão dispostos resguarda o interior do lote. Esses espaços entre-volumes podem ser apropriados pelos moradores para além de seu uso como circulação, sendo usados como quintais, onde podem ocorrer atividades de sociabilização.

Os volumes estão implantados em diferentes níveis e possuem distintas alturas de pé-direito, assim como número de andares. Este aspecto proporciona pontos de vista diversos, além de uma distinção clara da independência dos volumes, cada qual com suas características.

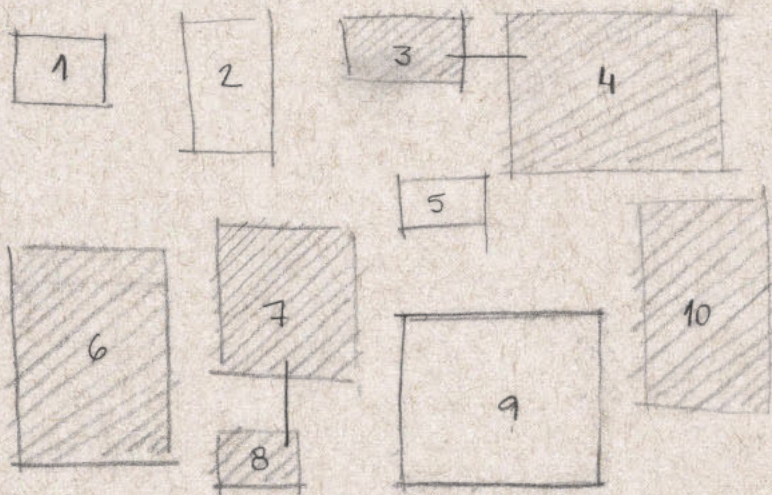
Os blocos possuem grandes aberturas - janelas e portas - o que potencializa ainda mais a relação dos moradores com a área externa. Em contrapartida, a relação visual entre vizinhos é cuidadosamente controlada, ora protegendo o interior, ora incentivando a troca. Terraços de uma unidade e espaços fechados de outras se entreolham.

CASA MORIYAMA (2002-05) - Tóquio, JP
SANA A



(+2)

1 1 1 1 1 1
0 1 2 3 4 5 ↘ N



1 BANHO
SL. ESTAR
QUARTO

2 ANEXO

3 SL. JANTAR / COZ.
BIBLIOTECA

4 ESTÚMIO
SL. ESTAR
ESTOQUE
QUARTO

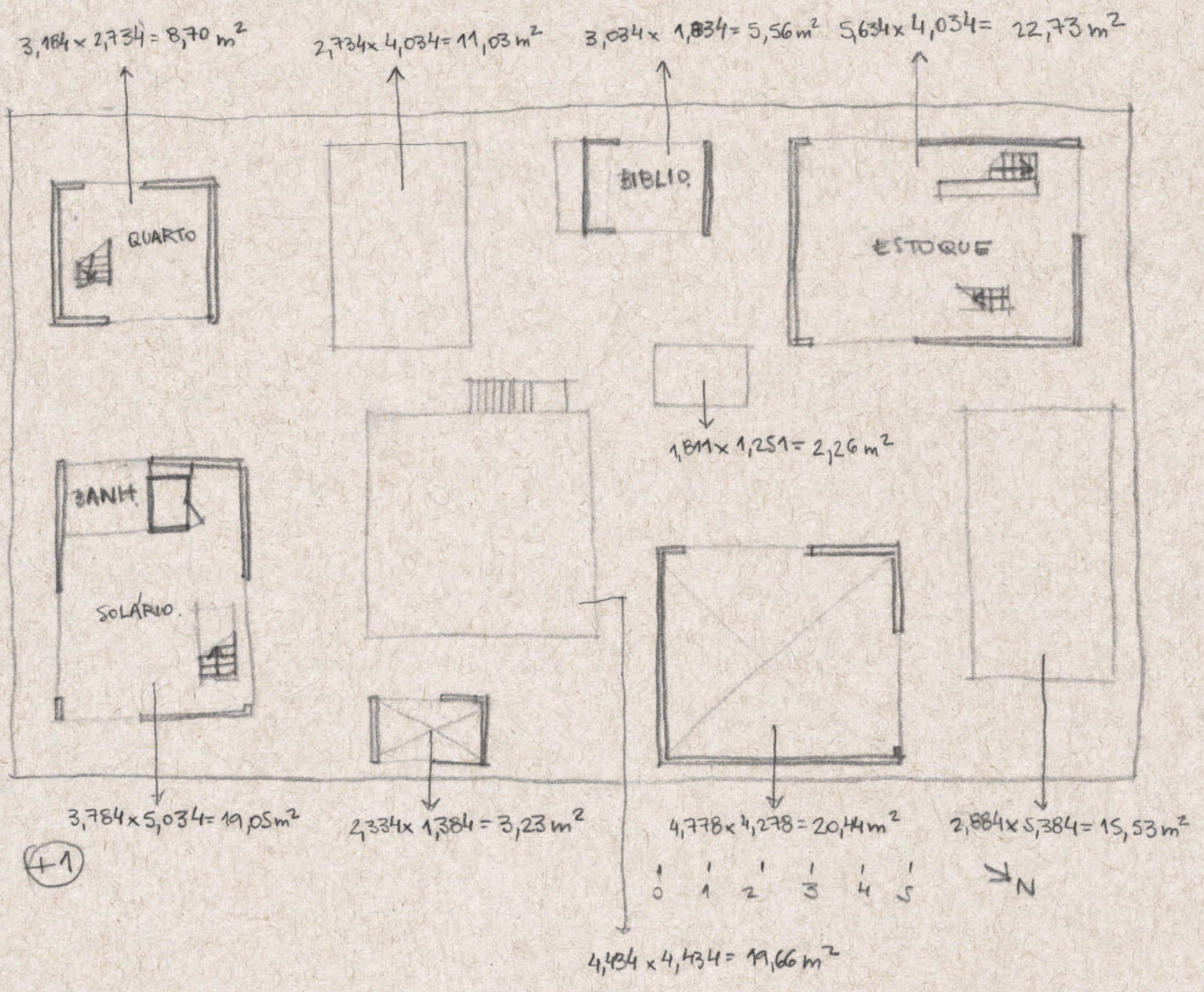
5 BANHO

/// Unidades autônomas
(c/ quarto, coz. e banh.)
→ possibilidade de aluguel independente.

7 SL. ESTAR / COZ. / QUARTO 6 SL. JANTAR / COZ.
8 BANHO SOLÁRIO
BANHO

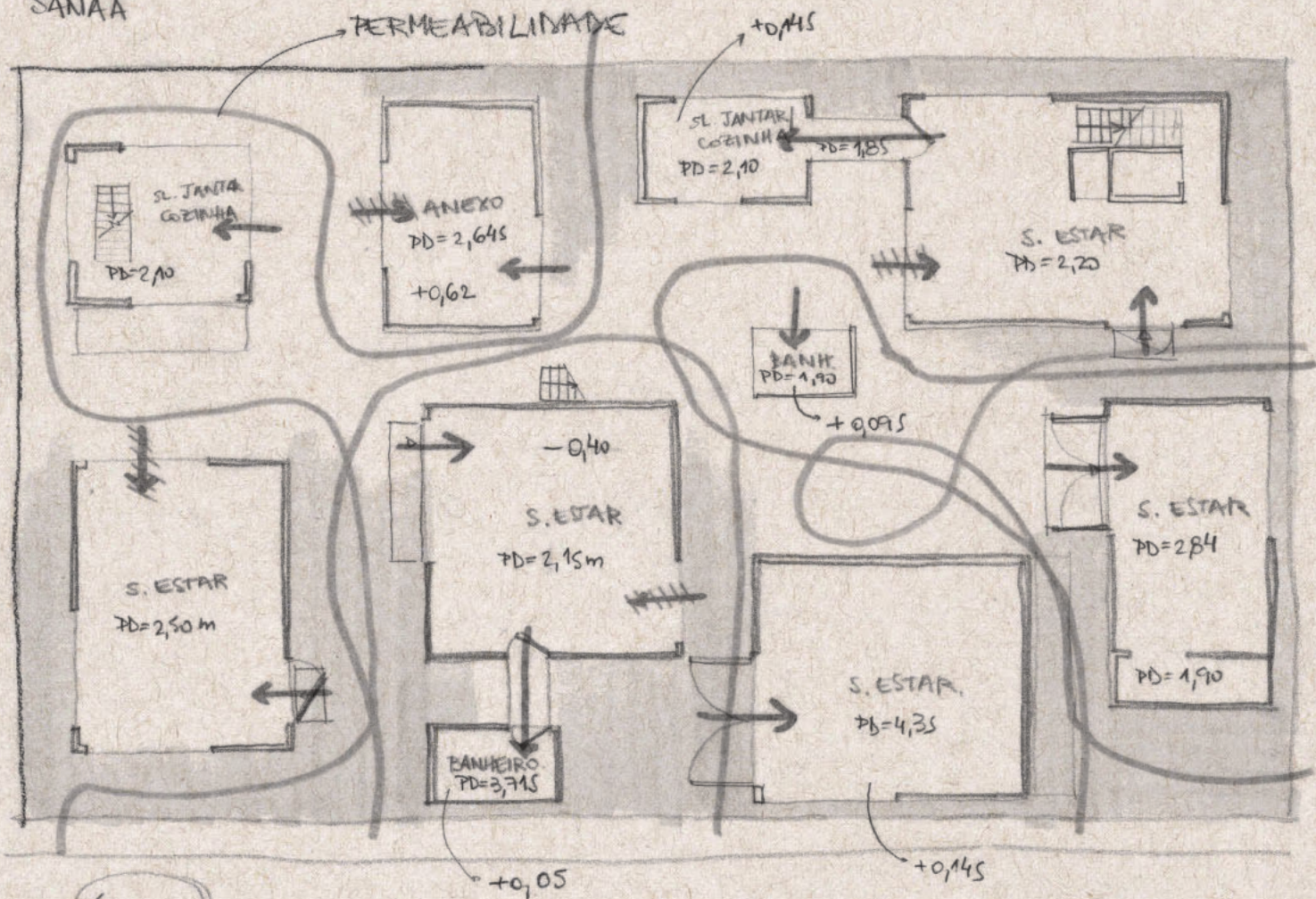
9 BANHO
SL. ESTAR / QUARTO

10 SL. ESTAR / COZ. / QUARTO / BANHO



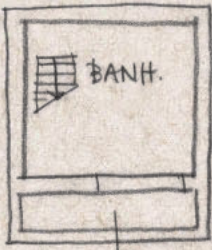
- NÃO HÁ UMA SEPARAÇÃO DE ZONA ÍNTIMA / SOCIAL...
- ↳ mas as salas de estar estão normalmente no térreo e cob.
- há áreas mais resguardadas e menos resguardadas do olhar da rua.
- org. planta: módulos separados.

CASA MORIYAMA (2002-2005) — Tóquio, JP
SANA A

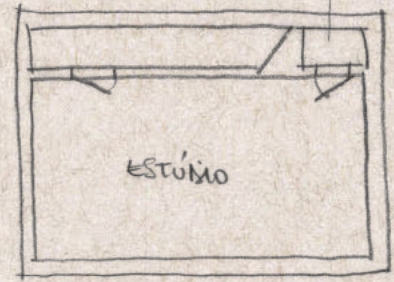


terreno: 290,07 m² / planta: 130,06 m² / superfície útil: 263,08 m²

- paredes 8,5 cm
- módulos construídos c/ finas chapas de aço galvanizado, soldadas e pintadas de branco. c/ isolante e gesso acartonado.
- conceito de "casa-cidade" e apartamento mínimo.
- sistema pré-fabricado com muros portantes de 6cm reforçados c/ aço.
- contrastes público x privado interior x exterior parte x todo.
- termopainéis e policarbonato.
- múltiplos acessos.



"DRY AREA"
↳ ventilação



ESTOQUE



"DRY AREA"
↓
ventilação

①

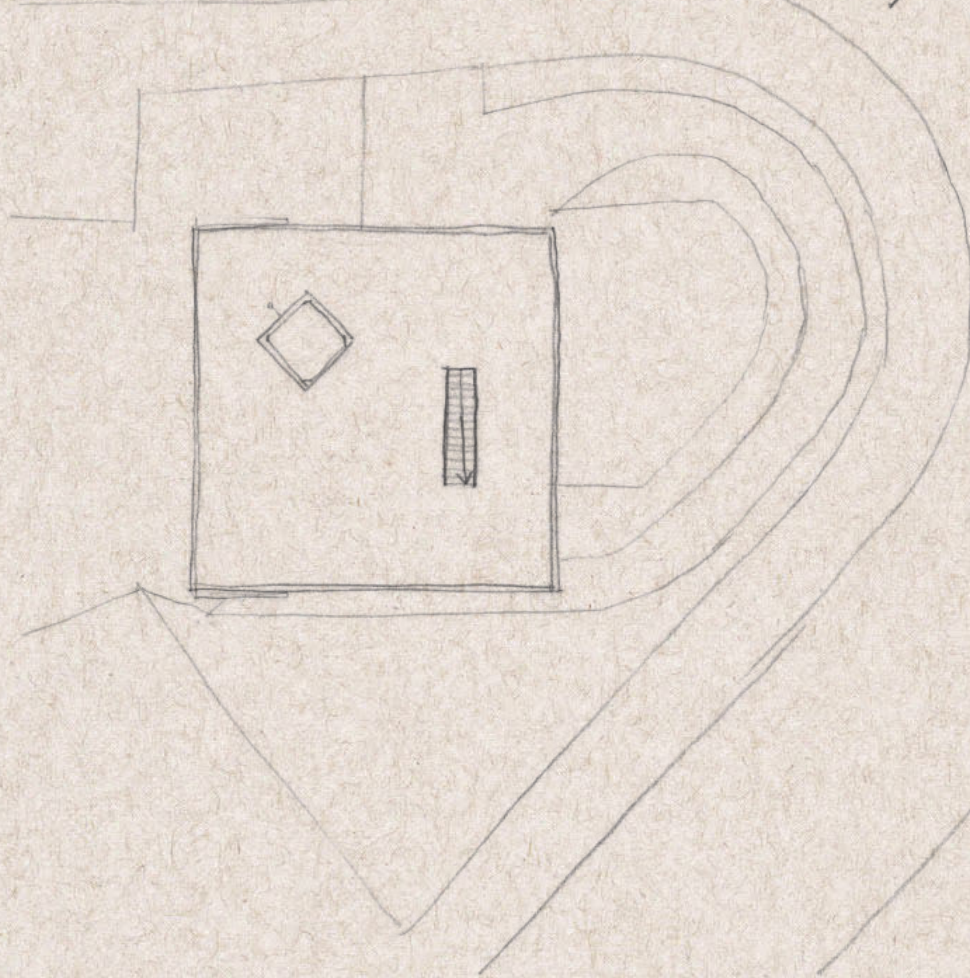
RESIDÊNCIA NA VILA ROMANA

MMBB | São Paulo, BR | 2006

Esta residência se insere em um movimento mais recente na arquitetura de aproximação entre trabalho e moradia. O projeto é pensado para um artista plástico e é ao mesmo tempo casa e estúdio, separados visualmente e funcionalmente - o que significa que possuem autonomia. Constituem três planos de intervenção em três movimentos frente ao grande declive do terreno: um semienterrado, outro em nível, e o terceiro suspenso. O estúdio, volume na cota mais baixa, tem empenas cegas, para favorecer a concentração e se abre para o exterior em um movimento de “portas abertas”, apto a receber visitas. Já o vão entre o estúdio e a casa serve como espaço multiuso e dá acesso às áreas mais privativas, a casa do artista. Seu terraço aberto ao céu possui parapeito opaco que permite um uso protegido do olhar público.



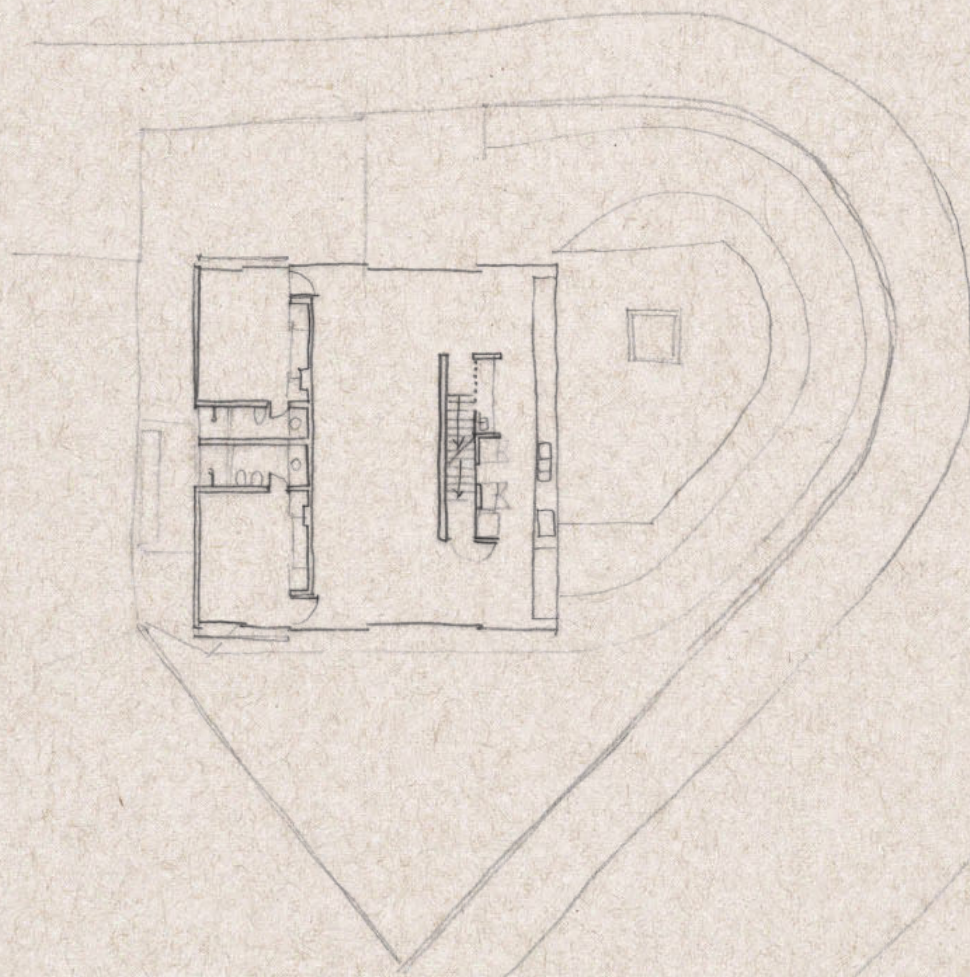
RESIDÊNCIA NA VILA ROMANA - MMBB (2005)



NÍVEL 810,75

COBERTURA

terrapo $12 \times 12 = 144 \text{ m}^2$

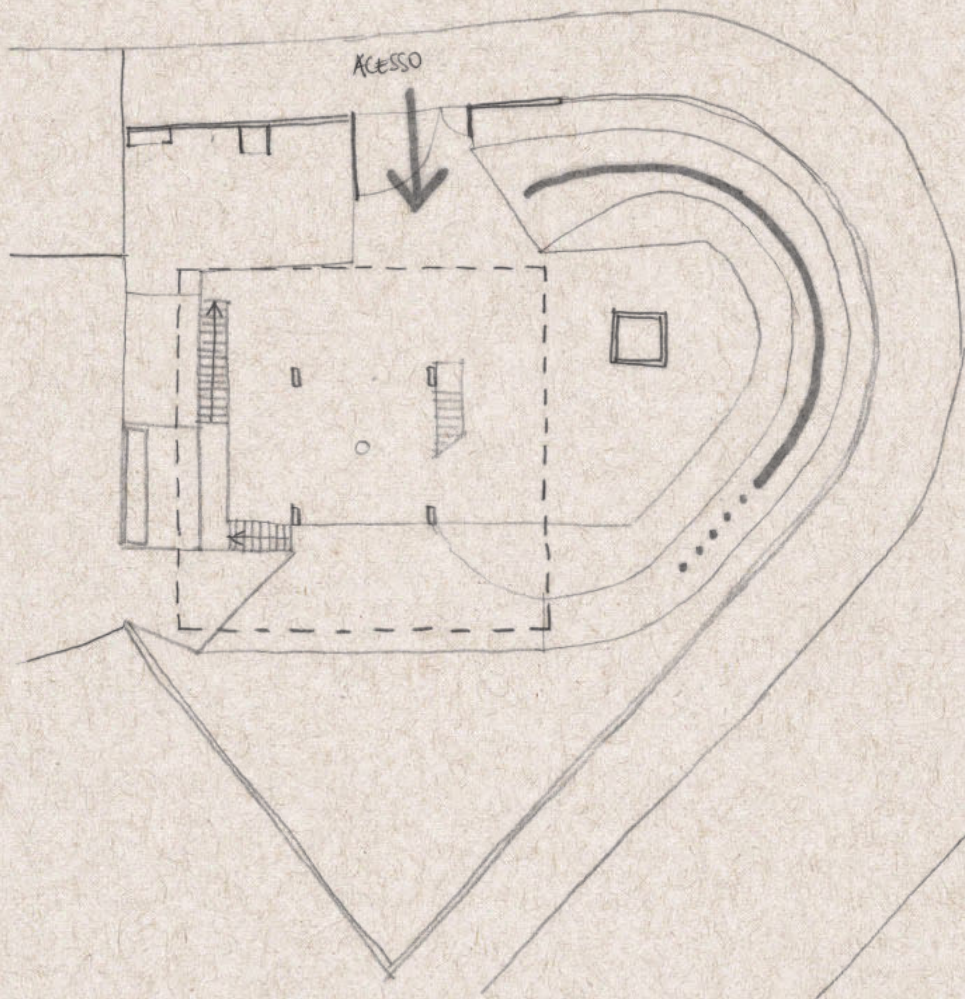


NÍVEL 807,35

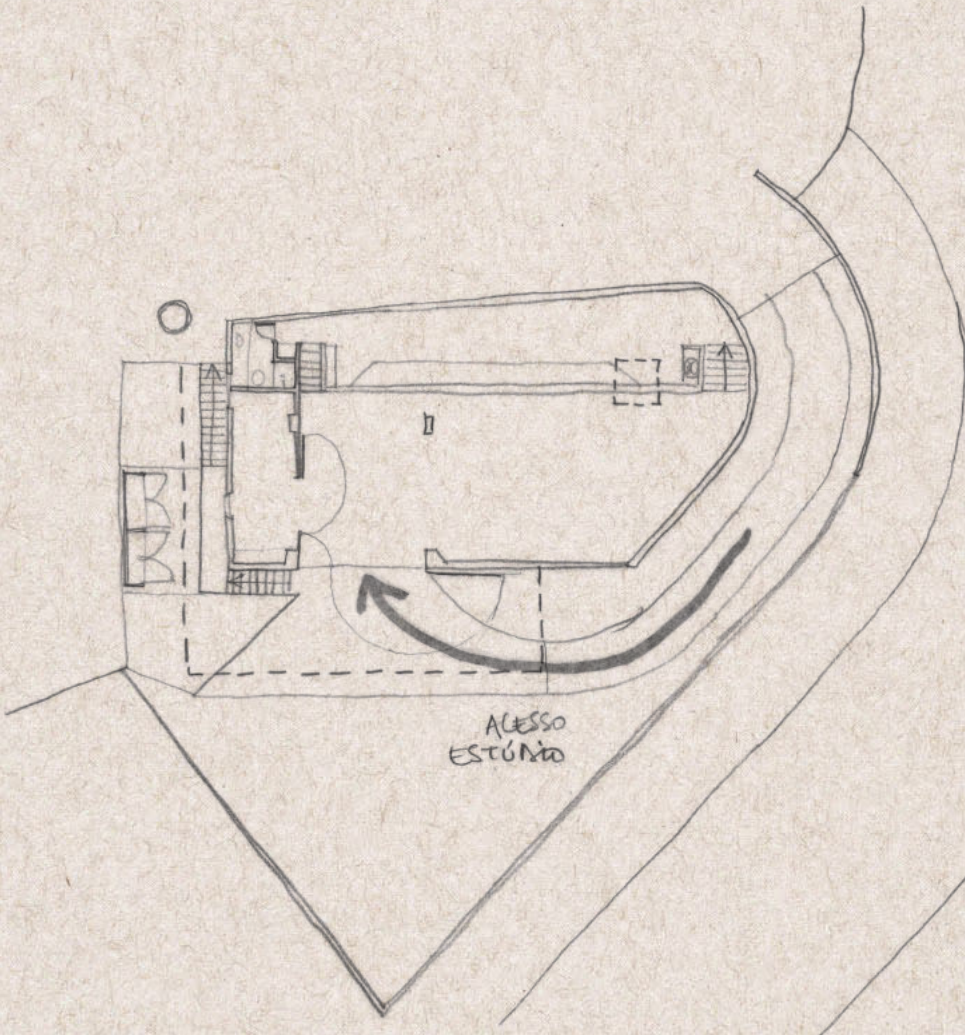
PLANTA DA CASA

quarto 1	$15,56 \text{ m}^2$
quarto 2	$15,56 \text{ m}^2$
banheiro 1	$1,40 \times 2,98 = 4,10 \text{ m}^2$
banheiro 2	$1,05 \times 2,93 = 3,07 \text{ m}^2$
sala	$4,23 \times 12 = 50,76 \text{ m}^2$
coz.	$3,625 \times 12 = 32,7 \text{ m}^2$ (-90)
	$+10,8 \text{ m}^2$ (circulação)



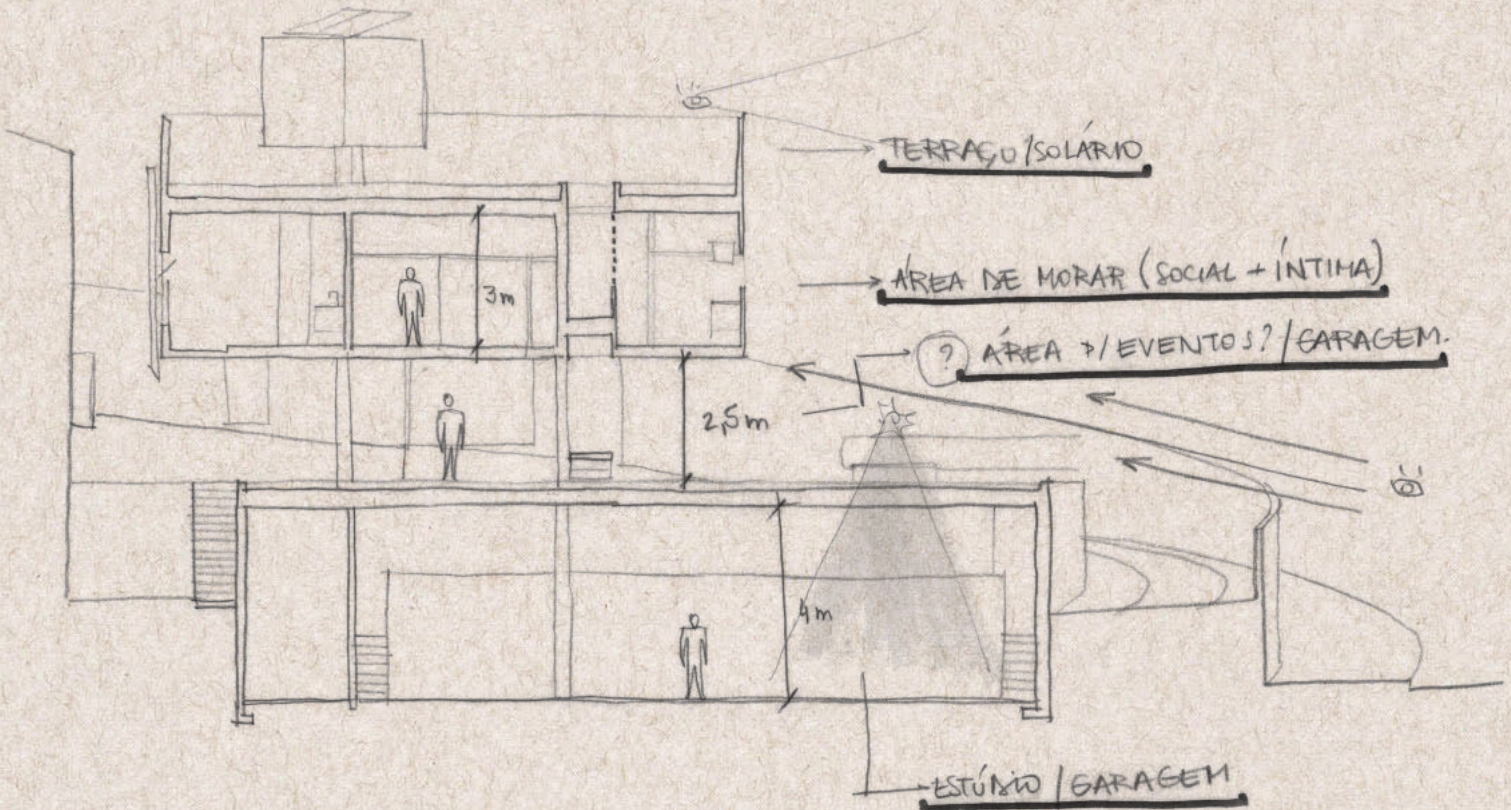


← 0 1 2 3 4 5
 NÍVEL 804,60
 PLANTA PILOTIS.



NÍVEL 800,10
 PLANTA GARAGEM
 oficina 120m²

N ←

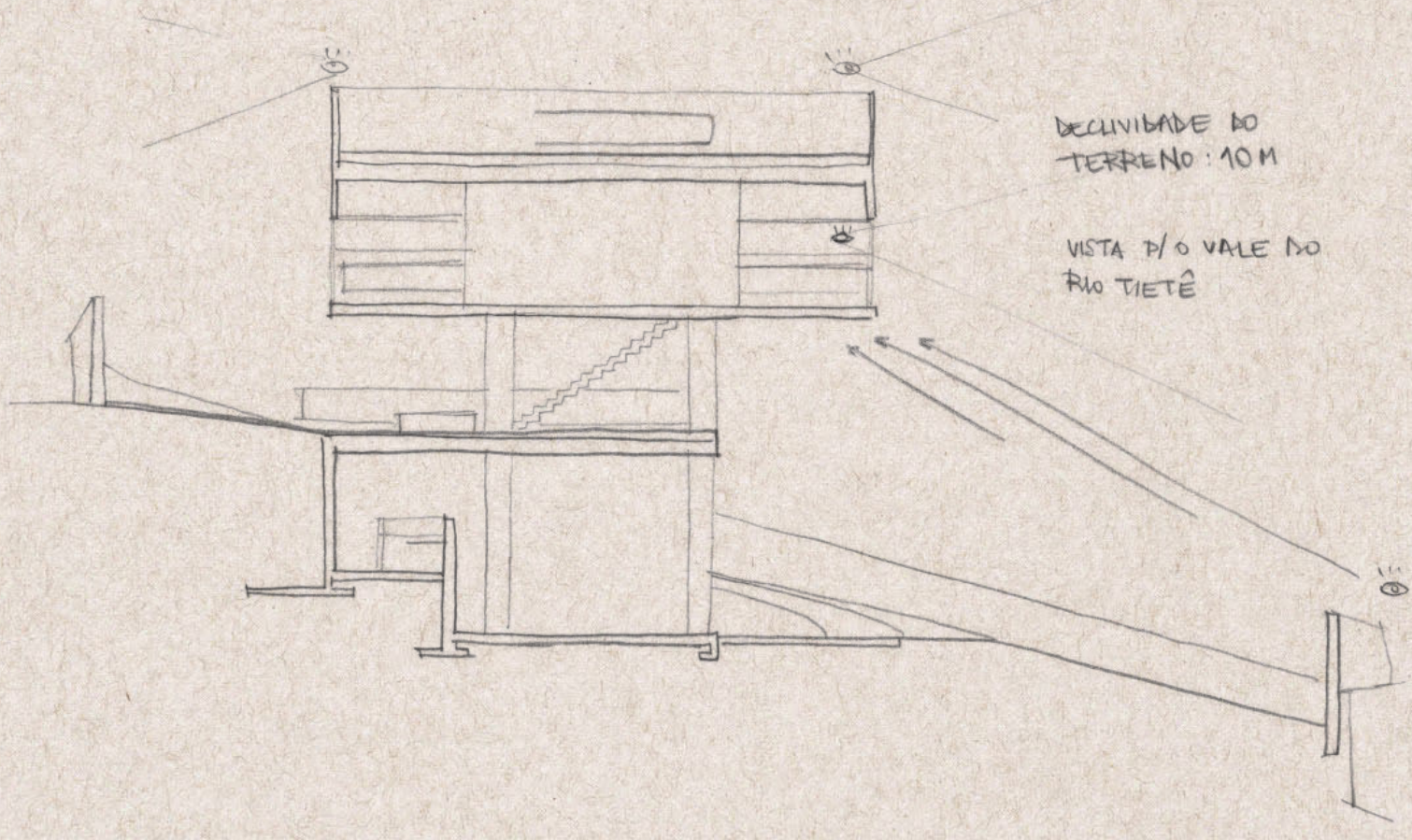


VOLUMES INDEPENDENTES:

- MORADIA
- TRABALHO



0 1 2 3 4 5 6

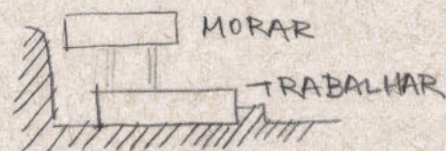


DECLIVIDADE DO TERRENO: 10 M

VISTA P/ O VALE DO RIO TIETÊ

PERFIL REAL / HIPOTÉTICO

- estética plástica
- necessidade de espaço de trabalho / espaço de socialização
- +
→ necessidade do espaço de morar
- possivelmente s/ família ou família reduzida.
- separação clara entre os usos. → reflexo do seu perfil.



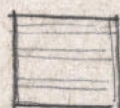
MATERIALIDADE



CONCRETO
APARENTE



VIDRO.



METAL
(PRATA E
PRETO)



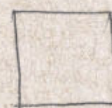
PINTURA
BRANCA



GRANILITE



DECK DE
MADEIRA



PINTURA
VINHO/BORDÔ
(QUARTO)



VEGETAÇÃO



MURO
PRETO

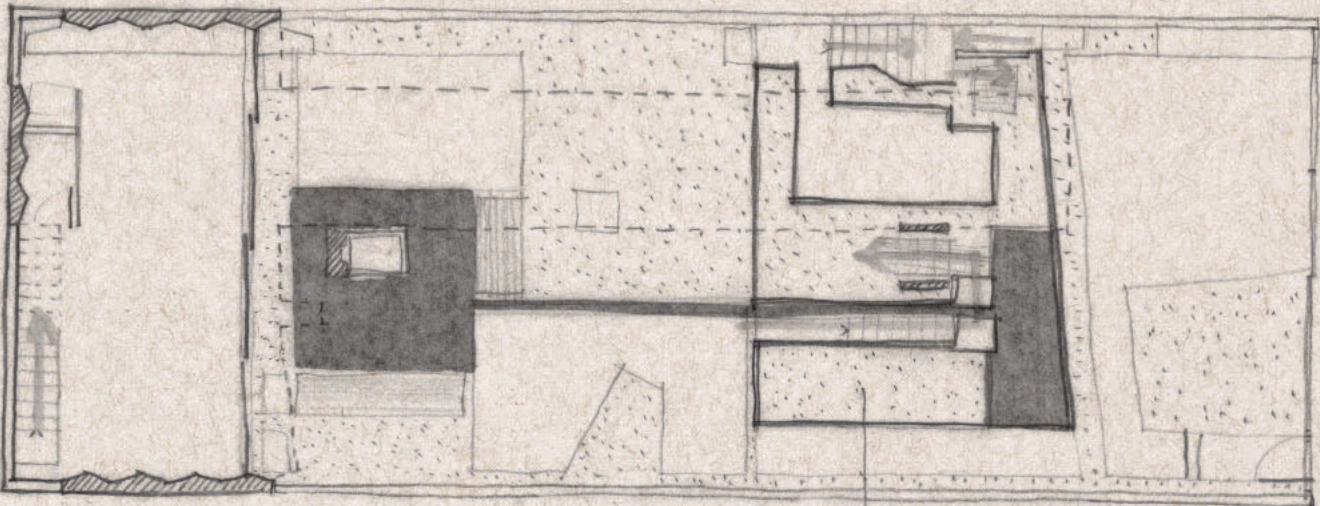
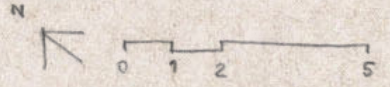
CASA DE FIM DE SEMANA

SPBR | São Paulo, BR | 2010-14

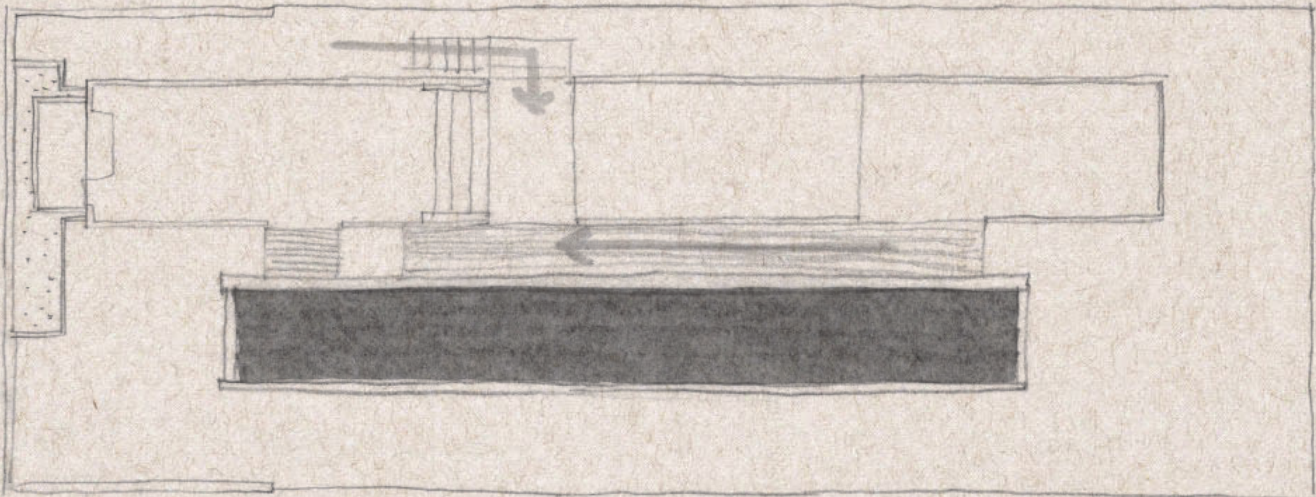
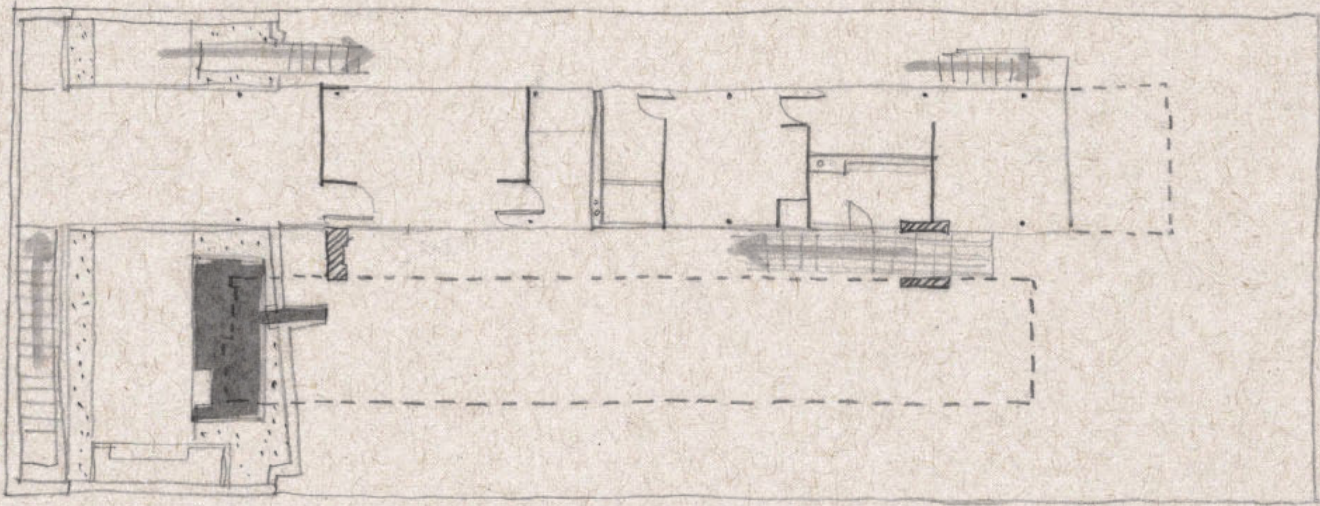
A Casa de Fim de Semana nos interessa por sua proposta inusitada: uma casa de lazer na densa capital paulistana. Essa proposta reforça a separação que fazemos da casa do dia-a-dia da casa de temporada: independentemente de sua localização, é seu caráter que dá o tom. A residência adota como um novo chão seu pavimento superior, aquele mais ensolarado, e é onde se situa a piscina e o solário. A cota mais baixa funciona como um grande jardim, úmida, protegida do sol direto, com um espaço de apoio de sala e cozinha. A área íntima constitui um volume intermediário entre o plano ensolarado e o plano úmido. Em sua parte frontal se encontra a moradia do caseiro, no contato com a rua, enquanto que o restante da casa se recolhe nos fundos do terreno.

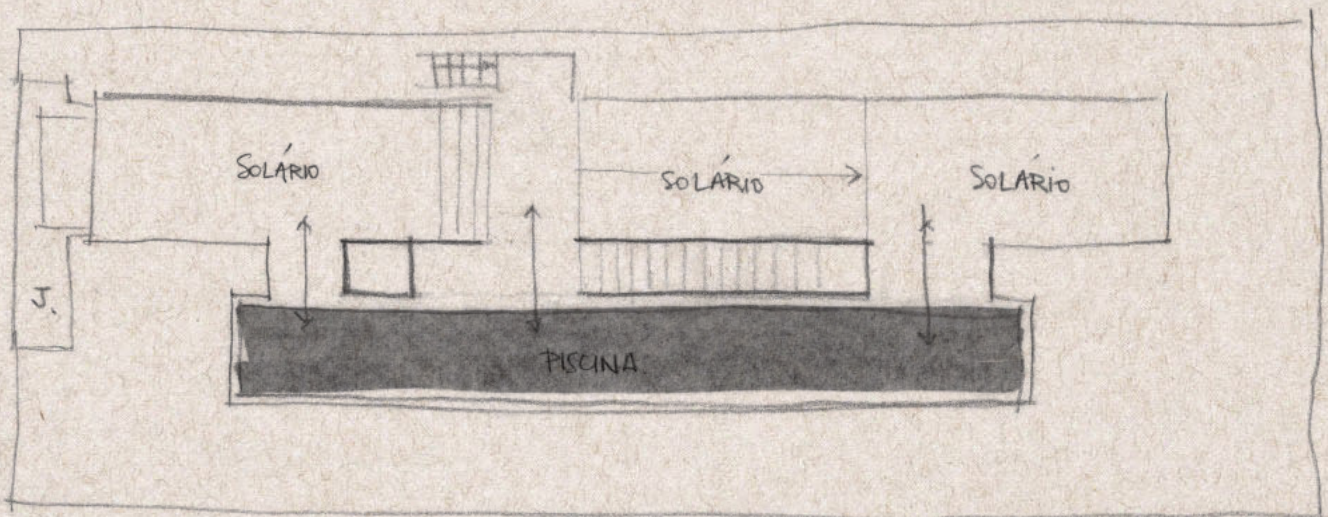
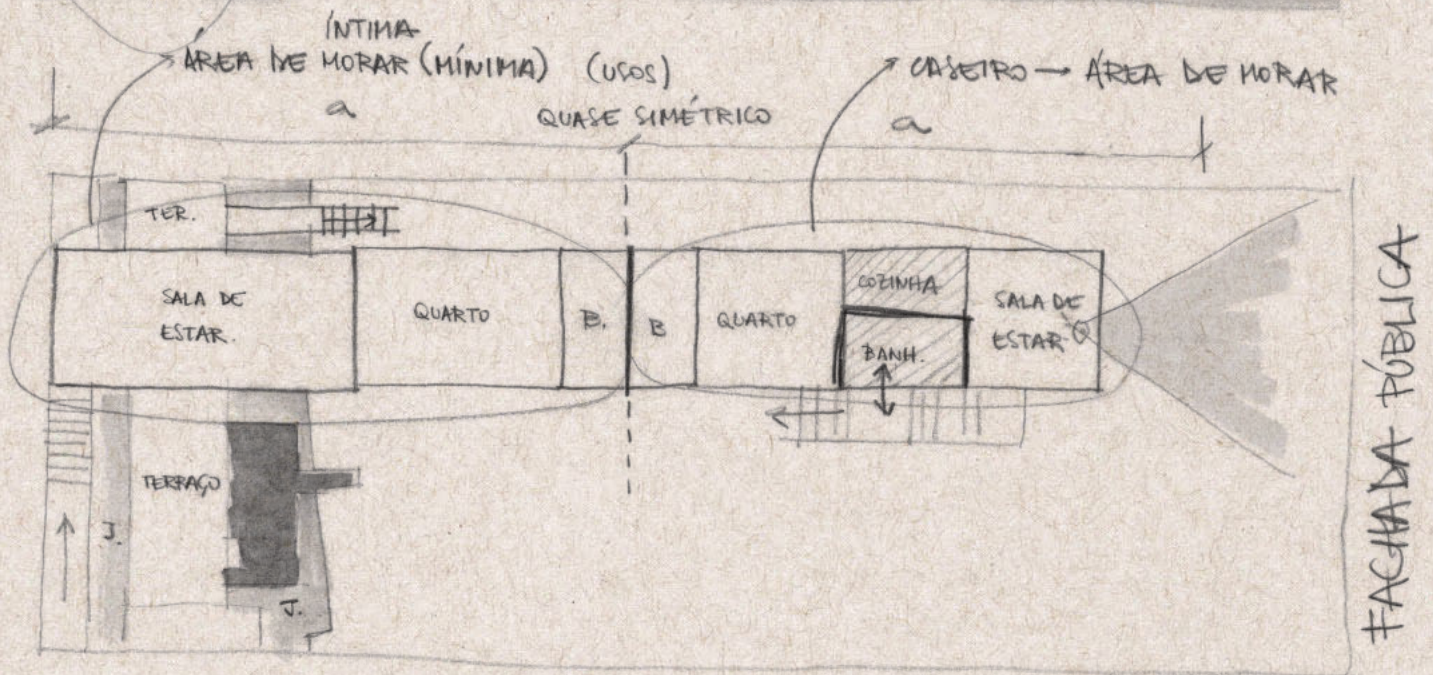
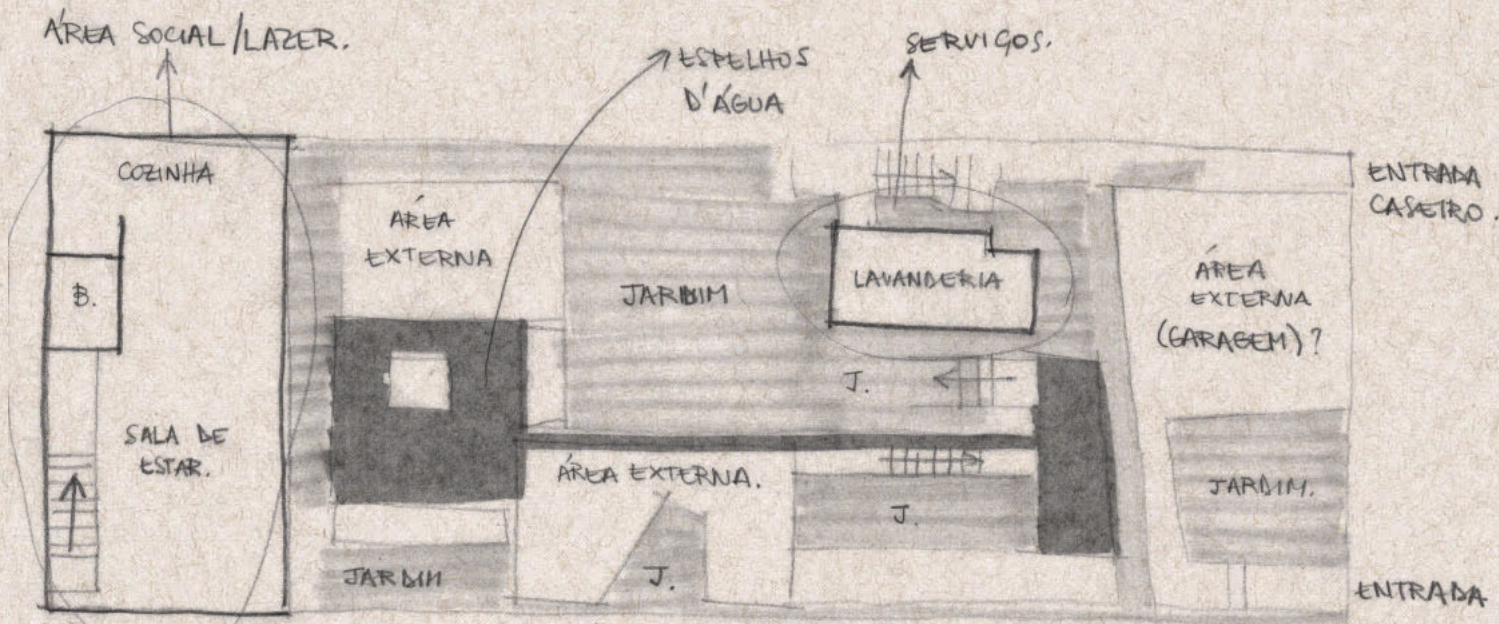


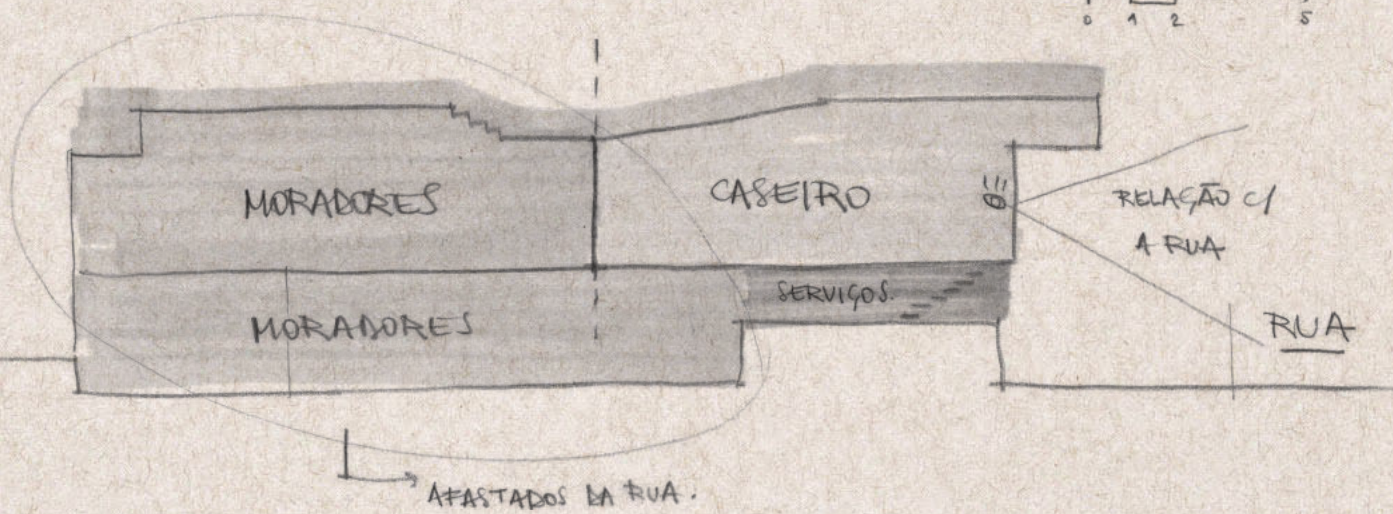
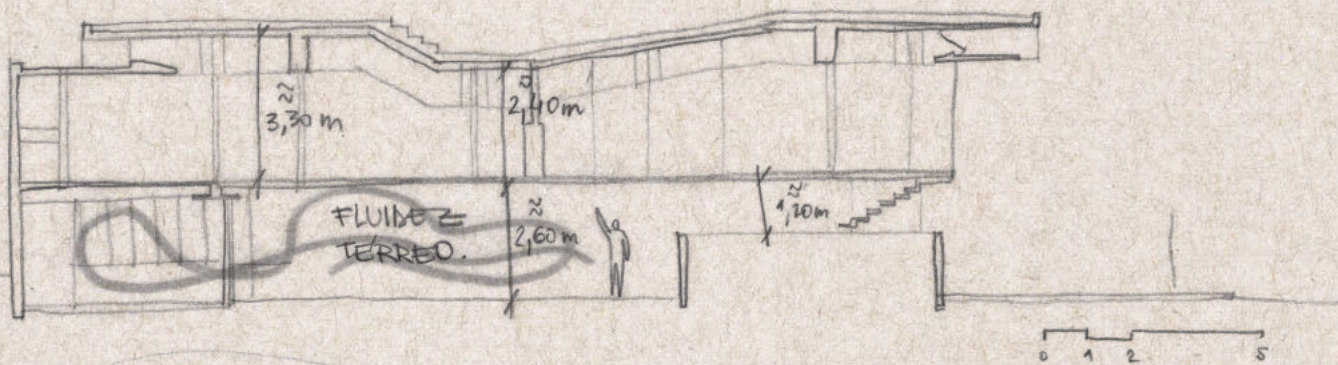
CASA DE FIM DE SEMANA - SPBR

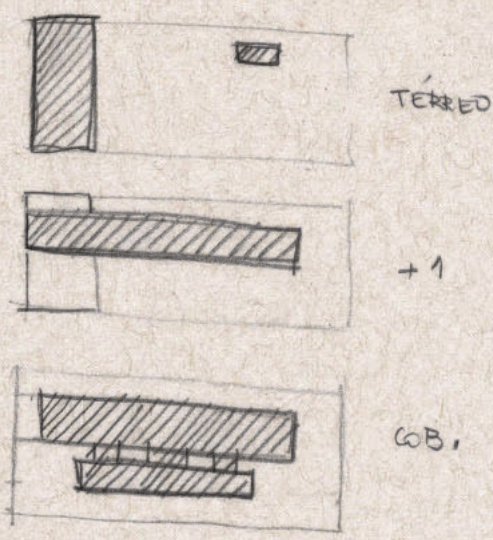


JARDIM EM OUTRO NÍVEL!









PROGRAMA	ÁREAS		ÁREAS		
T	SALA DE ESTAR / JANT.	33,5	SALA ESTAR	7,5	
	BANHEIRO	2,30	COZ.	3,5	
	COZINHA	10,7	BANH.	3,2	
	LAVANERIA	8m ²	QUARTO	7,8	
	ÁREA EXTENA	170,5	BANH. EXT.	2,8	
	JARDIM	+52,3 p/bt.			
1	SALA DE ESTAR	17,2	COB	SOLÁRIO	68,8
	QUARTO	11,5		PISCINA	39m ²
	BANHEIRO	3,2			
	TERRAÇO	32,5			
	JARDIM				

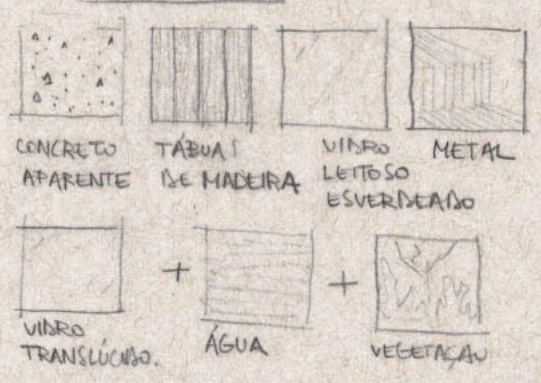
TERRENO: 267,5 m²

A. constr. 46,5 + 8 + 64,8 = 119,3 m²

PERFIL:

- casa de lazer em SP
 - ↳ área de lazer espaçosa
 - ↳ espaço de mover reduzido / mínimo.
 - ↳ contato c/ áreas verdes e a água
 - ↳ espaço da casa afastado do contato c/ a rua.
 - ↳ distanciamento da cidade.
 - ↳ ao mesmo tempo, coloca o casarão (que mora) em contato c/ a rua.

MATERIALIDADE



CASA ALVES COSTA

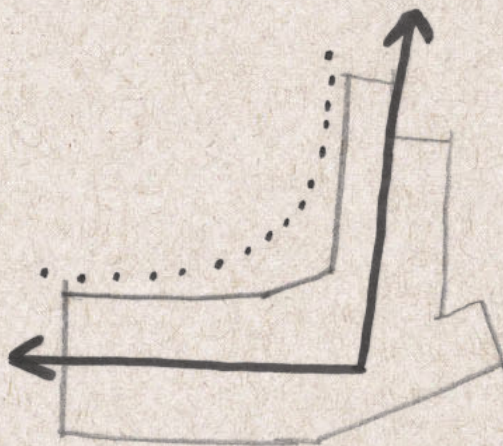
Álvaro Siza | Caminha, PT | 1964-71

A casa se organiza em dois eixos, configurando-se em formato de “L” e dando forma a um espaço externo de natureza, para onde se abre a maioria dos ambientes, inclusive quartos. Tal configuração permite o contato visual entre os dois braços da casa, criando uma relação intimista. Ao centro, conectando o núcleo de serviço e o núcleo íntimo dos quartos, situa-se a sala, ponto de inversão do edifício e acesso principal. A casa volta-se claramente para dentro, escondendo-se da rua, o que se percebe por sua entrada protegida da visão de quem chega.

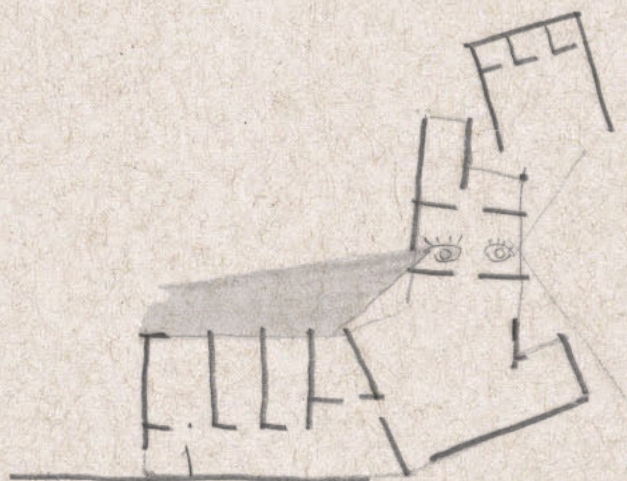


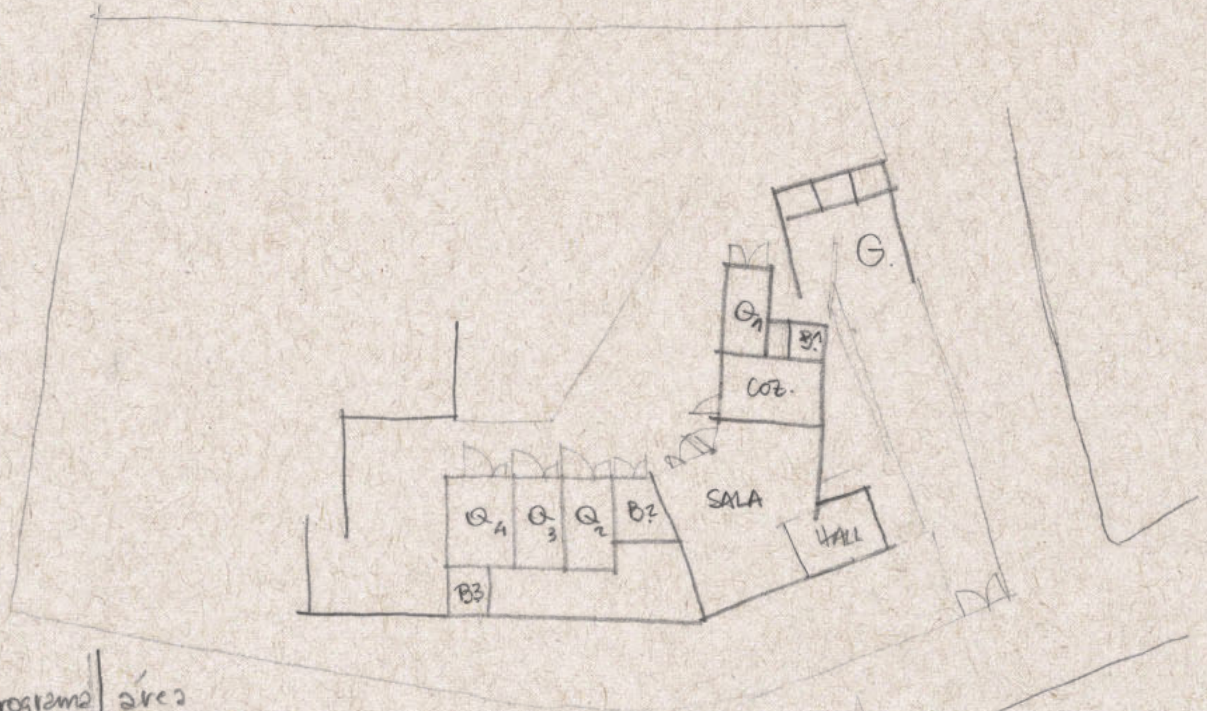
CASA ALVES COSTA
Alvaro Siza

ÍNSUA.



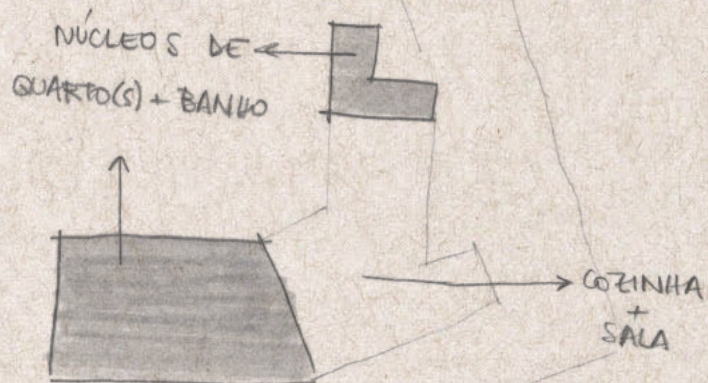
PLANTA "EM L"
OU CÔNCAVA





programa	área
Sala	13,5 m ²
hall	9,2 m ²
banho 2	5,8 m ²
quarto 2	8,1 m ²
" 3	8,1 m ²
" 4	10,8 m ²
banho 3	3,3 m ²
cozinha	12,6 m ²
banho 1	2,3 m ²
quarto 1	6,8 m ²

área construída	148,4 m ²
área terreno	1145,8 m ²



VILL'ALCINA

Sérgio Fernandez | Caminha, PT | 1971-73

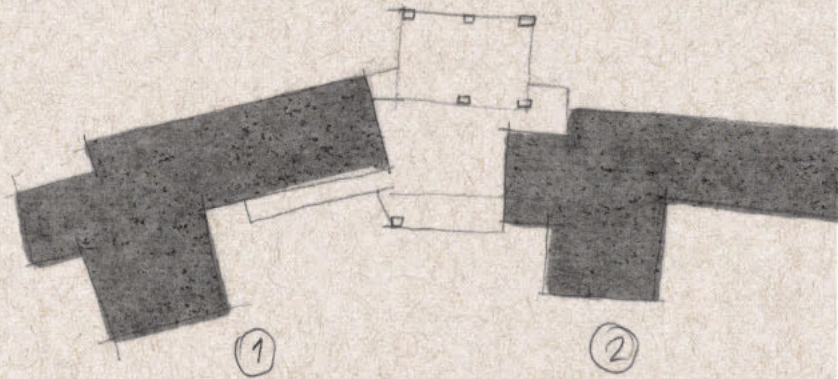
Cada uma das casas, gêmeas porém não simétricas, se implanta em dois eixos: paralelo e perpendicular à declividade do terreno. A sala e cozinha, situadas no eixo perpendicular, usufruem do desnível para criar uma separação entre os espaços, feito através de um banco-mureta. Já os quartos, em cota mais alta que a cozinha, seguem de maneira linear sobre a curva de nível, separados do corredor de circulação apenas por cortinas, configurando quartos-alcova. As grandes aberturas do corredor trazem para dentro da casa a natureza circundante.

A casa traduz uma atmosfera de proximidade entre os moradores, dada pelos quartos abertos, mas ainda assim protegida dos espaços comuns.



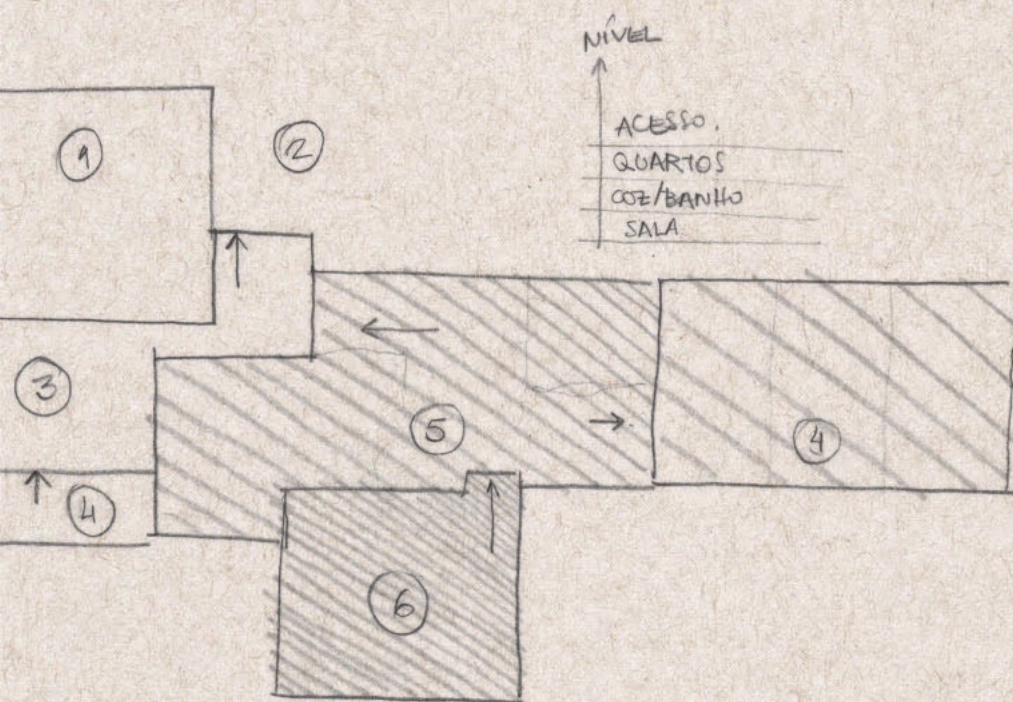
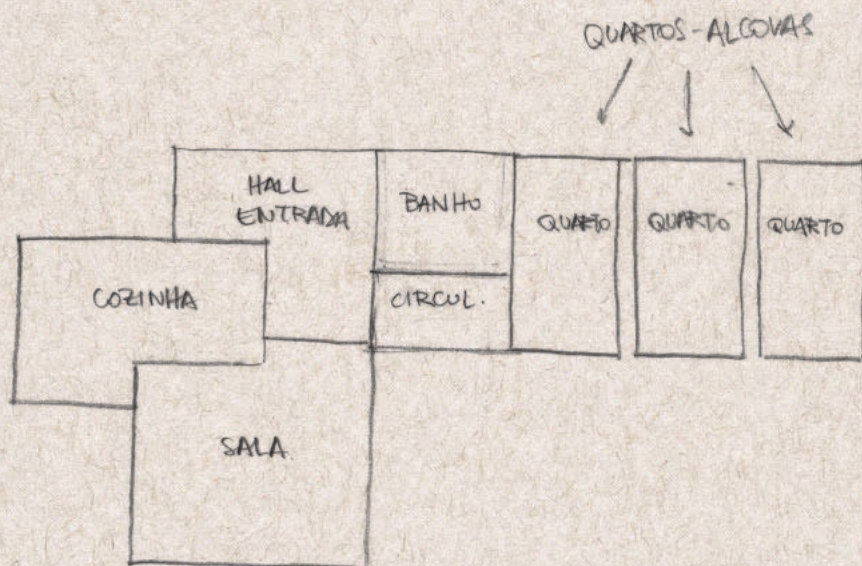
VILL'ALCINA
Sérgio Fernandez

A CASA DO LADO



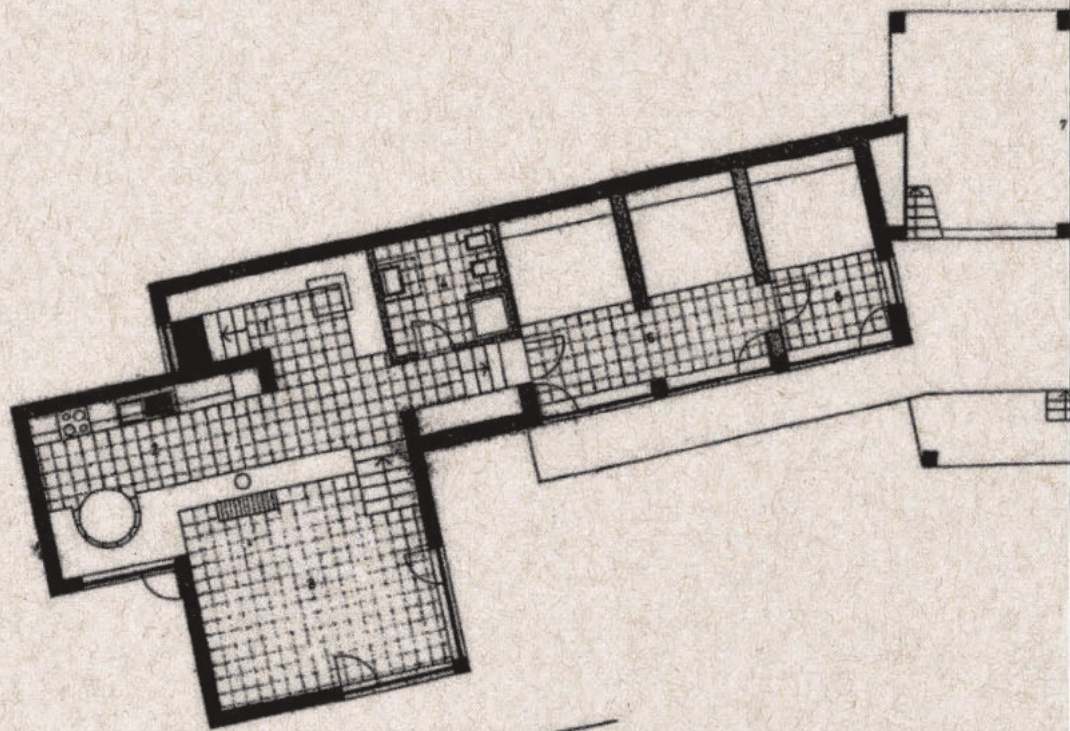
CASAS GÊMEAS
(MAS NÃO SIMÉTRICAS)

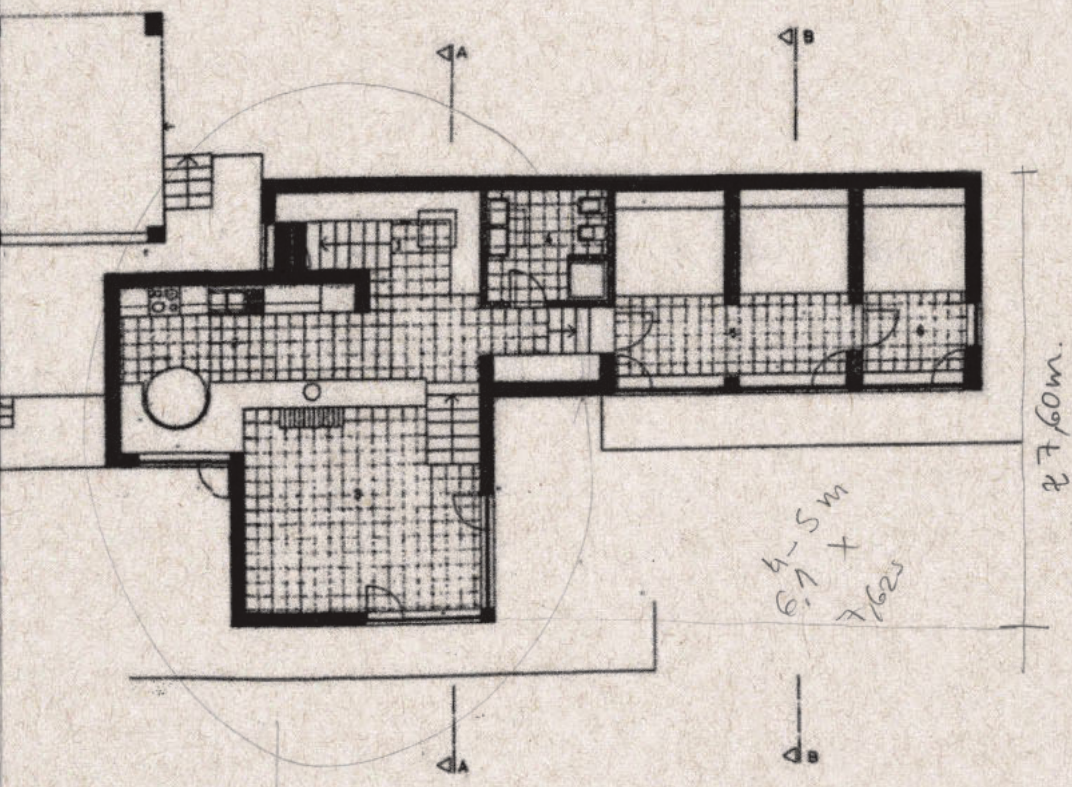
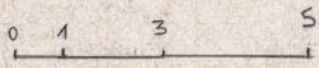
programa	áreas.
hall	14,9 m ²
cozinha	14,5 m ²
Sala	20 m ²
banho	5,4 m ²
quarto 1	8,8 m ²
quarto 2	8,8 m ²
quarto 3	8,8 m ²
área externa	70,5 m ²
área construída	100,1 m ²
(x2)	200,2 m ² + 70,5 m ² externos.
área terreno	(?)



VILLALCINA

SÉRGIO FERNANDEZ



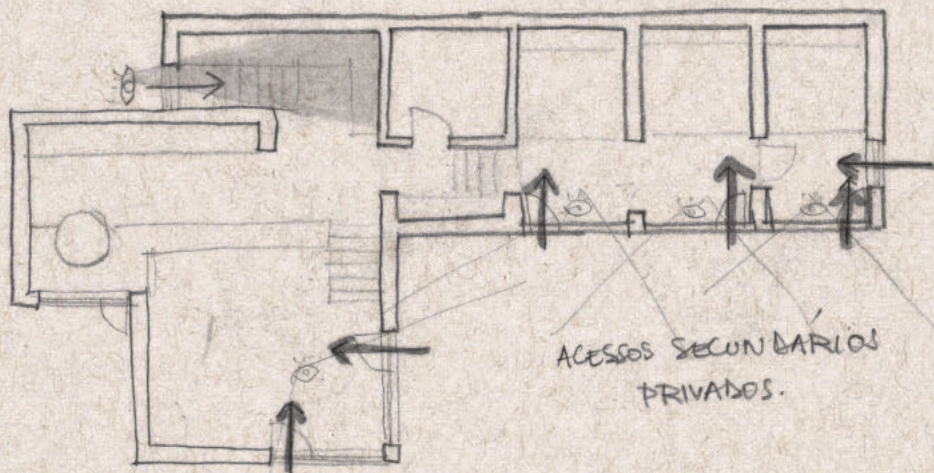


3-5 m
+
7/625

desnível cozinha-sab

transição de bancas.

ACESSO PRINCIPAL



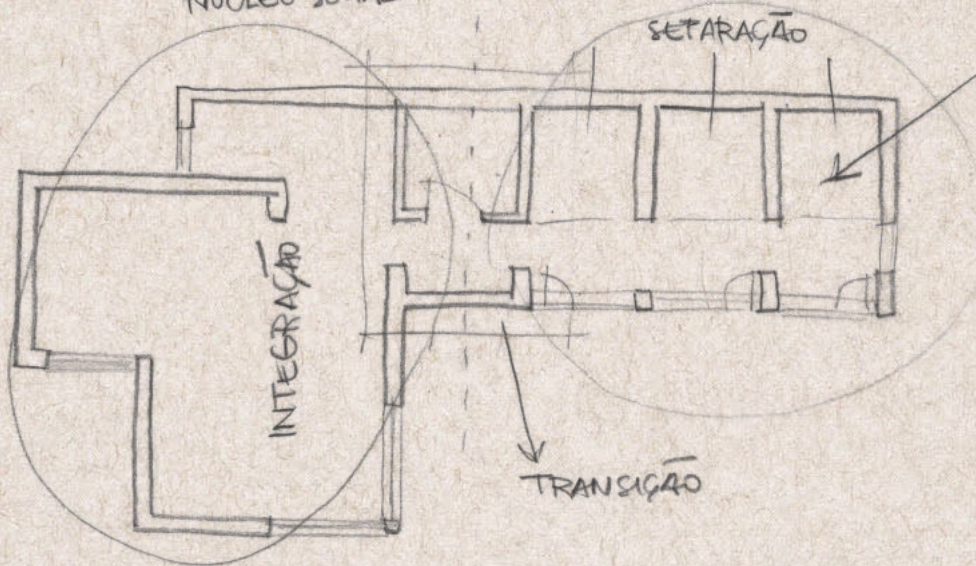
ACESSOS SECUNDARIOS PRIVADOS.

NÚCLEO SOCIAL

NÚCLEO ÍNTIMO.
SEPARAÇÃO

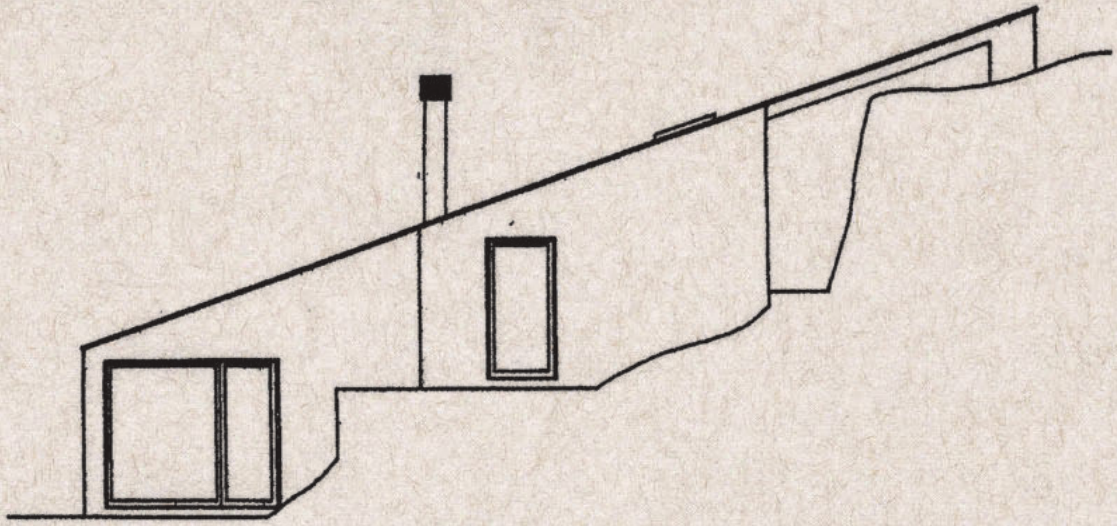
QUARTOS C/POTENCIAL
AUTONOMIA PELO
LADO EXTERNO.

↓
FLEXIBILIDADE



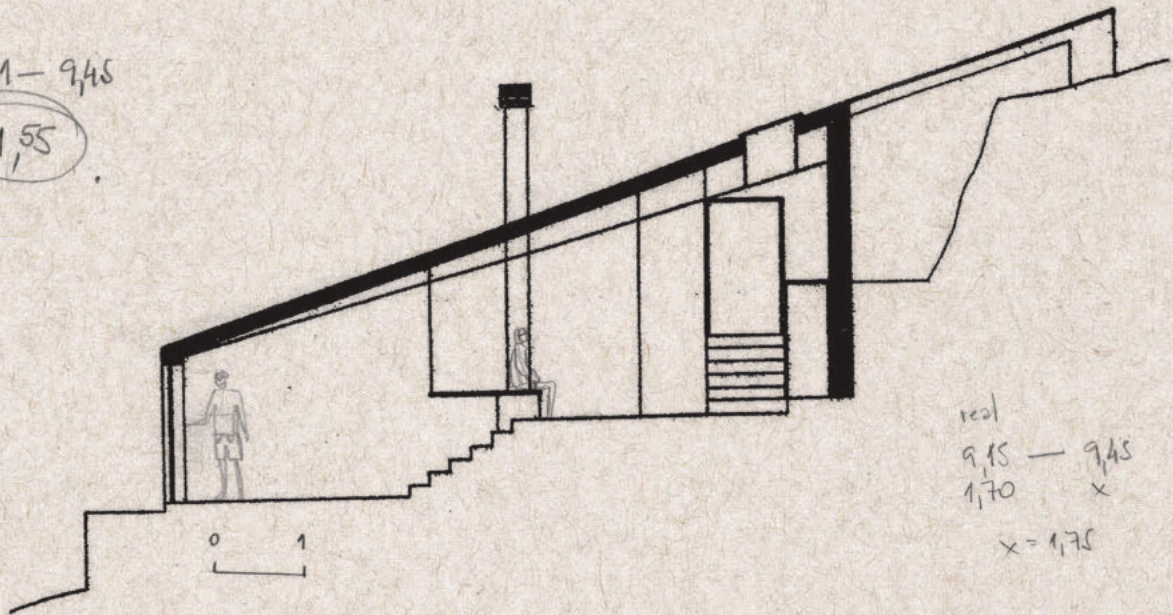
INTEGRAÇÃO

TRANSIÇÃO



ALÇADO SUL

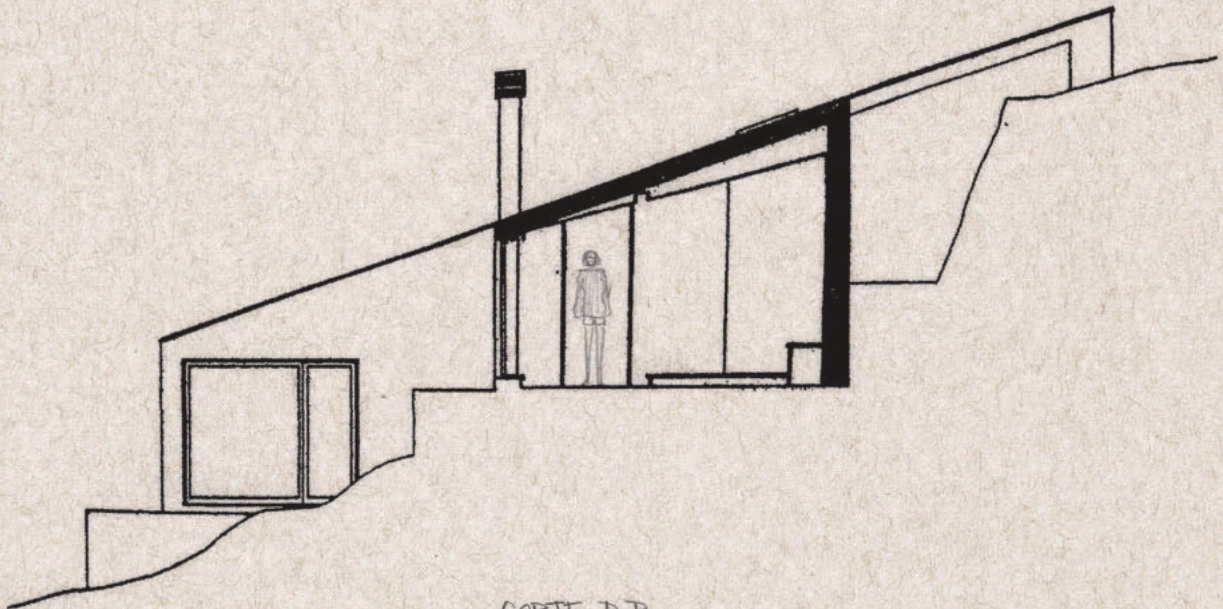
6,1 - 9,45
 x 1,55



CORTE AA

real
 9,15 - 9,45
 1,70 x
 x = 1,75

7,60 - 9,4 1,24
 1 x



CORTE BB

As duas últimas casas apresentadas foram estudadas também sob um ponto de vista diferente das anteriores. Para além da abordagem através do desenho arquitetônico ou da fotografia, analisamos curtas-metragens de narrativas ficcionais do espaço vivido. A arquitetura habitada é apresentada por personagens em acontecimentos diversos.

Os curtas-metragens fazem parte da série Ruptura Silenciosa e retratam obras arquitetônicas relevantes pertencentes a um período politicamente agitado em Portugal que antecedeu a Revolução dos Cravos (anos de 1959-74), movimento que depôs o regime ditatorial salazarista para a instalação de um regime democrático. Oito deles foram apresentados nos dias 22 e 23 de agosto de 2016, no Centro Universitário Maria Antônia da USP em parceria com a Faculdade de Arquitetura do Porto, realizadora dos filmes, e contou com a presença do coordenador do projeto, Luís Urbano. A série inclui obras com programas diversificados, como a Igreja do Sagrado Coração, de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, e a Piscina das Marés, de Álvaro Siza, para além de algumas casas do período. Os filmes, em sua maioria de ficção, buscam mostrar a arquitetura através de uma maneira não estanque, como coloca Ana Resende, bolsista do projeto: “Não queríamos fazer documentários, como é habitual quando se filma arquitectura, propusemo-nos a fazer filmes de ficção sobre aquelas obras”¹.

¹ PINTO, Mariana Correia. “Ruptura Silenciosa”: são arquitectos a fazer cinema para mostrar arquitectura. Público. 14 mar. 2012. Disponível em: <<http://p3.publico.pt/cultura/arquitectura/2475/ruptura-silenciosa-sao-arquitectos-fazer-cinema-para-mostrar-arquitectura>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

ÍNSUA

Casa Alves Costa | Álvaro Siza

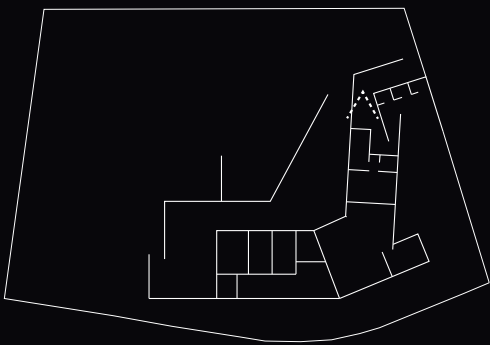
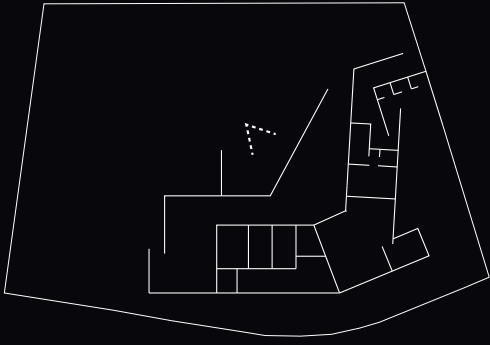
Escuro total. Uma luz amarelada surge à esquerda, uma pessoa cruza contra a luz, em seguida uma segunda. Uma outra se acende mais ao centro, nota-se o que aparenta ser uma estante em madeira. Outra silhueta. Sombras simultâneas se movem. Um terceira luz mais à direita, a silhueta de uma mulher pendura seu casaco e fecha a persiana enquanto no cômodo ao lado uma outra solta seus cabelos. As luzes se apagam. Um plano verde se acende na extrema esquerda e se percebe uma silhueta pouco definida.

É a partir desse ponto de vista panóptico - onde a totalidade da casa é vista a partir de um ponto de vista único - que o curta-metragem nos apresenta a Casa Alves Costa. Sem ao menos uma planta ou corte, nos conta sua organização funcional: os três quartos à direita, a sala mais ao centro, e a cozinha, representada pela luz verde, no canto esquerdo, cômodos organizados em "L" em torno de um área comum. Não apenas isso, o curta introduz a narrativa que segue: a relação conflituosa entre um homem, que aparenta ser proprietário da casa, e moradores temporários. A narrativa tensiona o espaço compartilhado central da sala e ressalta o caráter comum do pátio aberto abraçado pela casa, que pode ser de comunhão mas também de vigilância, como é o caso do filme.

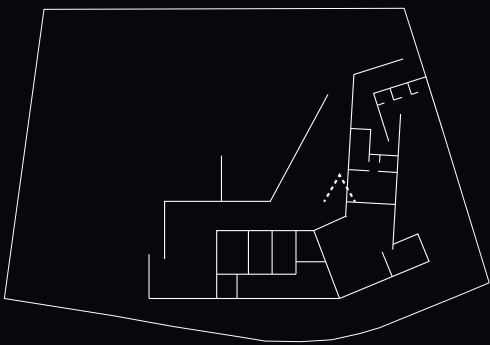
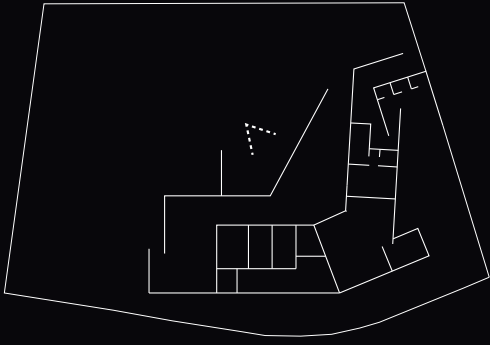
Ainda, a aproximação da casa através de um indivíduo que a habita nos evidencia a relação que se trava entre corpo e espaço, em especial em termos de pé-direito, como veremos nas cenas selecionadas a seguir.



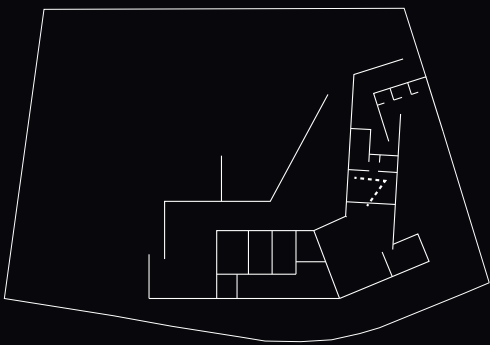
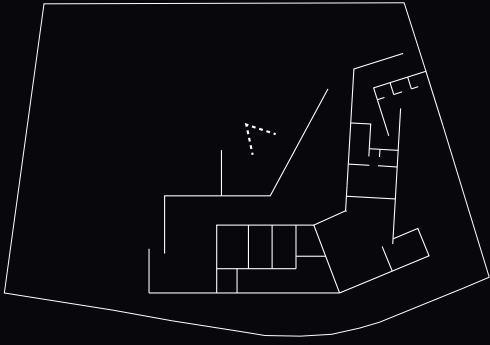


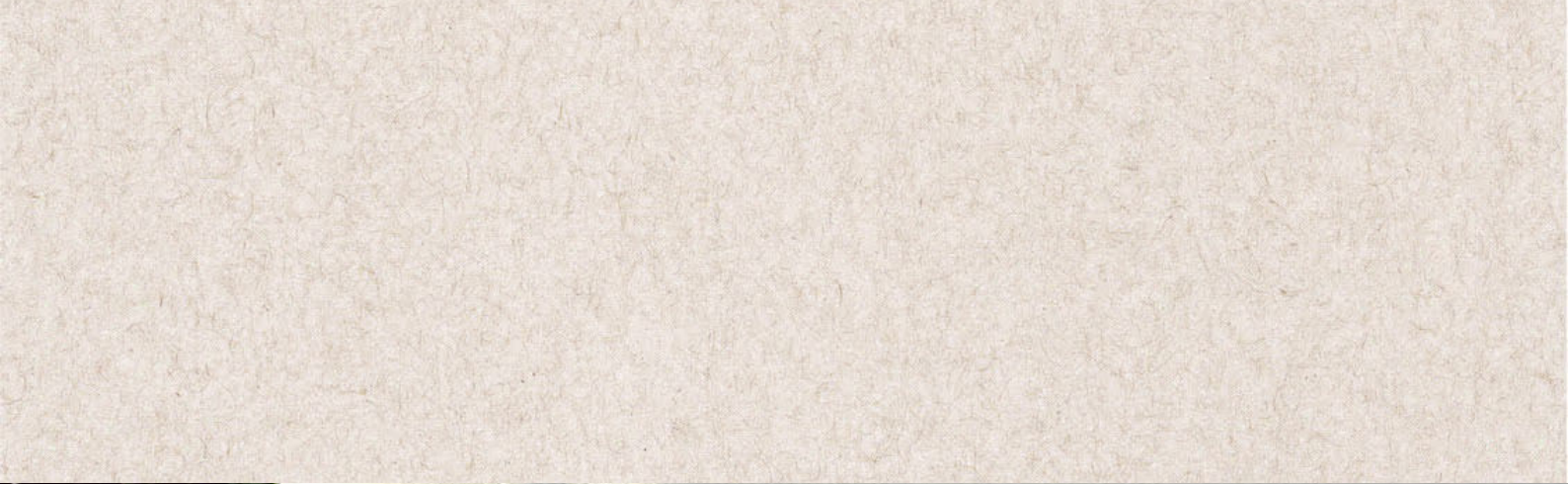


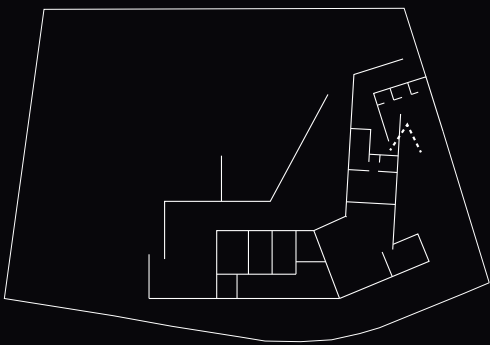
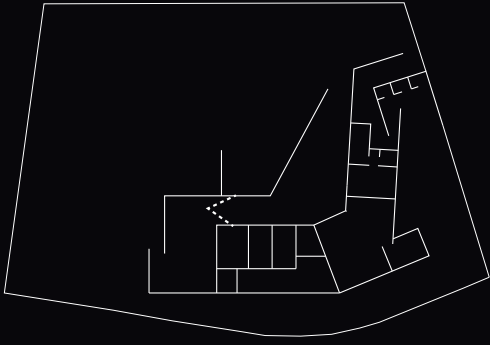




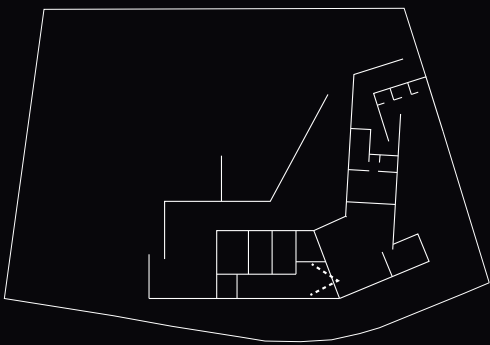
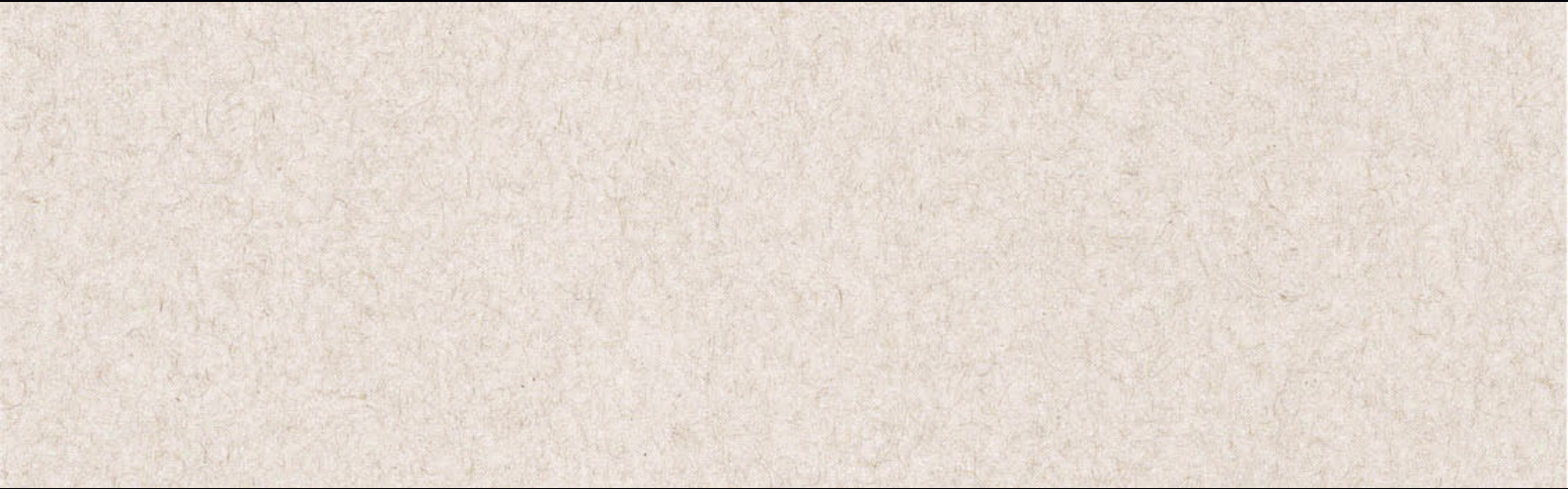
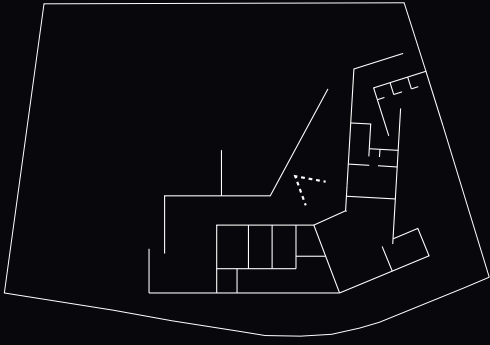


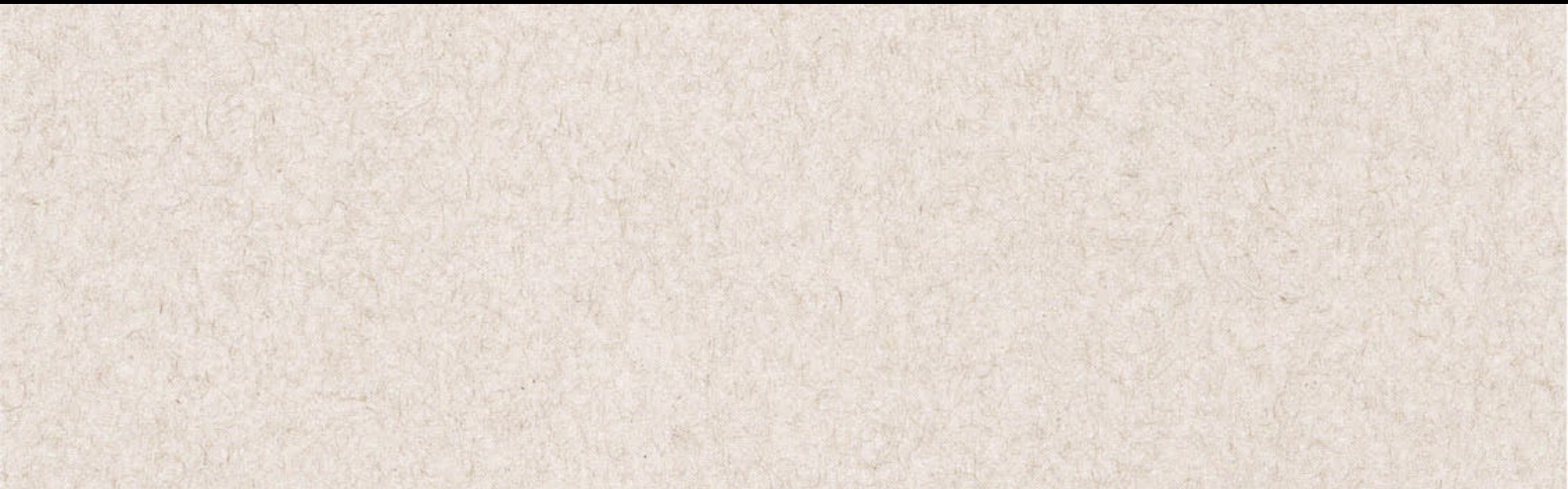


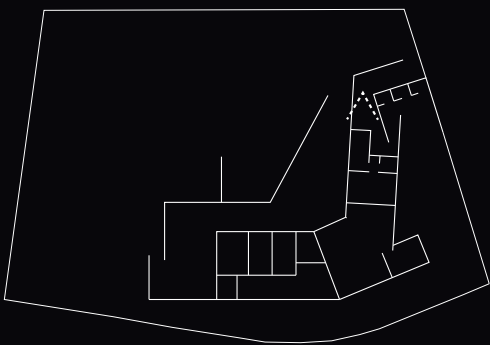
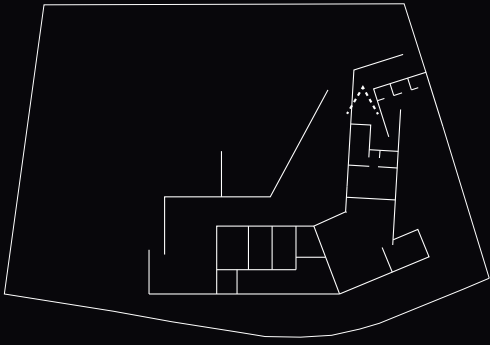












| Ficha Técnica

Interpretação: Nuno Matos // Joana Fernandes Gomes, Afonso Oliveira, José Alberto Gomes, Marta Alves, Pedro Loureiro, Susana Loureiro, Ana Maria Trabulo, Tiago Costa, Ana Resende e Miguel C. Tavares.

Produção: Ruptura Silenciosa

Argumento e Realização: Ana Resende, Miguel C. Tavares, Rui Manuel Vieira.

Produção Executiva: Luís Urbano

Direcção de Actores: Miguel C. Tavares

Cinematografia: Rui Manuel Vieira

Edição: Miguel C. Tavares

Gravação de Som: Ana Resende, José Alberto Gomes, Ana Maria Trabulo.

Anotação: Marta Alves

Pós-Produção Video: Joana Deusdado

Pós-Produção Áudio: Armando Ramos

Assistente de Pós-Produção Áudio: Tiago Cardoso

ADR: Raquel Sousa

Música Original: Blac Koyote

2013 | 24" | cor | 16:9

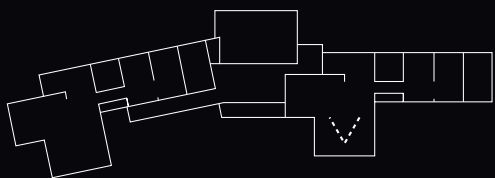
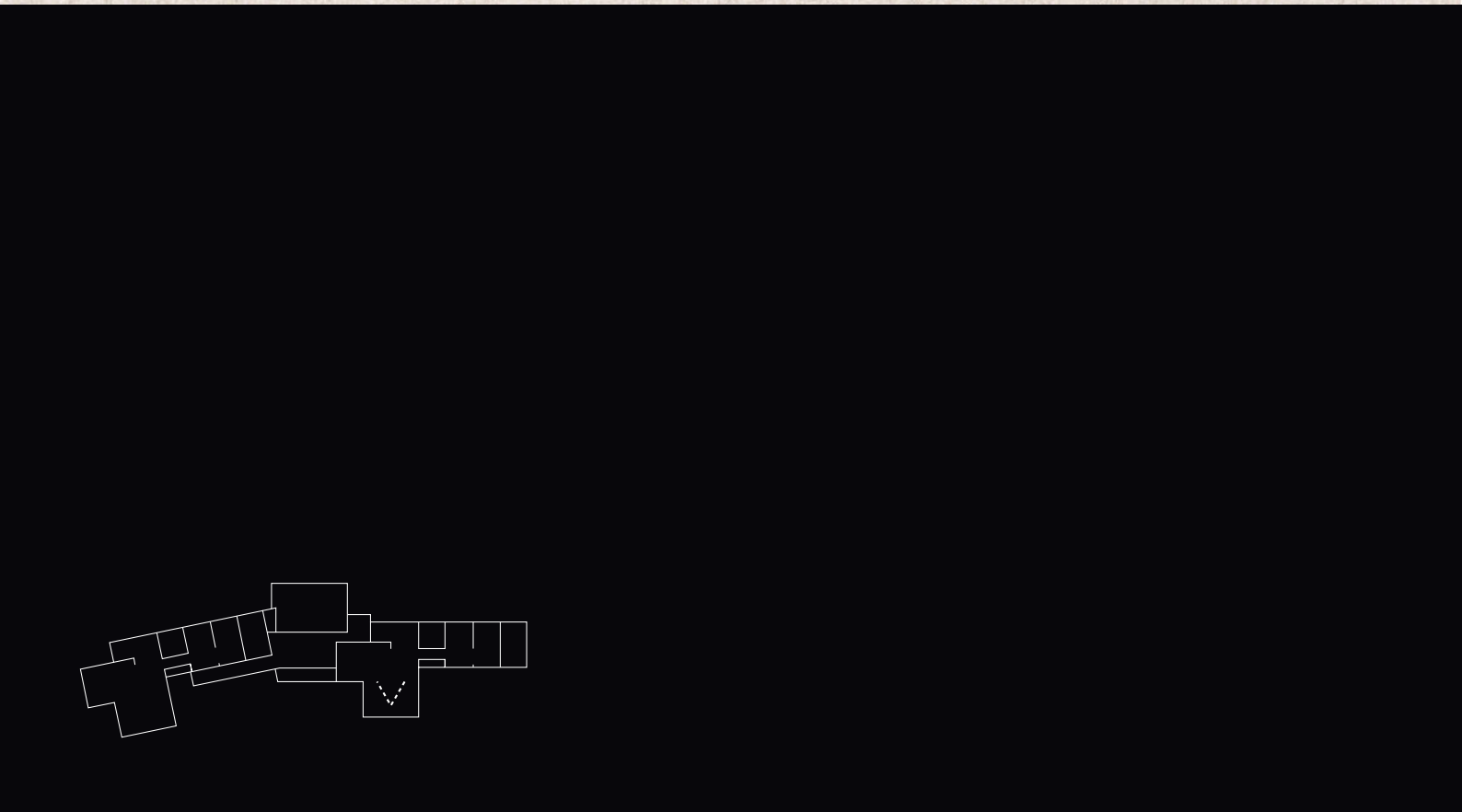
A CASA DO LADO

Vil'Alcina | Sérgio Fernandez

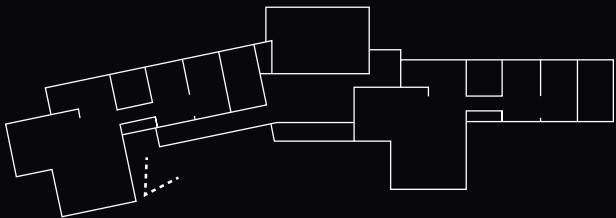
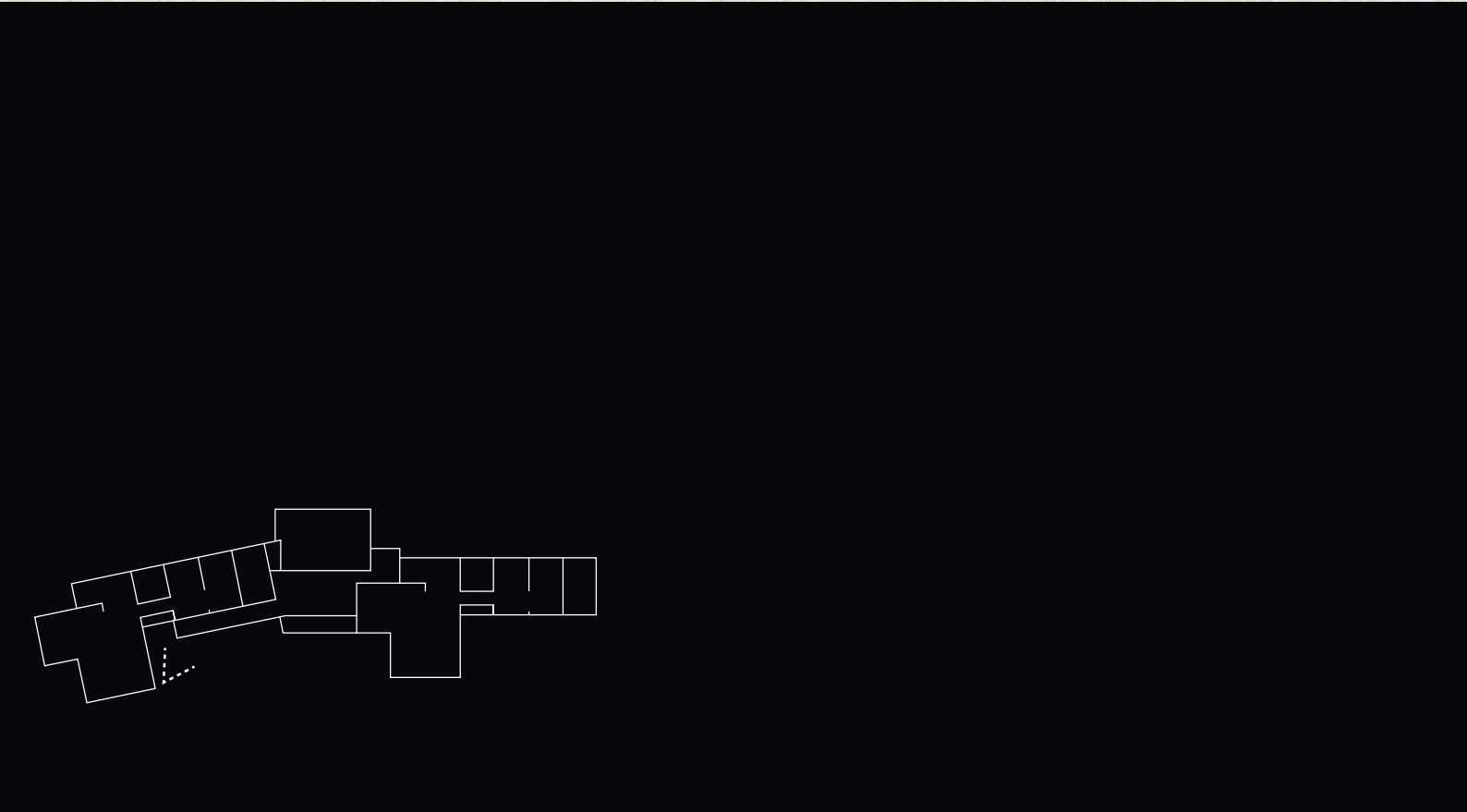
Em sua cena inicial o curta-metragem nos apresenta, por meio de um plano sequência, o eixos da casa paralelo às curvas de nível do terreno. Percorremos a bancada da cozinha, o hall de entrada com sua escada em madeira, corredor e três quartos-alcova. O filme coloca a casa como um local de reunião, aparentemente indesejada pelos homens que surgem buscando por indícios no dia seguinte. Com suas coberturas inclinadas, as casas gêmeas se camuflam no terreno, característica curiosa se considerada a atividade transgressora que parece ter se passado ali. A forte relação com a natureza também é explorada no vídeo, dando um caráter de casa na floresta. A relação intimista da casa, como ressaltada antes, é percebida neste curta-metragem onde moradores e amigos dormem todos juntos nos quartos, com suas cortinas abertas.



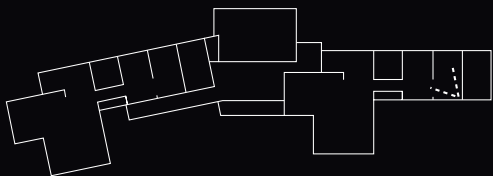
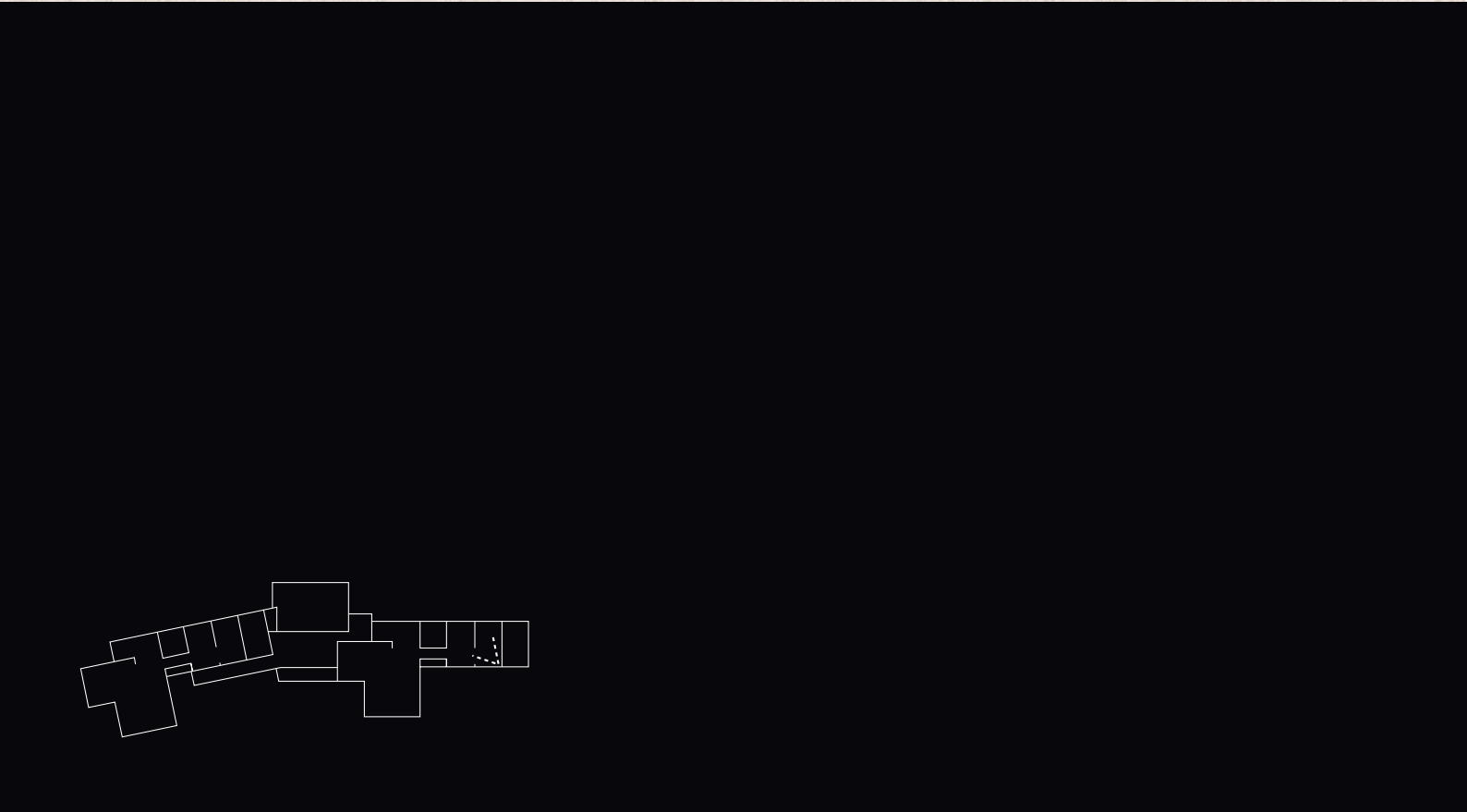




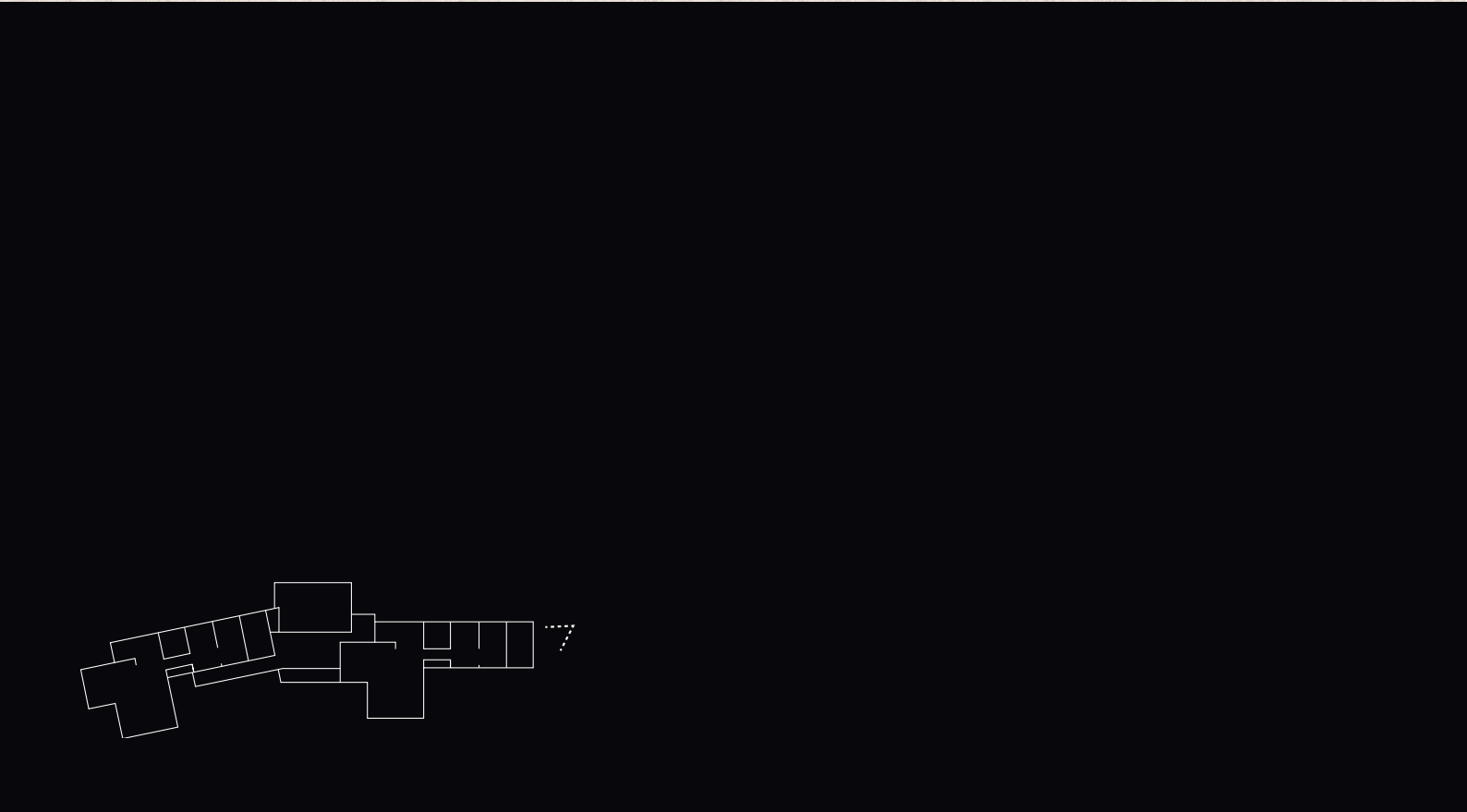




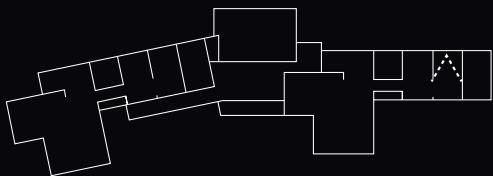
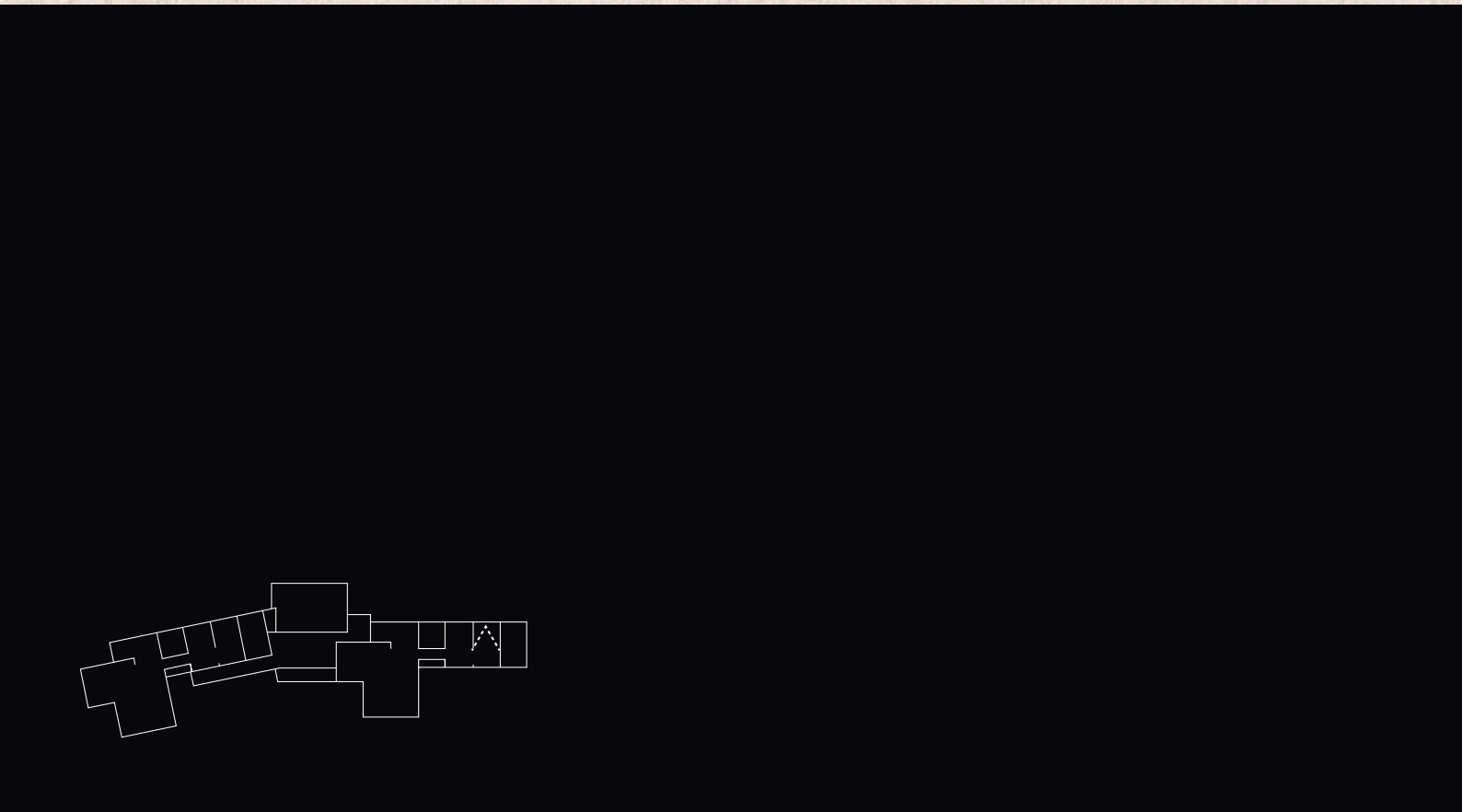




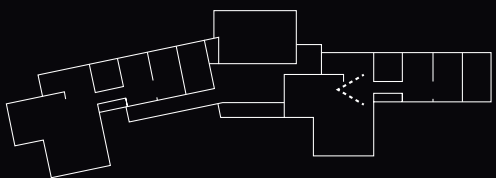
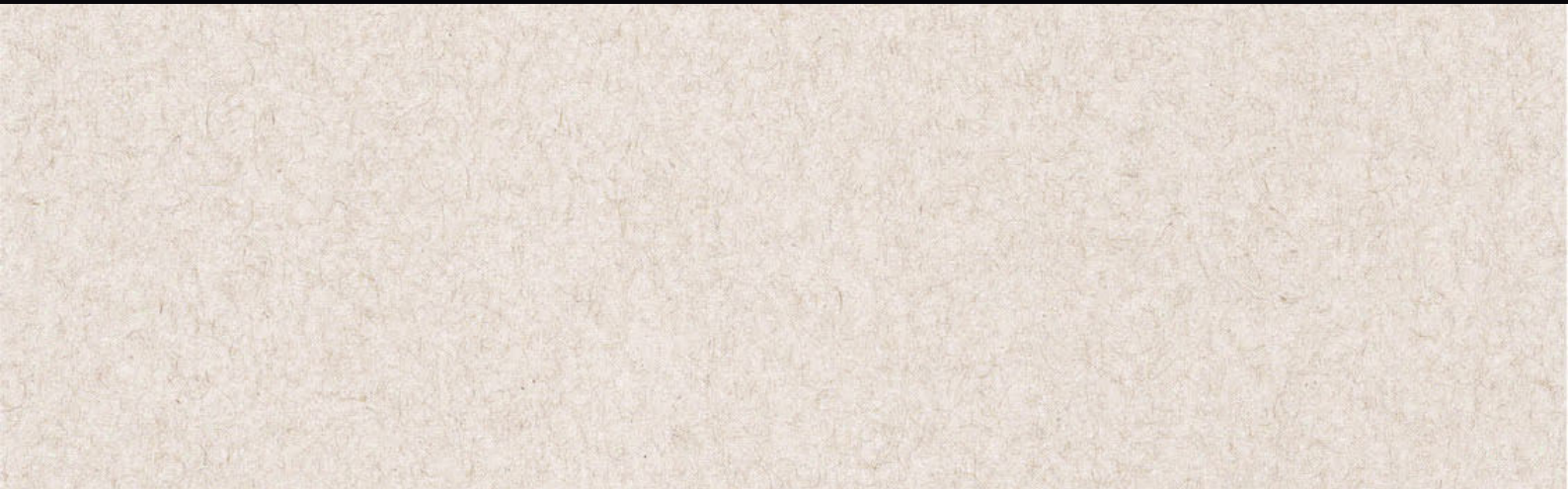
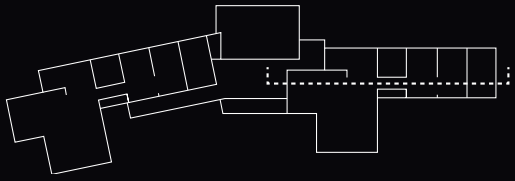












| **Ficha Técnica**

Produção: Ruptura Silenciosa

Realização e Argumento: Luis Urbano

Assistente de Realização: Ana Resende

Fotografia: Rui Manuel Vieira, Miguel C. Tavares

Montagem: Miguel C. Tavares

Pós-produção Vídeo: Joana Deusdado

Pós-produção Áudio: Armando Ramos

Captação de som: Ana Resende, Miguel C. Tavares

Banda Sonora: Guilherme Lapa

Interpretação: Joana Batista, Júlio Resende, Nuno Bernardo, Pedro Loureiro, André Urbano, David Teixeira, Daniel Schröder, Tiago Costa, Rodrigo Dessa, Olga Amarante, Pedro Maia, Margarida Leão, Francisco Rocha, Teresa Dias

2012 | 16'' | cor | 16:9

HABITAR OS LUGARES

ABSTRAÇÃO

Interessam-me autores que olham para a relação entre a arquitetura e seres humanos. O que este espaço provoca em mim? Por que ele me faz sentir assim? Como eu, como arquiteta, posso conceber espaços para provocar certas sensações – felicidade, mistério, aconchego?

Segundo Peter Zumthor, a arquitetura é capaz de produzir aquilo que chama de “atmosferas”. Seria uma primeira impressão, instintiva, a respeito de um espaço, assim como temos em relação às pessoas. Podemos senti-la mesmo através de uma fotografia. É a respeito daquilo que produz essas atmosferas que o arquiteto trata em seu livro – transcrição de uma palestra proferida no ano de 2003. Seu percurso discursivo gira em torno de um questionamento do que é essencialmente a qualidade arquitetônica e como projetá-la. Para ele, esta qualidade é pungente quando a atmosfera do lugar se conecta com sua percepção emocional, ou em suas palavras, quando é tocado pela obra, momento presente em seu relato:

É Quinta-feira Santa de 2003. Sou eu. Estou ali sentado, uma praça ao sol, uma arcada grande, longa, alta e bonita ao sol. A praça – frente de casas, igreja, monumentos – como panorama à minha frente. A parede do outro lado da praça na sombra, em tons agradavelmente azuis. Sons maravilhosos: conversas próximas, passos na praça, pedra, pássaros, um leve murmúrio da multidão, sem carros, sem barulho de motores, de vez em quando ruídos de obra ao longe. Os feriados a começar já tornaram os passos das pessoas mais lentos, imagino. Duas freiras – isto é realidade e não imaginação –, duas freiras cruzam a praça, gesticulando, de passos leves e toucas a agitarem-se levemente ao vento, cada uma traz um saco de plástico. A temperatura: agradavelmente fresco, com calor. Estou sentado na arcada, num sofá estofado em verde mate, a figura de bronze à minha frente no alto pedestal está de costas para mim e olha, como eu, para a igreja de duas torres. As duas torres da igreja têm cúpulas diferentes, que em baixo começam de forma igual e que ao subir se individualizam. Uma é mais alta e tem uma coroa dourada à volta do topo. Em breve, B. virá ter comigo, cruzando a praça na diagonal. (ZUMTHOR, 2009, p. 15-17)

A partir deste relato, Zumthor extrai aquilo que acredita tê-lo tocado: as pessoas, o ar, ruídos, sons, cores, presenças materiais, texturas e formas – além de sua disposição, sentimentos e expectativa no momento. O autor faz a experiência de eliminar a praça de seu pensamento, e é neste momento em que percebe que embora seu estado de espírito e bagagem própria imponham um caráter um tanto relativo à sua experiência, sem a atmosfera da praça, aquele sentimento não existe. O que ele constata é que se cria uma relação recíproca entre as pessoas e as coisas, que não depende apenas da percepção emocional daquele que experimenta, mas também daquilo que emana das próprias coisas.

Gaston Bachelard tem uma pesquisa diferente, mas que também nos interessa e nos aproxima de um conceito que será fundamental a este estudo: a fenomenologia. Ela surge por volta de 1900 com Edmund Husserl em um movimento de oposição ao psicologismo e ao pragmatismo presentes no pensamento ocidental. Segundo Jean-François Lyotard

O termo significa o estudo dos fenômenos, isto é, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado. Trata-se de explorar este dado, a própria coisa que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser de que é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu para quem é fenômeno. (LYOTARD, 1999, p. 10)

O fenomenólogo entende como fundamental e suficiente conhecer sua própria experiência de vida. O objetivo de Bachelard é de chegar a uma fenomenologia da imaginação, ou seja, compreender a imagem na sua essência. Através da literatura europeia e norte-americana, observa a relação entre os espaços da casa e a imagem poética que produzem, nos mostrando uma maneira poética de compreender os espaços de intimidade da casa. Segundo o autor a casa “[...] é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos.” (BACHELARD, 2008, p. 24). Sua função de abrigo extrapola o sentido físico, protegendo o devaneio e os sonhos daquele que a habita. O que o interessa é “como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia num ‘canto do mundo’” (BACHELARD, 2008, p. 22). Neste percurso, transita por imagens da casa como universo, e outras coisas que são “casa das coisas”, como o ninho, a concha e os cantos.

Como esse olhar se traduz no projeto de arquitetura da casa? Ábalos, em “A boa-vida”, nos alerta para o fato de que há ainda hoje uma maneira mais difundida de pensar e projetar o espaço doméstico. Várias foram as abordagens de projeto idealizadas no século XX, mas aquela mais presente ainda hoje é a positivista, uma “[...] materialização de certas idéias arquetípicas em torno da casa e dos modos de vida [...]” (ÁBALOS, 2003, p. 8). O positivismo parte da ideia de que é possível reconhecer nos fenômenos leis naturais invariáveis. No pensar do projeto arquitetônico, isso vai se refletir na ideia de uma “família-modelo” e um “homem-tipo”, um olhar estatístico – portanto genérico – do homem. A casa, coberta por panos de vidro, se torna uma construção bem coordenada e racional, exalando seu espírito industrializante e seu ambiente praticamente “higienizado”. A ausência dos estímulos sensoriais vem acompanhada da ausência de memória histórica, assim como quaisquer aspectos individualizantes do morador.

O próprio autor se coloca em posição de inquietação, por seu sentimento ambíguo de fascínio e discordância em relação a essa arquitetura: “[...] podemos entender e nos identificar com a beleza das melhores proposições positivistas, sem concordar com nem um só que seja de seus argumentos. Quem não terá sentido a beleza das obras mais radicais de Le Corbusier?” (ÁBALOS, 2003, p. 83). Esta é a posição em que nos encontramos, frente a aspectos estruturais de nossa formação como arquitetos. Segundo o autor, precisamos estar cientes de que as técnicas de projeto de que nos servimos não são imparciais, elas se relacionam com o modo como vemos e vivemos o mundo e determinam muito do nosso trabalho. É neste momento em que nos aproximamos da fenomenologia, mais uma dentre as várias maneiras de se pensar o projeto, mas que tem como particularidade nos aproximar da experiência vivida da arquitetura, nos afastando da ideologia positivista. Para tal precisaremos aprender a esquecer.

Pensar a casa a partir de nossa percepção emocional implica compreendê-la como uma “multiplicidade de microcosmos”, uma “rede de momentos justapostos, em que não se distingue um esquema hierárquico ou funcional capaz de representar, sinteticamente, a casa.” (ÁBALOS, 2003, p. 96). A casa passa ser dotada de estímulos, adquirindo presença própria, podendo ser entendida como um corpo, como coloca Zumthor. Cada espaço com seu som e temperatura próprios relacionados à sua geometria e aos seus materiais que, cada qual com sua potência, interagem entre si e reagem à luz e aos sons.

Para Zumthor, é preciso que nós, como arquitetos, nos perguntemos como queremos que o edifício soe, imaginando-o vazio e/ou cheio, e resume essa atitude na expressão de “temperar” o ambiente, entendendo a temperatura a partir do que se vê, sente e toca. Da mesma maneira, a pergunta a respeito da incidência de luz deve se fazer desde o início da concepção e para fazê-lo, o autor propõe duas maneiras de se pensar. A primeira consiste em um esforço mais volumétrico de modelagem imaginativa, que se trata de “pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como num processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se.” (ZUMTHOR, 2003, p. 60). A segunda propõe colocar à prova os materiais contra a luz, verificando através da experimentação como reagem. Bachelard contribui para a discussão ao passo em que remarca o aspecto simbólico da luz que a casa emana à noite. “A lâmpada é o olho da casa. [...] Pela sua própria luz, a casa é humana. Ela vê como um homem. Ela é um olho aberto sobre a noite.” (BACHELARD, 2008, p. 51). Os pontos levantados nos chamam a atenção para dois cenários distintos – o dia e a noite – mas de igual importância. Enquanto durante o dia a luz da natureza penetra a casa, de noite é ela quem serve de farol, denunciando a vida humana que ali habita.

Projetar os ambientes da casa implica uma noção de escala corporal. Zumthor se projeta nos ambientes que projeta, colocando-se sozinho ou em grupo, o que o ajuda a balizar distâncias e proximidades entre si e a obra. Sua postura é similar à defendida pela designer de interiores Ilse Crawford: “No processo, analisamos o local, o cliente e criamos empatia, porque a empatia é um dos alicerces do design” (ABSTRACT: THE ART OF DESIGN, 2017). Neste movimento de projetar para o outro, para Zumthor é preciso se ter em mente que nos edifícios que projetamos entrarão coisas sobre as quais não temos controle, uma história que se escreve sem o planejamento do profissional, o que o não nos impede de pensar sobre elas. O arquiteto enxerga nestes objetos uma forte relação de amor e cuidado – dizem algo sobre aqueles que ali habitam e sua relação com o espaço – : “O sujeito fenomenológico se faz rodear por coleções de objetos sentimentais que constituem um inventário notório, a memória, de sua atividade” (ÁBALOS, 2003, p. 101).

A maneira enxergar os espaços empenhada pelos autores me incentivou a olhar a arquitetura a partir das paisagens humanas. Busquei observar nas casas que vivi e que conheci, o que, para além do invólucro físico, me tocava. Reconhecendo momentos possíveis através da arquitetura, de certa configuração espacial, para então pensar a arquitetura a partir dessas possibilidades.

De antemão é preciso reconhecer que a casa é ao mesmo tempo local de felicidade e do sombrio. É espaço de descanso despreocupado, de confraternização com pessoas próximas, mas também do isolamento em dias ruins. Abriga os mais profundos desejos e segredos do ser humano, protegidos da nossa face pública.

As três montagens ao lado representam um esforço, ainda incipiente, de imaginar o tipo de atmosfera que se almeja para a casa.



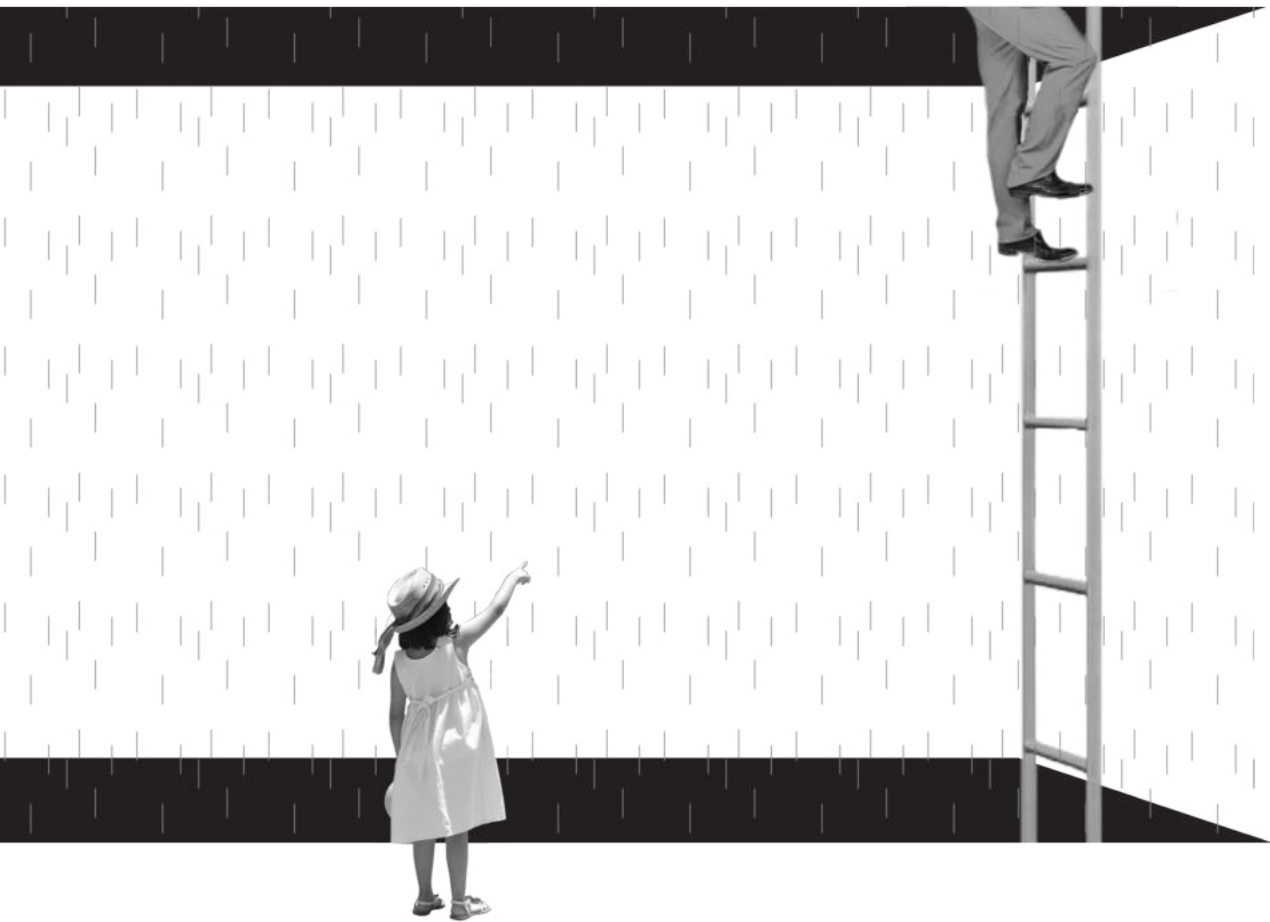
“É preciso tocarmos na primitividade do refúgio. E além das situações vividas, descobrir situações sonhadas.”

- Bachelard, Gaston (A poética do espaço, p. 38)



“[...] se a casa é um valor vivo, é preciso que ela integre uma irrealidade.”

- Bachelard, Gaston (A poética do espaço, p. 57)



UM ENSAIO, NA FORMA DE PROJETO



Bárbara Campelo

Programa de necessidades

S [REDACTED]
Para: Bárbara Campelo [REDACTED]

8 de novembro de 2016 03:09

[REDACTED]

[REDACTED] Eu sou uma pessoa muito festeira e agitada, adoro estar entre pessoas que eu gosto. Se eu fosse pensar em uma casa dos sonhos, ela com certeza teria uma área de convivência bem ampla com sala grande e etc pra eu poder receber meus amigos numa noite, de repente até fazer festas grandes. Outra coisa que com certeza teria seria uma sala de ensaio grande. A atriz Lucia Rommano mora em um lugar que eu AMARIA! É uma casa na rua Guará.

[REDACTED] No fundo da casa tem uma sala de ensaios enorme com pé direito bem alto! Eu colocaria espelhos ali também! O que ela faz é alugar esse espaço para grupos ensaiarem, e ensaia os próprios projetos também. Eu me envolvo em diversos projetos de direção e interpretação e quase nunca estou em casa, se tivesse um espaço desses, com certeza faria todos os ensaios em casa! Minha casa ideal teria uns 2 quartos de hóspedes, pq adoro receber amigos, e minha mãe com ctz viria de vez em quando ficar comigo (sou filho único, ela é beeeeeem coruja). Eu teria, além do meu quarto, um escritório com uma mini biblioteca (sou compulsivo por livros, semestre passado doei a televisão do meu quarto para abrir mais espaço para livros, e tenho livros de diversos tamanhos, pq tenho muito livro de direção de arte e etc, e esses livros variam muito de tamanho) e um espaço de trabalho legal, trabalho muito nas madrugadas ouvindo música, e adoraria ter um quarto só pra isso, ale'm de ser um bom lugar para receber pessoas para falar a respeito de projetos teatrais. Se da minha casa eu conseguisse fazer um nano centro cultural em que pudesse haver sarais, festas e pequenas apresentações, (na sala de ensaio, claro, não precisaria de um teatro/auditório), seria incrível. Eu sou louco pelos usos não convencionais do espaço, então uma volumetria instigante pra eu poder de repente soltar o elenco pelo terreno pra experimentar seria bem interessante! :D Quanto mais mutáveis fossem os espaços, melhor! Adoro reconfigurar o espaço para fazer usos diferentes.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

PERSONAGEM



Fonte: cedidas por S.

A discussão recorrente no curso de arquitetura e urbanismo acerca da habitação coletiva pressupõe uma ideia de um homem anônimo para o qual se projeta, dada a diversidade nos modos de viver. Ao contrário, pensar a casa permite a reflexão acerca de aspectos subjetivos, próprios das peculiaridades dos indivíduos, peculiaridades estas que são recorrentes em certos grupos. Portanto, para realizar o ensaio projetual, foi escolhido um perfil de morador não genérico. S. é um arquiteto, urbanista e artista de teatro. Foi pedido ao morador que colocasse seus desejos a respeito de sua casa, informações transmitidas via e-mail. Ainda, S. compartilhou uma descrição que ele mesmo que havia feito quando da realização de um exercício intitulado “A casa dos sonhos”. Segundo o próprio:

“O personagem é um jovem de 25 anos ativo, otimista e dinâmico. É sonhador e em seus momentos de lazer tem gosto por se perder em mundos de ficção, seja através de livros ou filmes, é um amante de narrativas. Estudante de arquitetura e teatro, passa grande parte do seu tempo desenhando ou ensaiando. Veste roupas leves e confortáveis, que não limitem seus movimentos. Prefere roupas coloridas e com estampas com referências à cultura pop e coleciona livros, blurays e action figures.”

- 1 PRAÇA RAFAEL SAPIENZA
- 2 PRAÇA DR. FERNANDO DE OLIVEIRA
- 3 PRAÇA GENERAL OLIVEIRA ALVARES
- 4 PRAÇA HORÁCIO SABINO

----- ZER-1 | JARDIM DAS BANDEIRAS



LOCAL



Fonte: Acervo pessoal

O sítio de projeto segue a pista levantada pelo TFG da aluna Luiza Rigolizzo, que também faz um estudo de projeto residencial unifamiliar. Seu projeto se insere em uma Zona Exclusivamente Residencial de Baixa Densidade (ZER-1), definida pelo Plano Regional Estratégico, situada na Subprefeitura de Pinheiros (zona oeste da cidade de São Paulo). Tal zoneamento implica um uso estritamente residencial e em parâmetros específicos, como coeficiente de aproveitamento (mínimo=0,05, básico =1,0, máximo=1,0), gabarito máximo de até 10 m, além de recuos a serem calculados para edificações acima de 6 m de altura.

Após uma avaliação dos possíveis terrenos de projeto na região, foi escolhido aquele que apresentava relação mais interessante com a cidade, tendo em vista o perfil urbano do morador que aqui se instalaria. O lote de 30,10m de testada tem como vizinho de frente a Praça Dr. Fernando de Oliveira. Com 26,50 m de profundidade, possui aproximadamente uma área de 785 m² e desnível de 10 m que abre vista sobre o bairro.



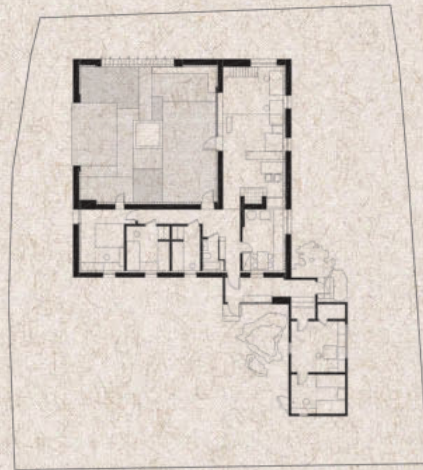
PRIMEIROS ESTUDOS: DIMENSÃO E PARTIDO

A partir das demandas espaciais postas pelo morador, foi esboçado um primeiro programa de necessidades, um ponto de partida que permitisse dimensionar a volumetria da casa almejada. Foram observados nos projetos estudados ambientes que possuísem propostas semelhantes àquelas desejadas para este projeto e suas respectivas volumetrias. A ideia inicial previa uma sala grande - concebida como espaço para receber amigos, integrada à cozinha e aberta ao espaço externo, três quartos, sendo um deles ligeiramente maior - o principal -, uma área de trabalho e banheiros.

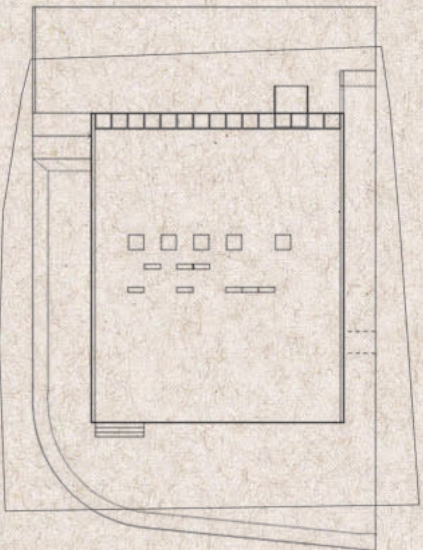
Como um primeiro passo, foi feito um exercício de transposição das casas estudadas para o lote de projeto. O objetivo era adquirir parâmetros em termos de área e volume, assim como fomentar a pesquisa tipológica. O que significa o espaço de um quarto em relação ao todo desse terreno? E o volume da sala de ensaios?



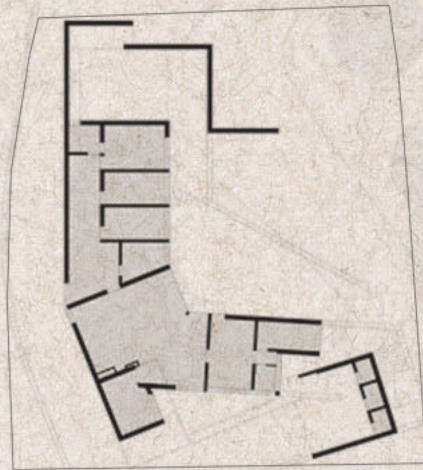
1



3



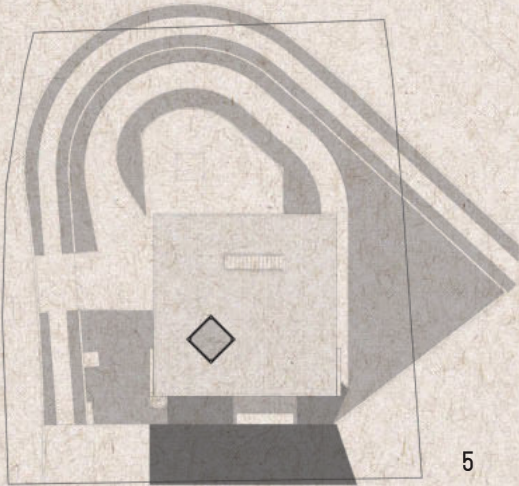
2



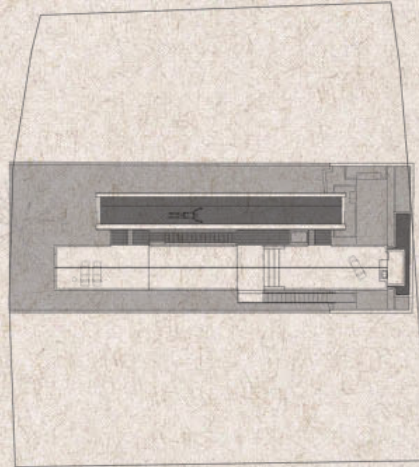
4

CASA MORIYAMA 1
CASA BUTANTÃ 2
CASA MUURATSALO 3
CASA ALVES COSTA 4

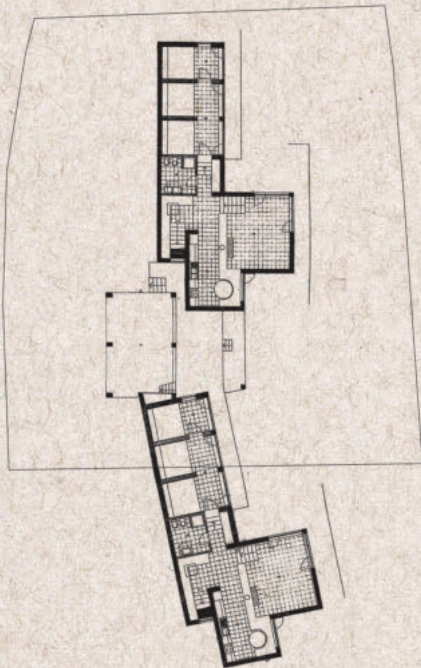
Logo algumas características curiosas se apresentaram: o lote escolhido é bastante semelhante àquele da Casa Butantã, enquanto o terreno da Casa de Fim de Semana representa apenas 1/3 dessa área. A Casa Moriyama se implanta em um espaço bem menor que o que temos disponível, e a Casa Castor Delgado Perez se infla em relação às outras por conta de seus pátios internos.



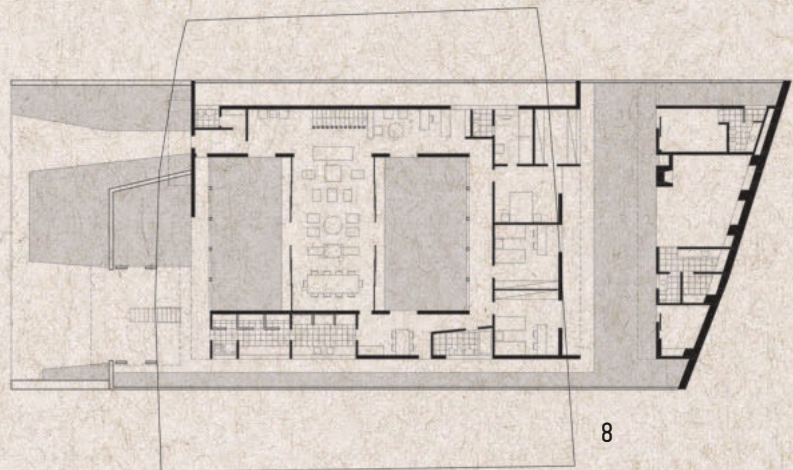
5



7



6



8

- 5 CASA NA VILA ROMANA
- 6 VILL'ALCINA
- 7 CASA DE FIM DE SEMANA
- 8 CASA CASTOR DELGADO PEREZ

ESBOÇO VOLUMÉTRICO PROGRAMÁTICO

ÁREA CASA

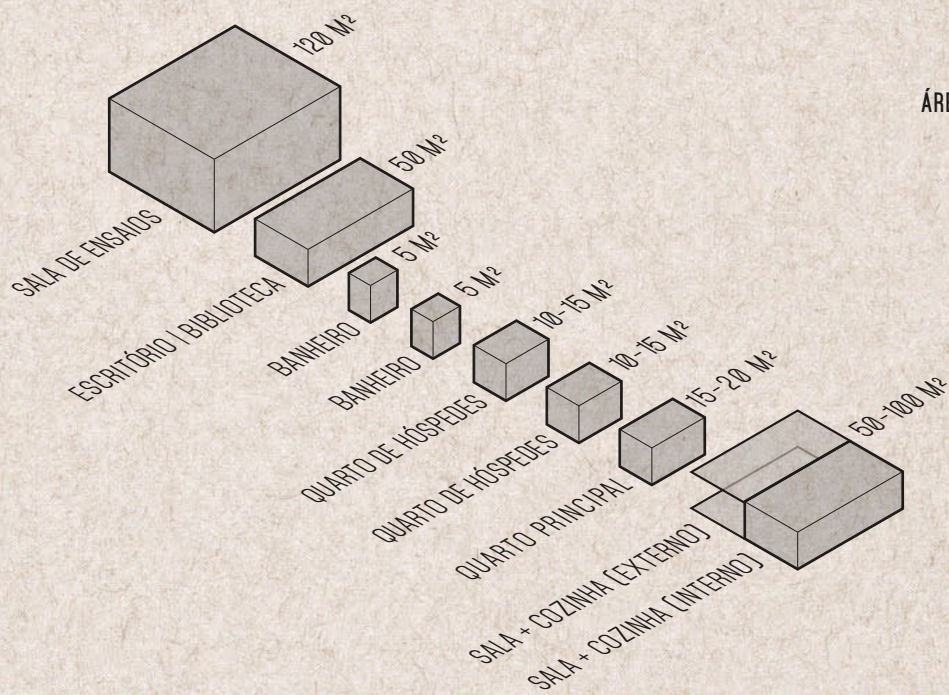
150 M² + 50 M² (EXTERNA COBERTA)

ÁREA SALA DE ENSAIOS

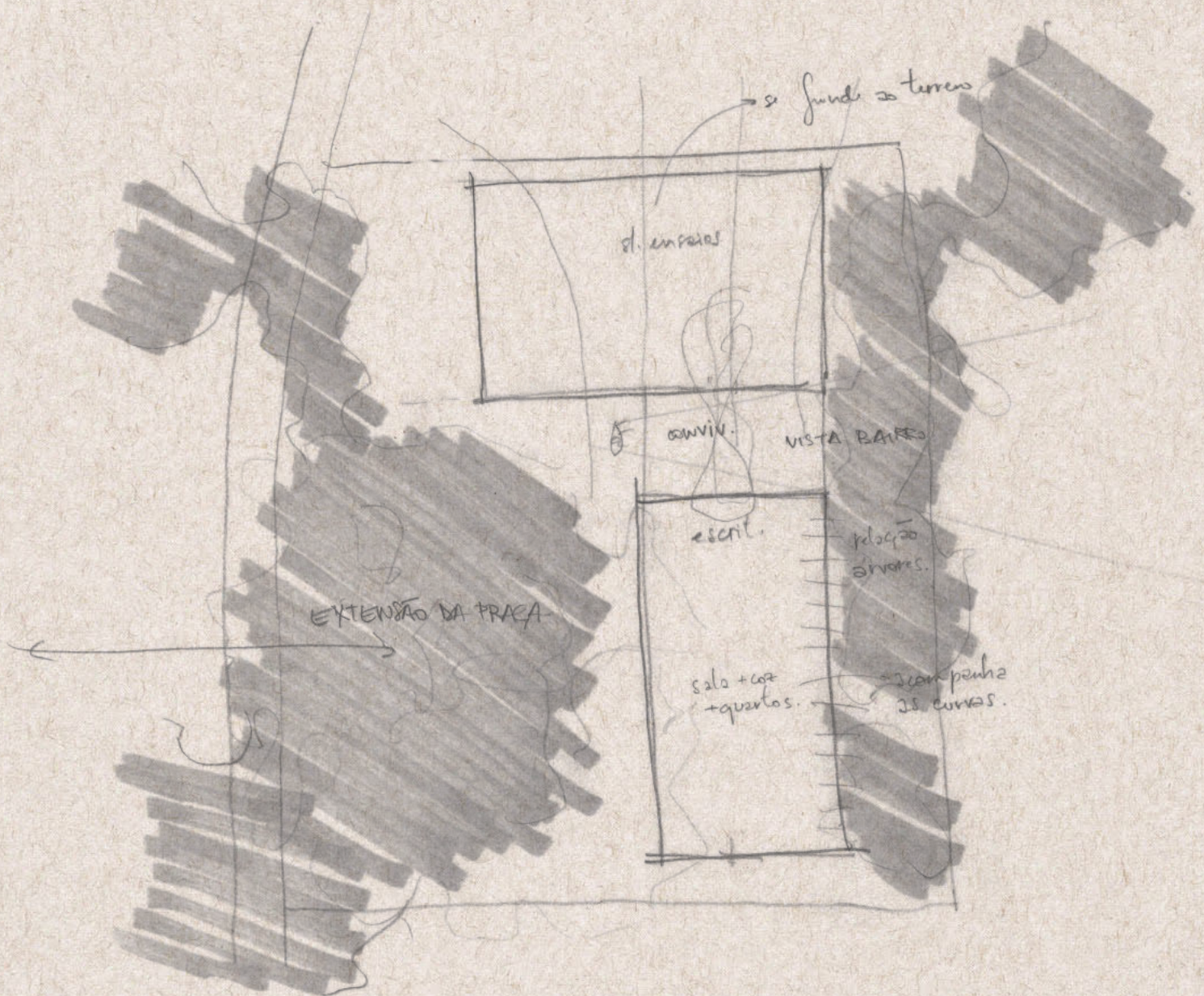
120 M²

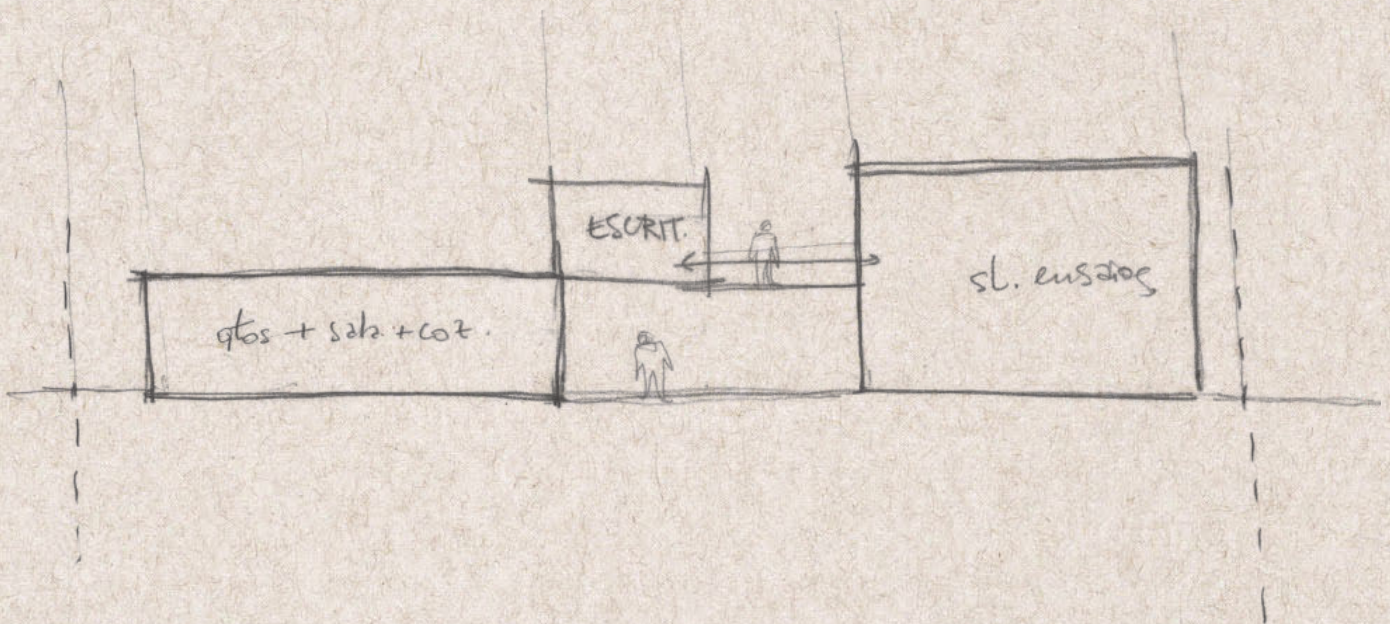
ÁREA DO TERRENO

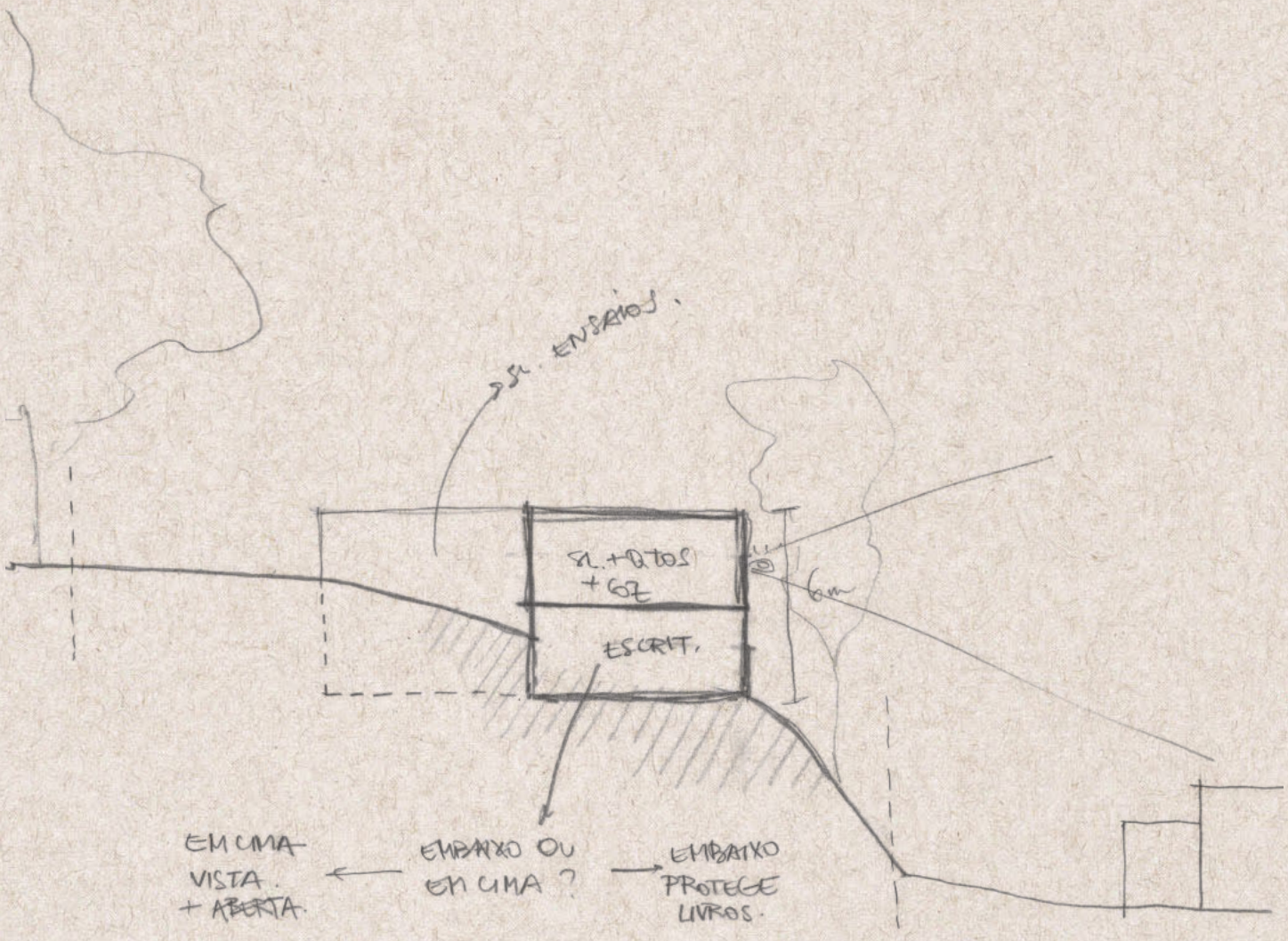
785 M²

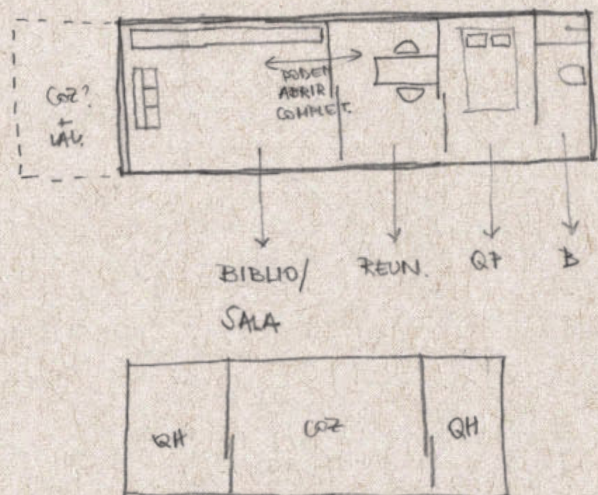
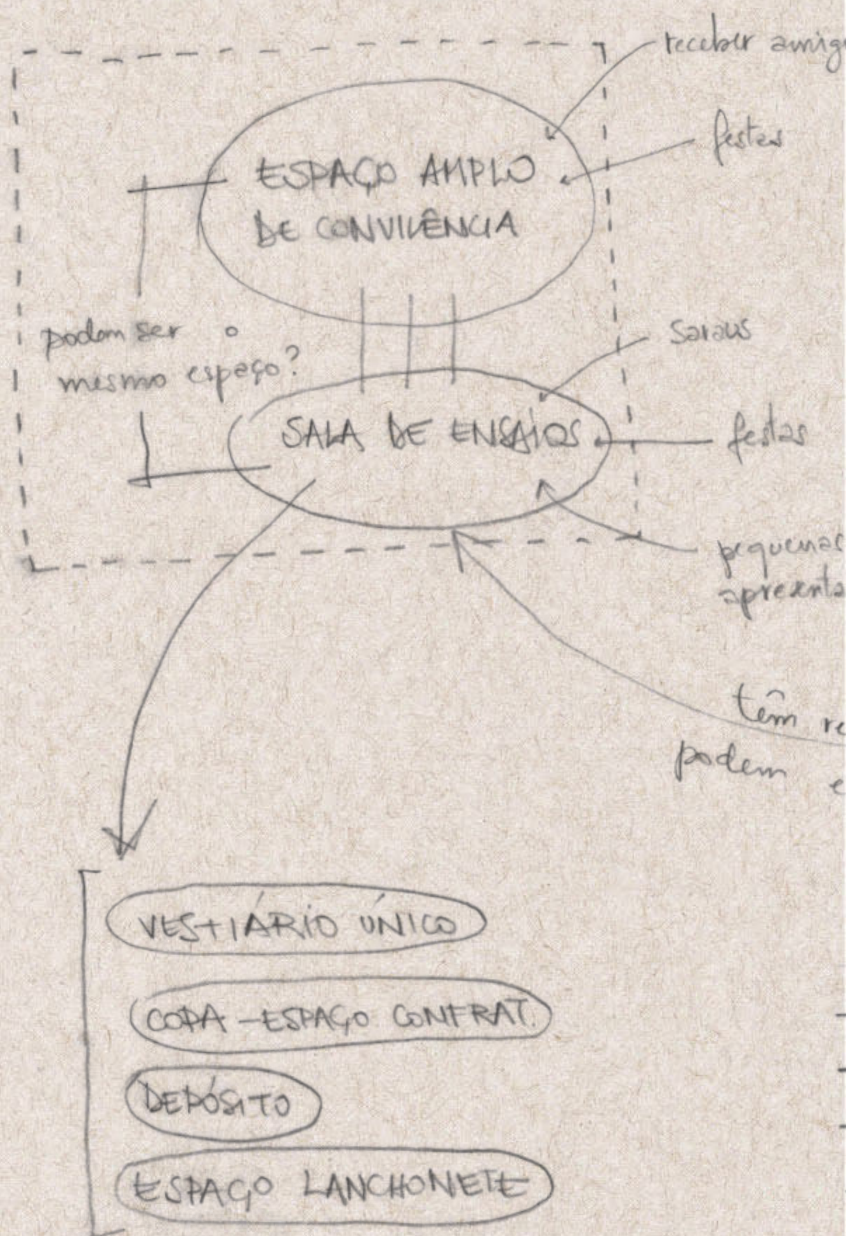


Os primeiros estudos sugeriam uma implantação em duas partes: a casa e a sala de ensaios, partindo da premissa de que seria necessário garantir certa independência entre eles. Assim, a casa poderia se proteger dos eventuais ruídos, e a sala de ensaio teria autonomia, podendo ser alugada para terceiros. Buscou-se apoiar a casa na direção das curvas de nível, usufruindo da vista aberta em direção ao bairro resultante do grande desnível no terreno. Sua implantação deixa livre o espaço circundante às três grandes árvores próximas à calçada pública, assim como a linha de árvores ao fundo, que ajudam a garantir a estabilidade do solo. Já a sala de ensaios posiciona-se transversalmente aproximando-se da rua e da praça em frente. Desde o início havia uma vontade de criar um ponto de contato entre os dois edifícios, tornando um a extensão do outro.

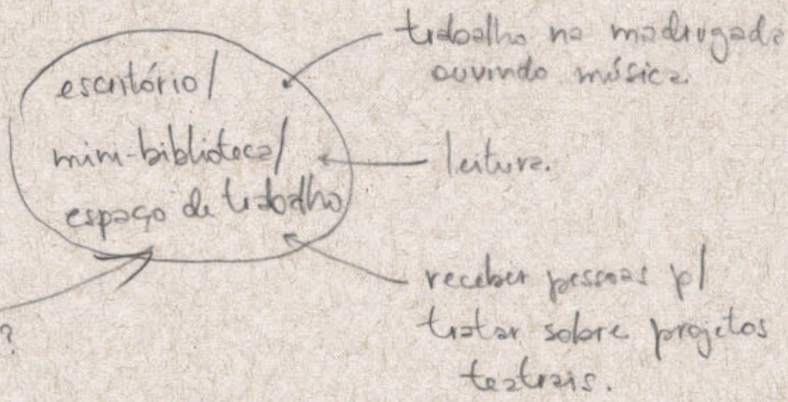
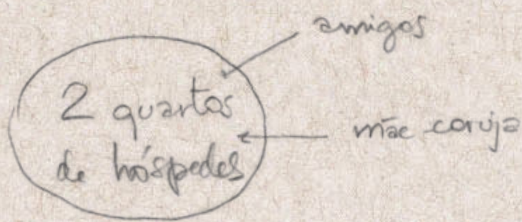








- QUARTOS DE HÓSTES NEM SEMPRE SÃO USADOS, POR QUE NÃO SEREM OS CÔMODOS MAIS MULTIFUNÇÃO NAIS DA CASA?



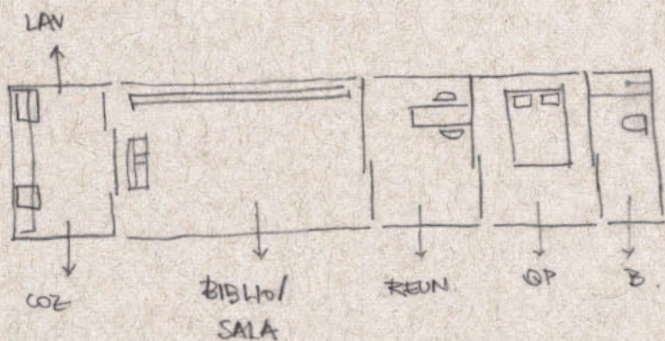
leões
star próximas?

ESPAÇOS FUNCIONAIS

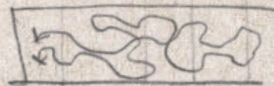
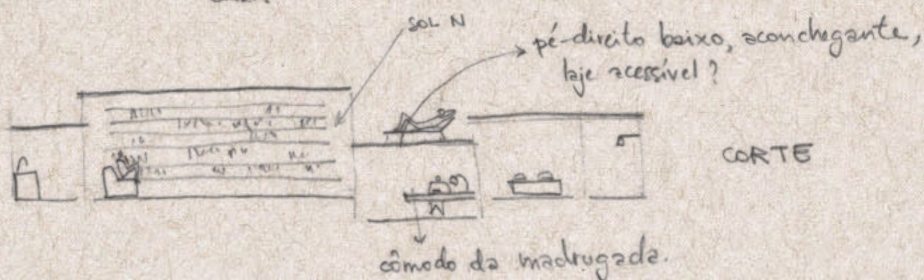
- COZINHA
- ÁREA DE SERV.
- BANHEIRO
- QUARTO PRINCIPAL

VOLUMETRIA
INSTIGANTE

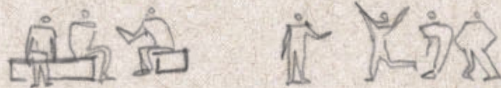
ESPAÇOS
MUTÁVEIS



- FALTA
- Q. H.
 - LAVABO (?)



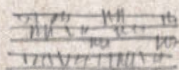
ensaios
festas
saraus
apresent.



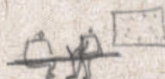
dormir
ler livro



guardar livros



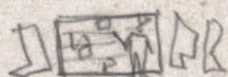
trabalho individual
reuniões



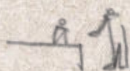
troca roupa
maquiagem
higiênização



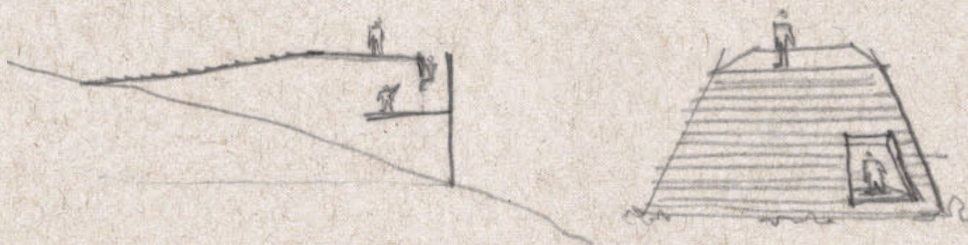
lanche
com frut.



estoque equipam. / cenário /
mobiliário / figurino



venda lanches
pequena copa.
caixa.



Por diversas vezes, o exercício de projeto trazia-me de à maneira de projetar que já me era familiar. Uma relação pré-programada entre os ambientes, formas conhecidas. Foi preciso fazer um esforço constante de esquecimento, para dar espaço aquilo que era o foco do exercício.

Em momentos como esse, tentava abstrair da forma e enxergar as paisagens humanas dessa casa que se delineava. Uma das estratégias utilizadas foi desenhar as pessoas em suas atividades possíveis, antes mesmo de desenhar os ambientes, ou seja, o conteúdo antes do continente. E a partir disso, designar o espaço envolvente.

É importante destacar que a todo tempo o projeto caminhou em um movimento de ir e vir, não se isentando da discussão da forma e da materialidade. Afinal, estes são aspectos fundamentais à experiência estética da arquitetura, interferindo também na nossa percepção espacial.

PROJETO E REPRESENTAÇÃO



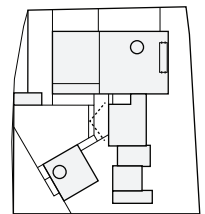
Zean Macfarlane

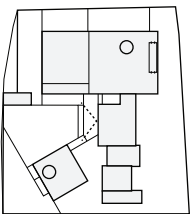
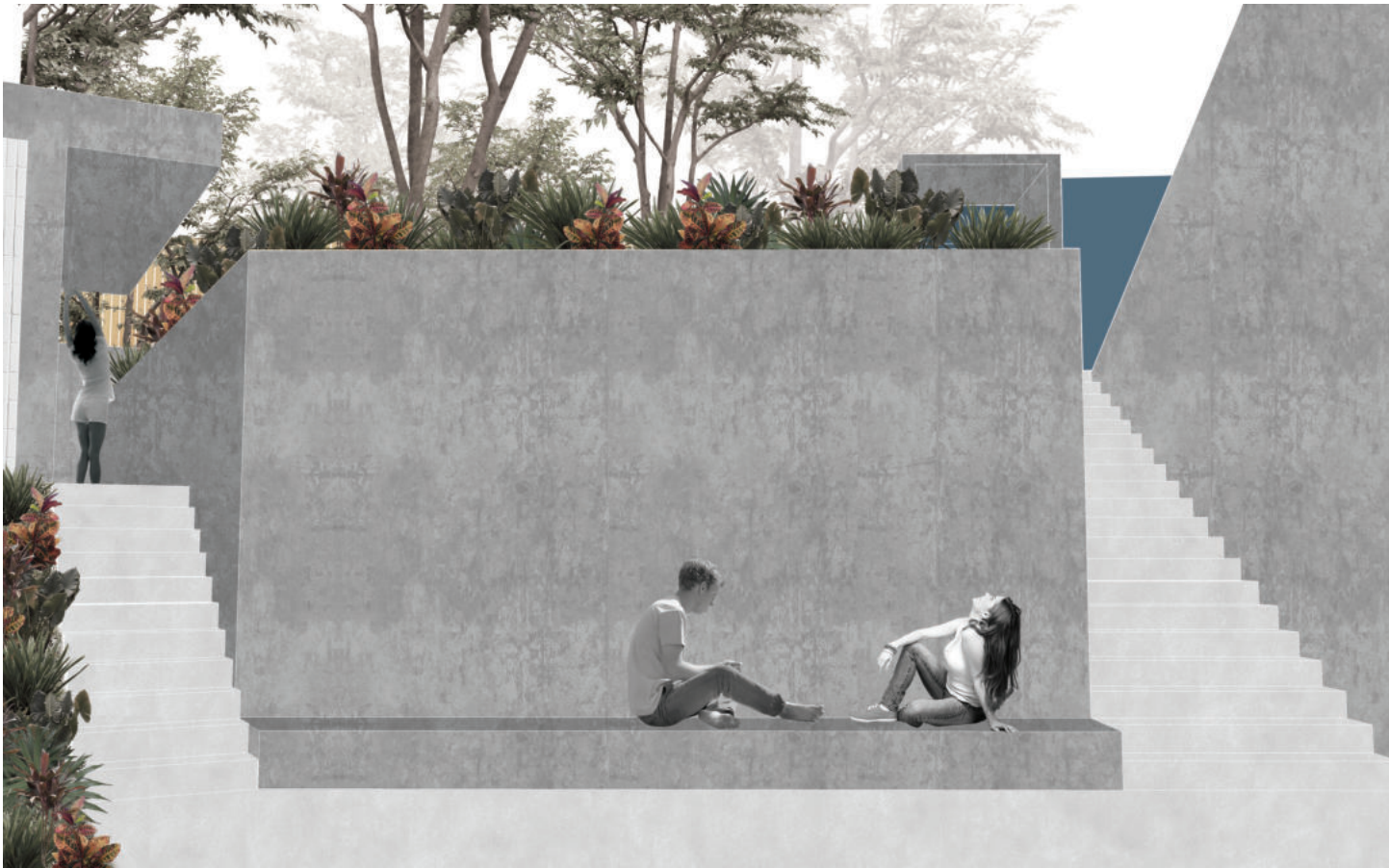


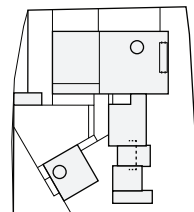
Fala Atelier

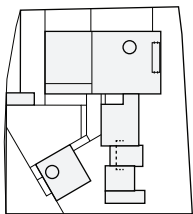
A comunicação do projeto arquitetônico é comumente feita por meio do desenho técnico. É um código que padroniza a maneira de representar a arquitetura, tornando seu entendimento universal. O edifício é entendido a partir de desenhos resultantes de um corte realizado por um plano virtual, seja ele horizontal ou vertical, e traduz o projeto em uma comunicação genérica, evidenciando sua construtividade. O desenho que tem como intuito comunicar uma intenção de projeto adquire um caráter particular, próprio daquilo que se pretende traduzir. Na atualidade, a difusão do uso de perspectivas feitas através da modelagem digital na tentativa exagerada de se aproximar de uma representação fiel da realidade tem trazido uma reflexão acerca da intenção por trás da imagem. É preciso reconhecer que toda imagem existe através do olhar daquele que a produziu, e, assim como o próprio projeto de arquitetura, não é imparcial. Desta forma, algumas formas de representar tem sido recorrentes, formas estas que assumem posição em sua irrealidade, como a colagem.

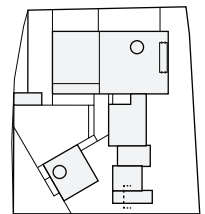
Neste ensaio optou-se por aproximar o leitor do projeto primeiramente através das atmosferas que cria, e que foram o foco desta experimentação, para em seguida traduzi-lo no código universal da arquitetura.

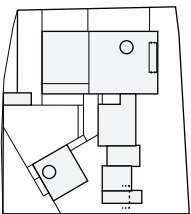


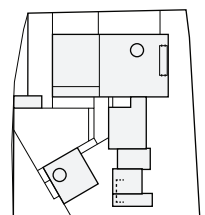


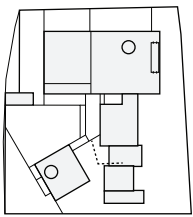
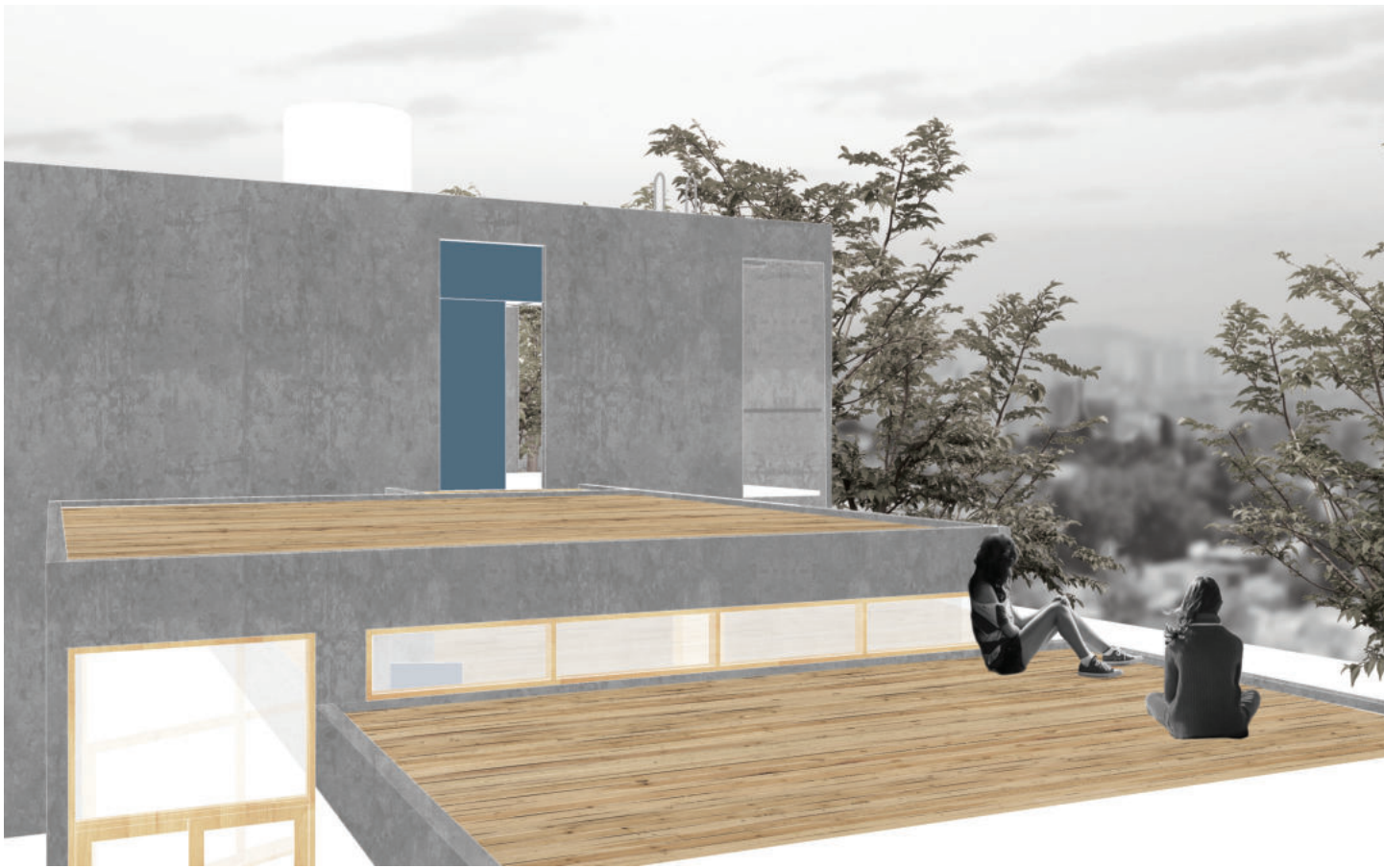


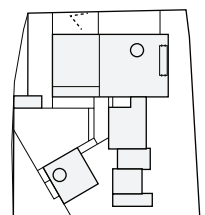


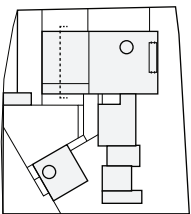


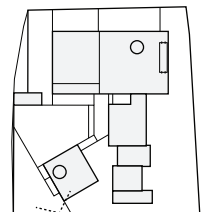


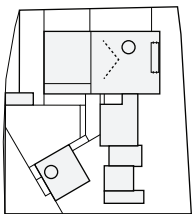






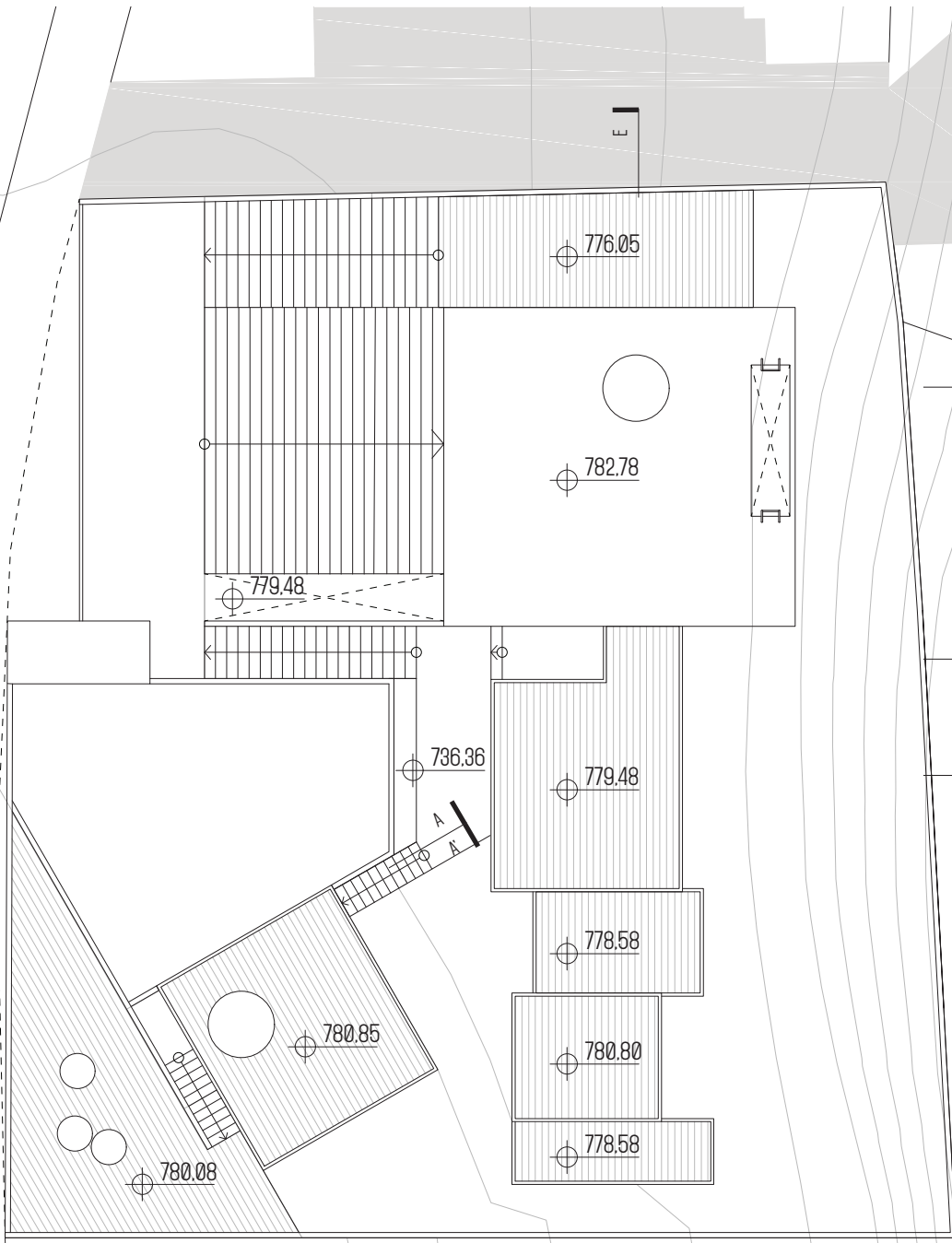






Adentrando o sítio, uma escadaria corta o terreno, dividindo as construções em dois momentos distintos, conectados por uma passagem suspensa: a casa e a sala de ensaios. A separação de volumes, contanto, não significa que são ambientes isolados, cada qual com seu uso. Os volumes então espaçosos, esboçados para a casa, reduzem-se, entendendo que seus espaços de sociabilização, festas, saraus, externam-se por meio da sala de ensaios, como uma extensão da casa, bem pelos espaços ao ar livre. Da mesma forma, a sala de ensaios usufrui da varanda externa criada pela laje da residência.

PLANTA COBERTURA
ESCALA 1:200



2

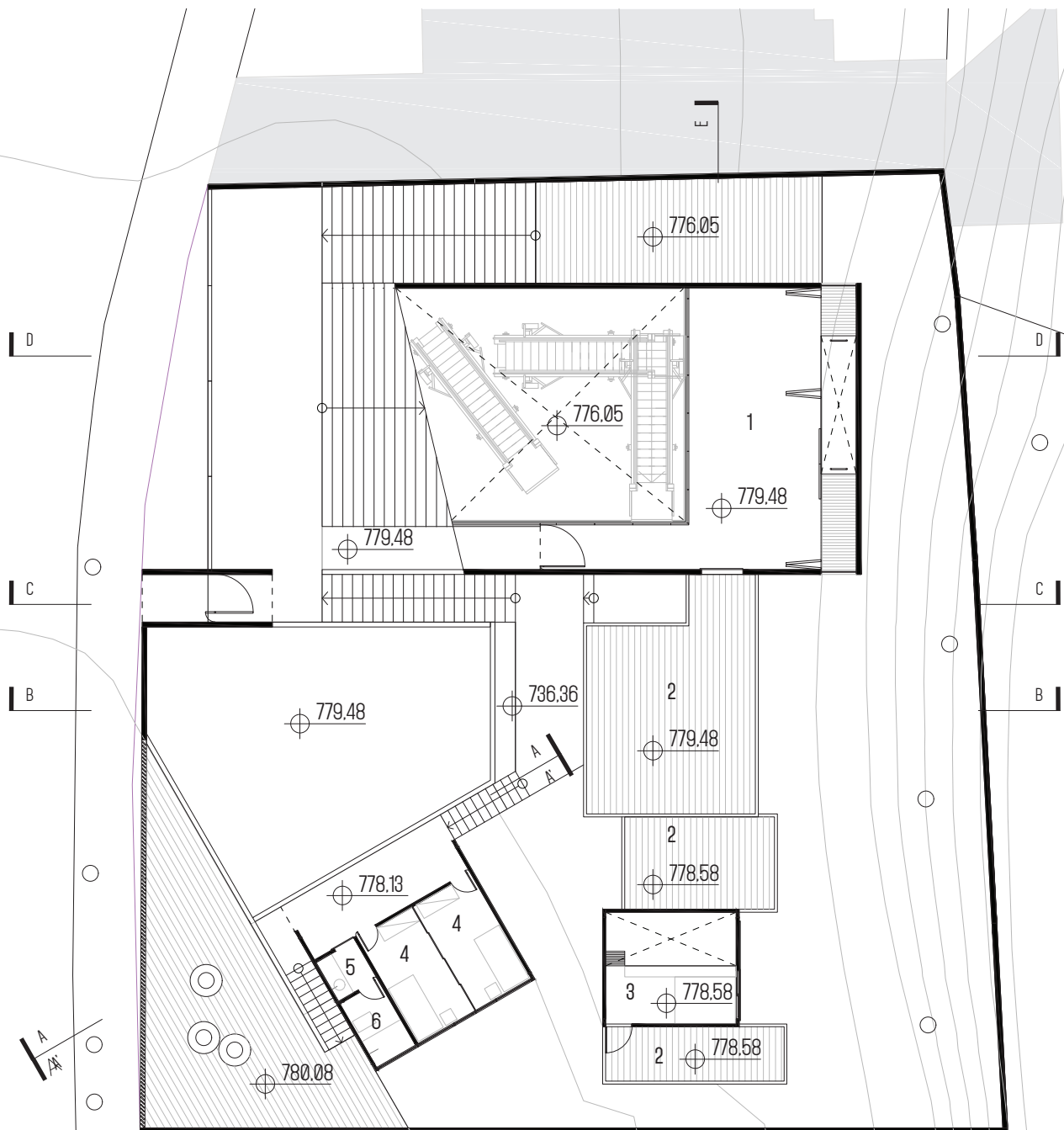
1

Os quartos de hóspedes, por seu uso de caráter temporário, são pensados como espaços mutáveis. Seu volume se desconecta do corpo principal da casa, proporcionando independência para o visitante (e para o morador). As divisões internas dos quartos se abrem, ampliando o espaço para outros usos externos à casa, porém mais privativos que aqueles da sala de ensaios. Ainda, este núcleo serve de apoio à área de convivência que se cria entre ele e a rua, em torno das três grandes árvores, mantidas em sua posição atual.

A sala de ensaios conforma um volume semienterrado cuja cobertura configura uma escadaria que pode configurar-se como platéia voltada à rua. Em sua frente, os portões de acesso ao terreno possuem um sistema de pistões que os permite subir e descer, liberando completamente a passagem para a rua, e permitindo eventos abertos ao público, ampliando a relação com a rua e a praça em frente. No mesmo nível da rua se acessa a sala de ensaios, por um mezanino-foyer, e através de uma escada móvel é feita a transposição para o nível inferior, onde se situam o espaço de ensaio e as áreas de apoio. Na fachada leste, uma abertura com escada-marinheiro conecta a cobertura ao chão, trazendo luz para dentro do ambiente.

- 1 FOYER
- 2 VARANDA
- 3 MEZANINO QUARTO
- 4 QUARTO DE VISITAS
- 5 LAVATÓRIO
- 6 BANHO

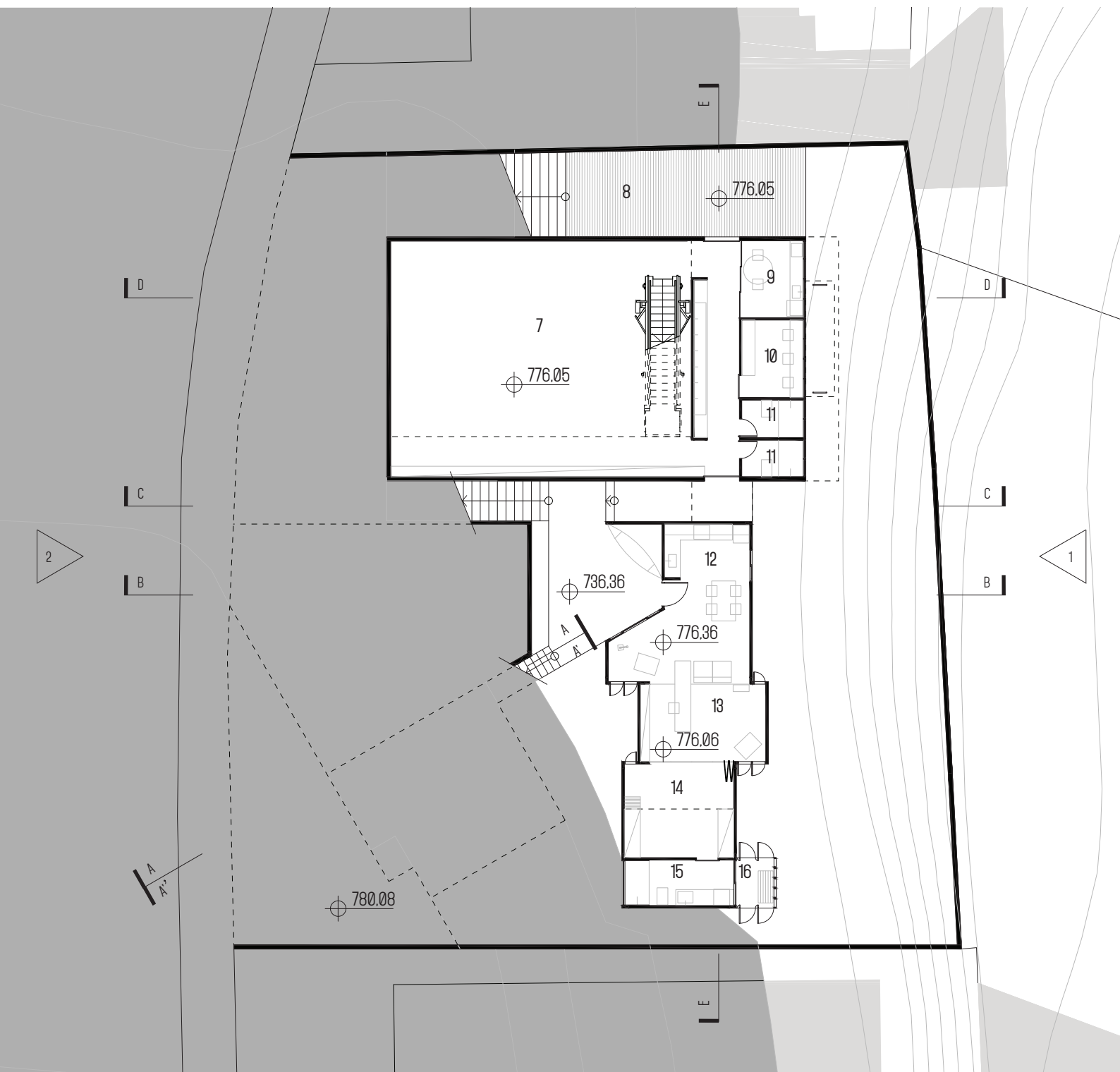
PLANTA NÍVEL TÉRREO
 ESCALA 1:200

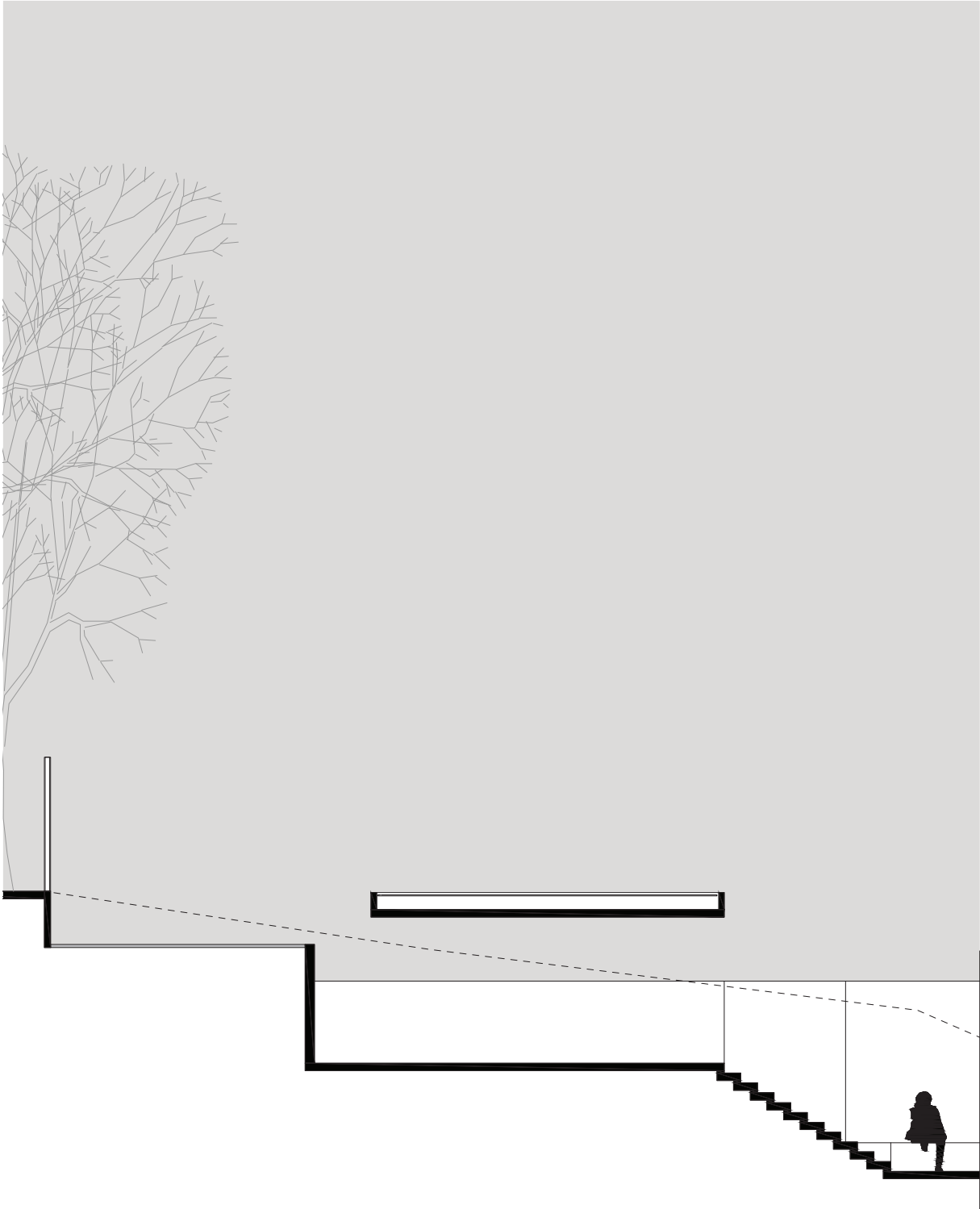


A casa, pensada como um pavilhão paralelo às curvas de nível, tem seus cômodos deslocados na direção do declive e na direção vertical, criando espaços-nicho. Na entrada, uma área coberta protege do clima o morador ao entrar e sair e ao cumprimentar visitas. O espaço interno da casa é fluido, contínuo, integrado. A sala se integra à cozinha, possui pé-direito mais amplo e, com um desnível de 30 cm se diferencia do restante da casa, de menor pé-direito. O escritório recebe a coleção de livros de S. de um lado, e no outro uma parede mural, onde coloca seus pensamentos, afazeres e criações. O quarto tem em seu térreo um espaço-camarim, onde ficam os armários, enquanto a cama se eleva em um mezanino, usufruindo de uma janela aberta à cidade e uma passagem para a laje externa. No extremo, um banheiro e uma área de serviço integrados se abrem completamente para uma varanda sempre ventilada.

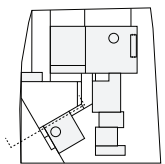
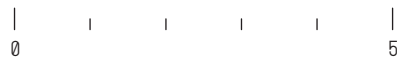
- 7 SALA DE ENSAIOS
- 8 DECK EXTERNO
- 9 COPA
- 10 CAMARIM
- 11 BANHO
- 12 COZINHA E SALA
- 13 ESCRITÓRIO
- 14 QUARTO
- 15 BANHO
- 16 VARANDA

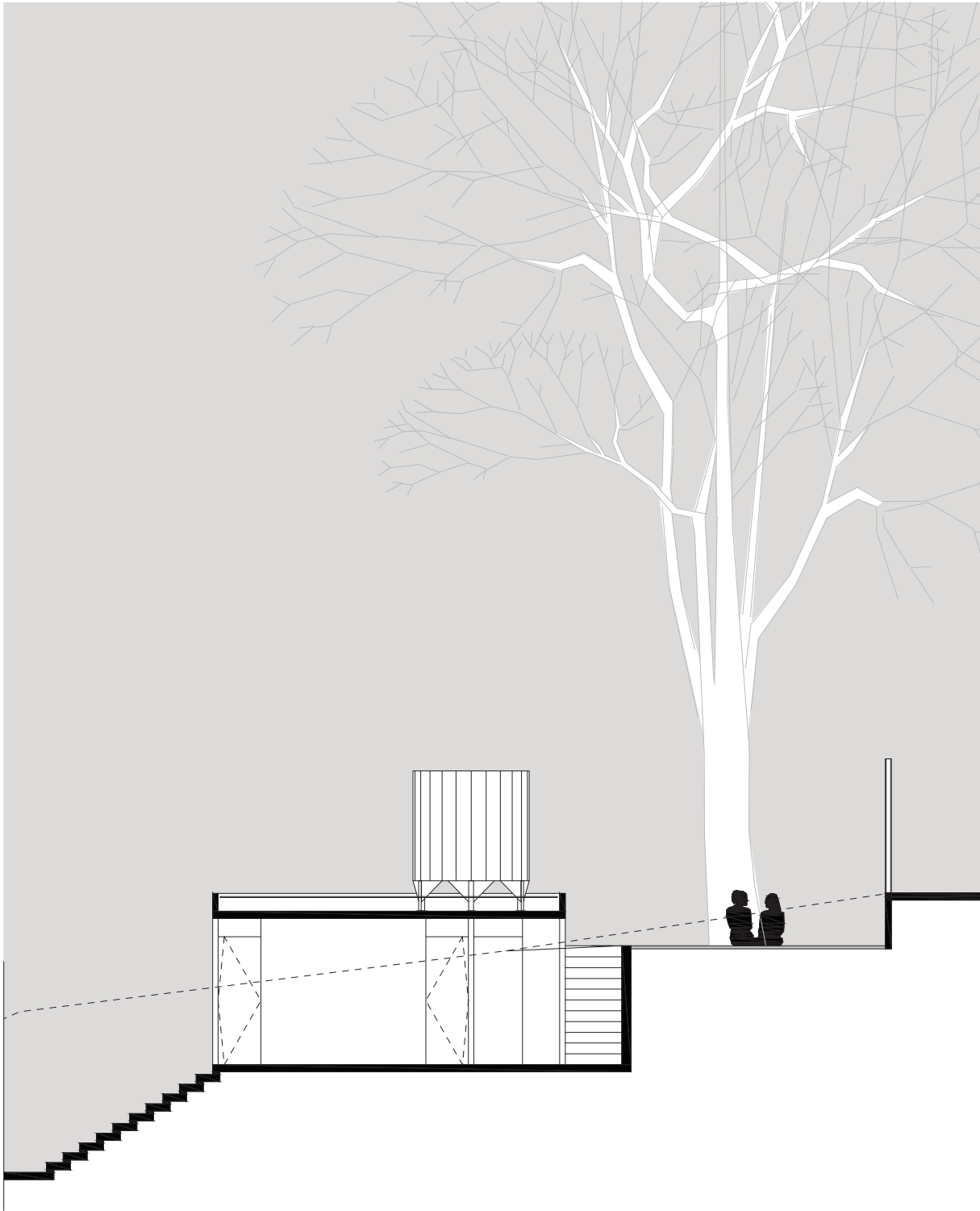
PLANTA NÍVEL INFERIOR
 ESCALA 1:200



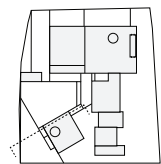


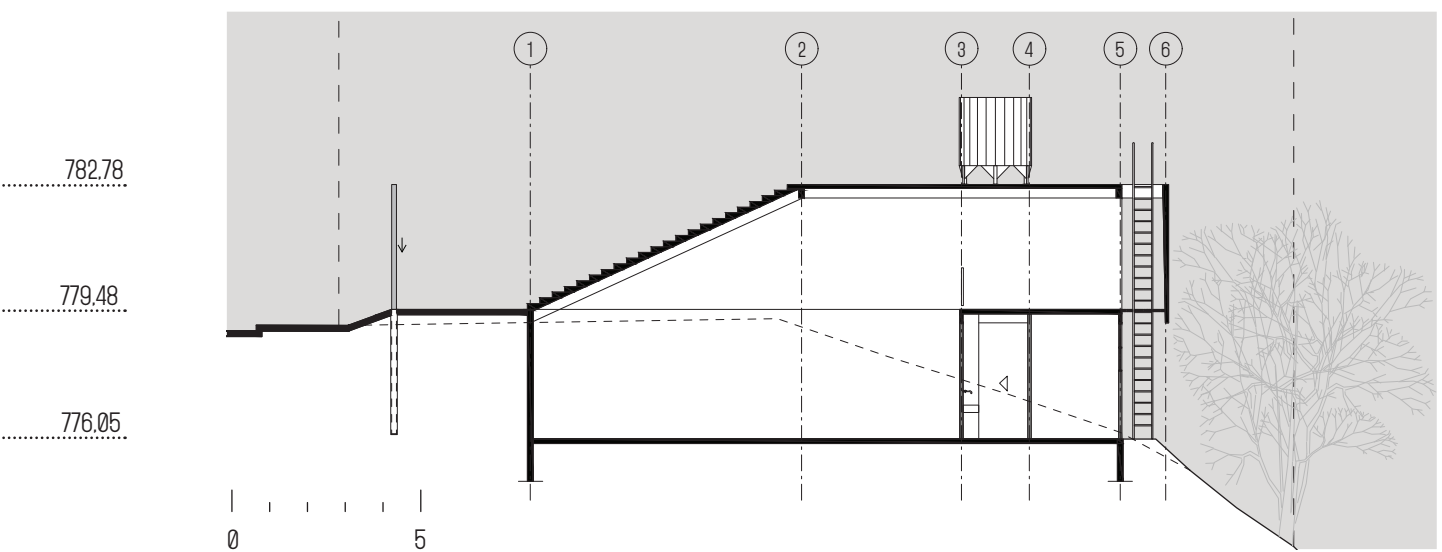
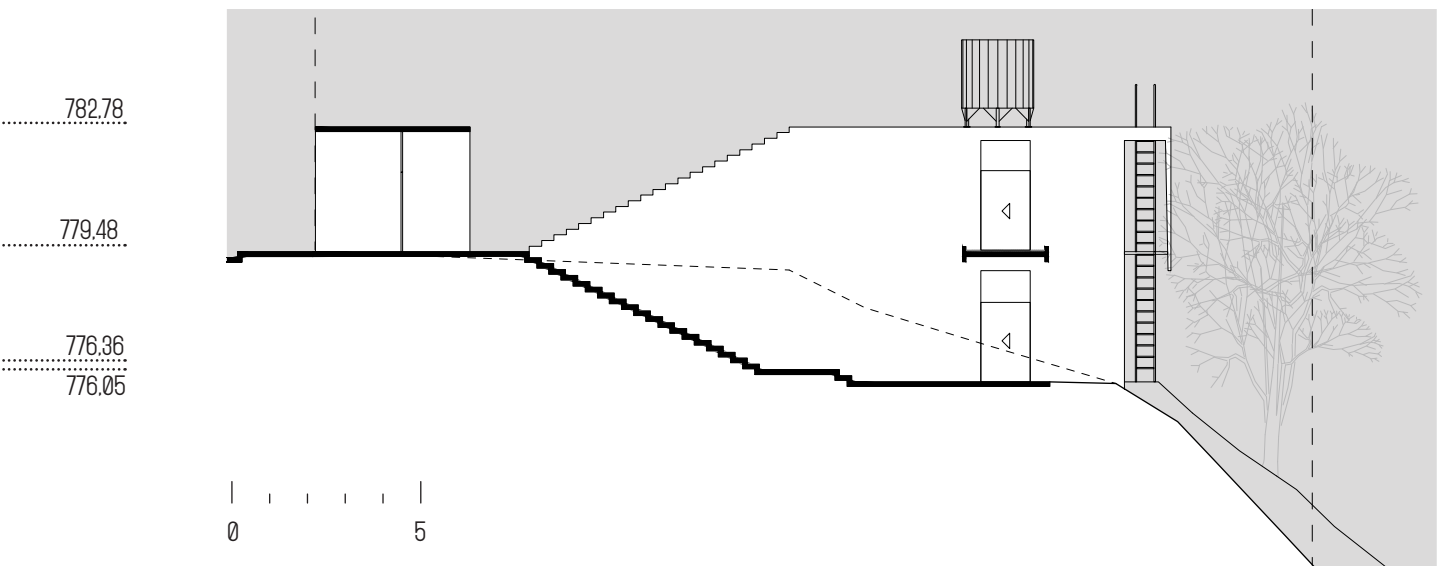
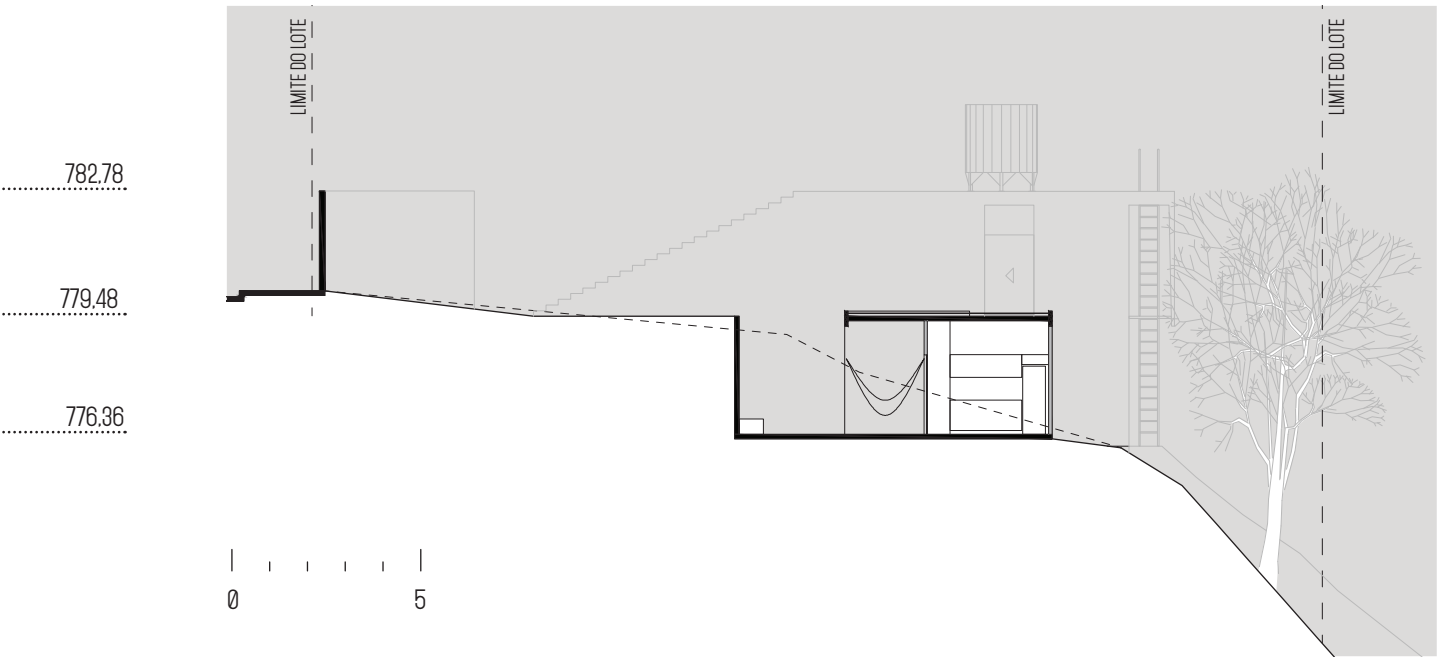
CORTE AA
ESCALA 1:100

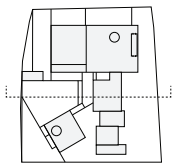




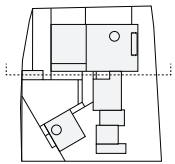
CORTE AA'
ESCALA 1:100



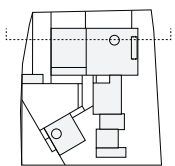




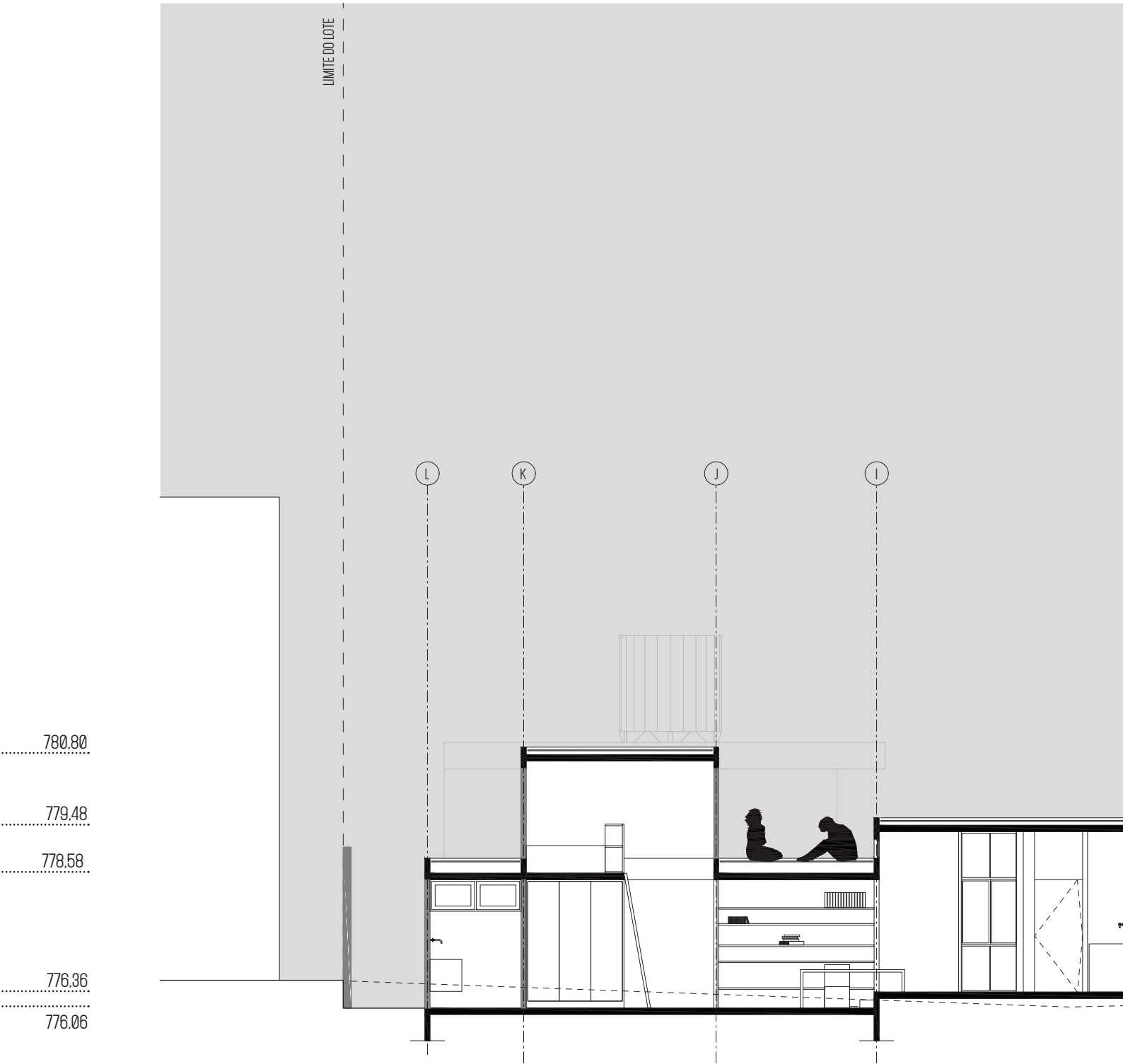
CORTE BB
ESCALA 1:200



CORTE CC
ESCALA 1:200



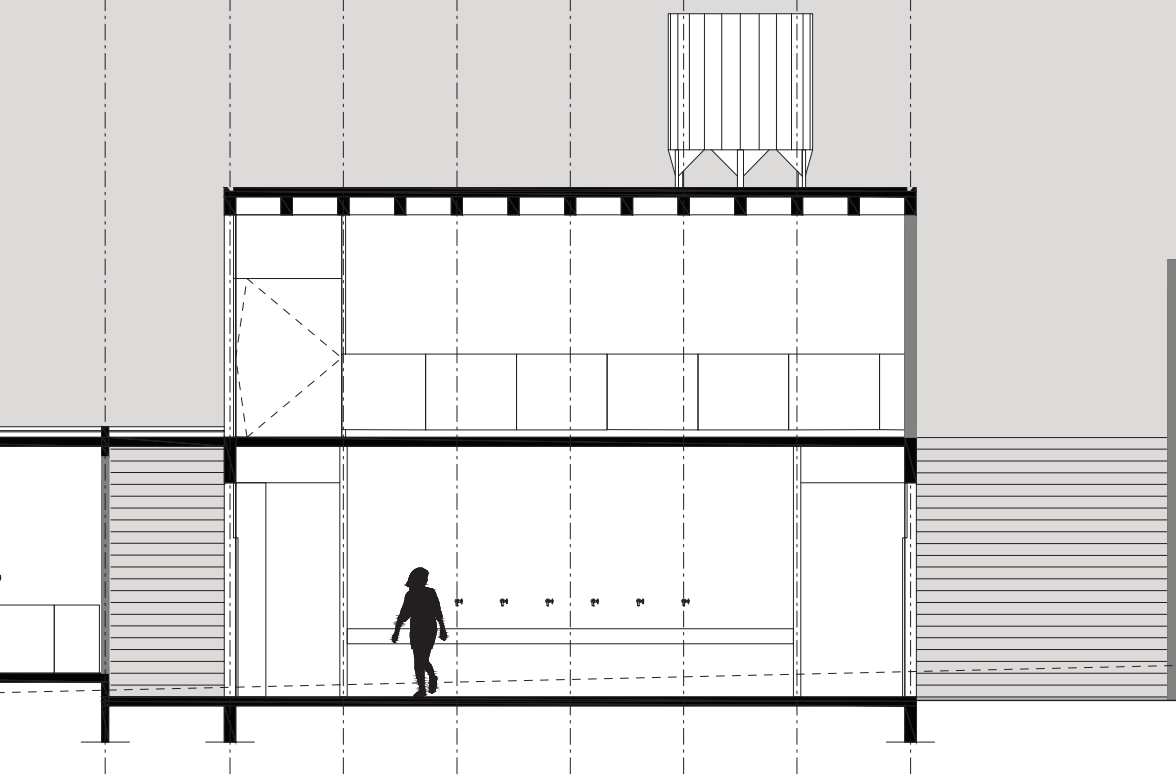
CORTE DD
ESCALA 1:200



CORTE EE
ESCALA 1:100

LIMITE DO LOTE

H G F E D C B A

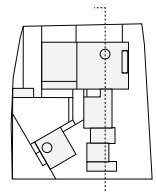


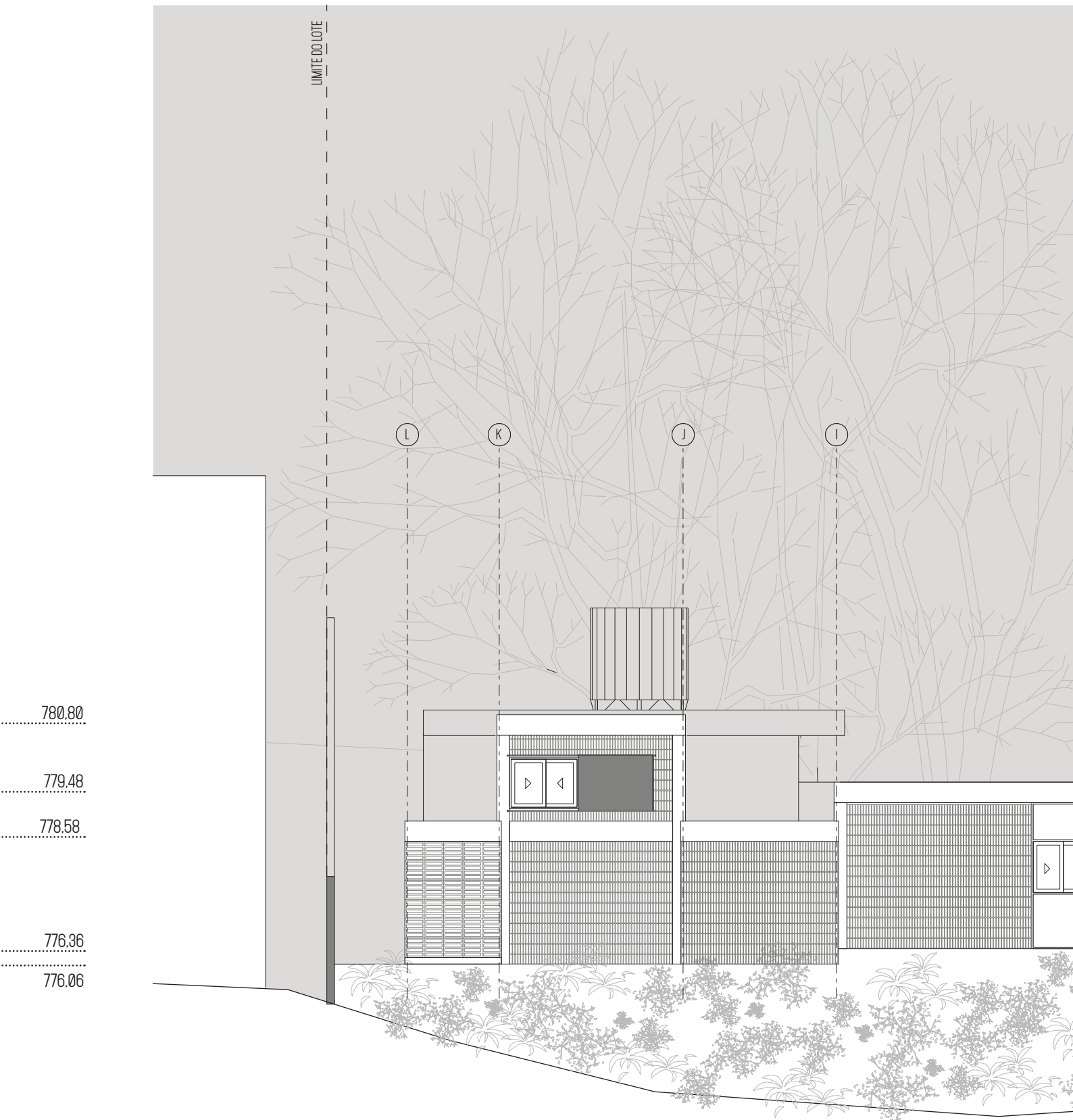
782.78

779.48

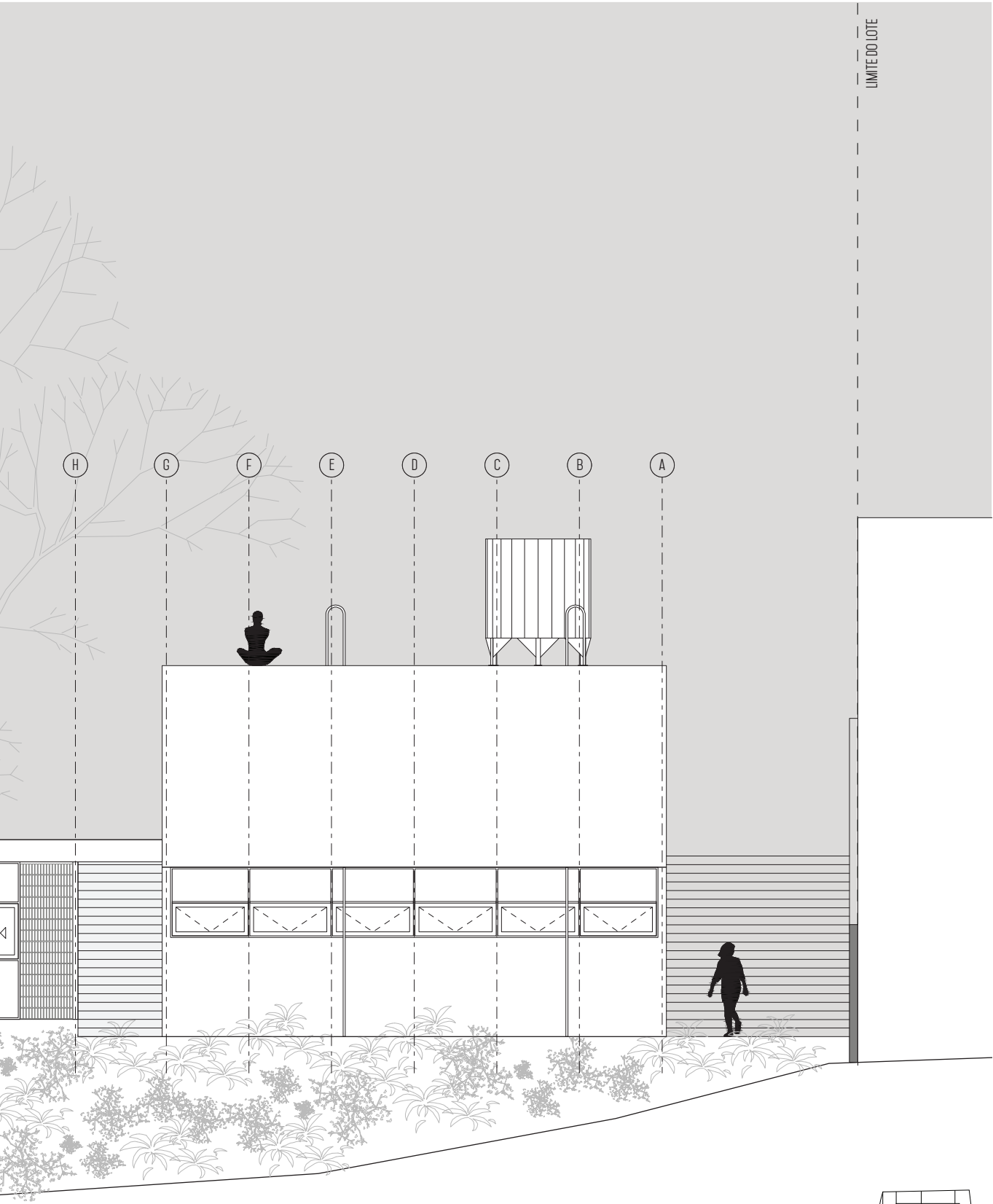
776.05

0 5





ELEVAÇÃO 1
ESCALA 1:100

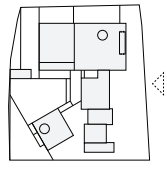


LIMITE DO LOTE

782.78

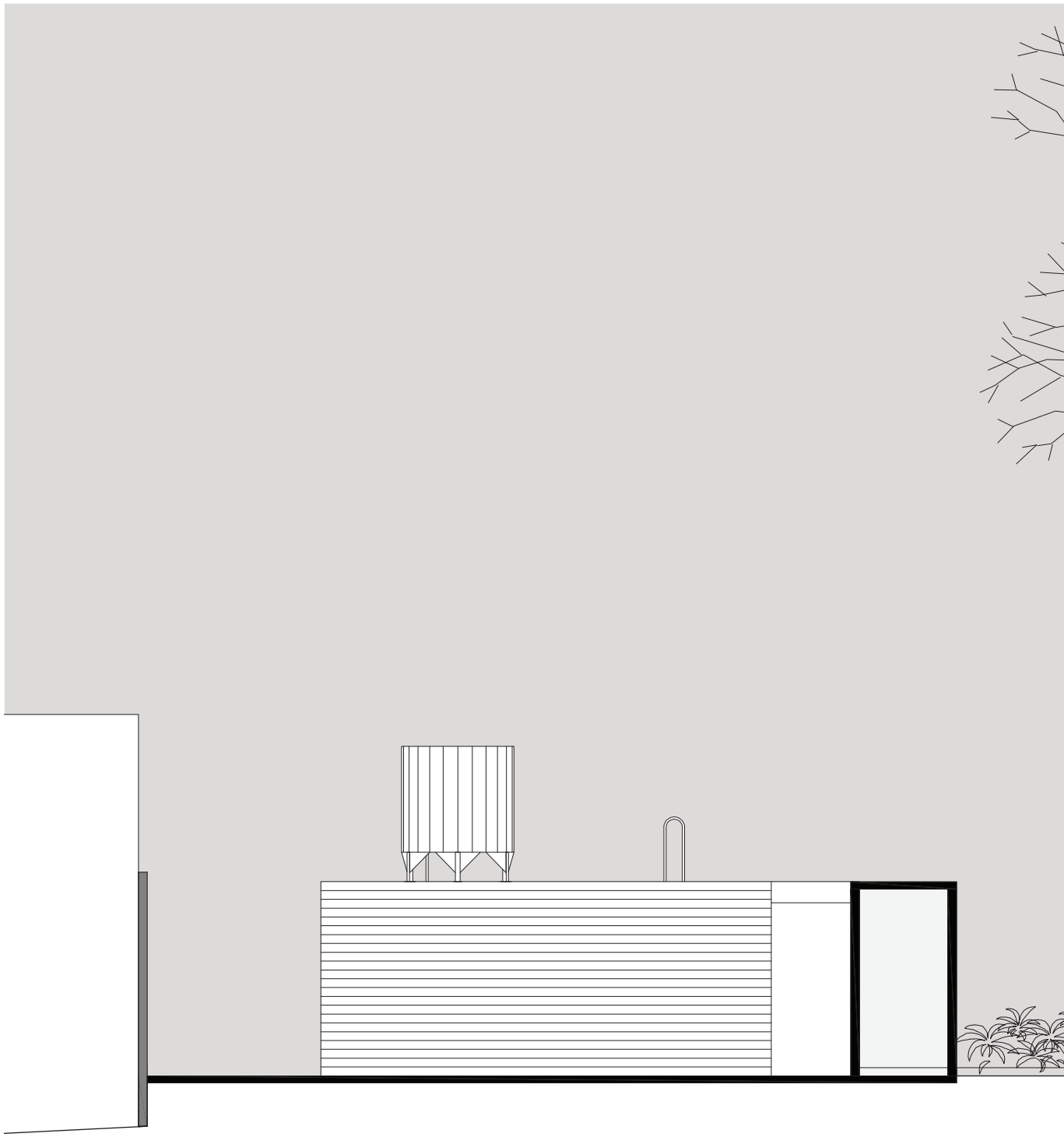
779.48

776.05



782.78

779.48

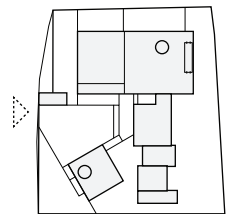


ELEVAÇÃO 2
ESCALA 1:100



780.08

0 5



SALA DE ENSAIOS

ESCALA 1:75

PLANTA NÍVEL COBERTURA
PLANTA NÍVEL TÉRREO
PLANTA NÍVEL INFERIOR



|
0

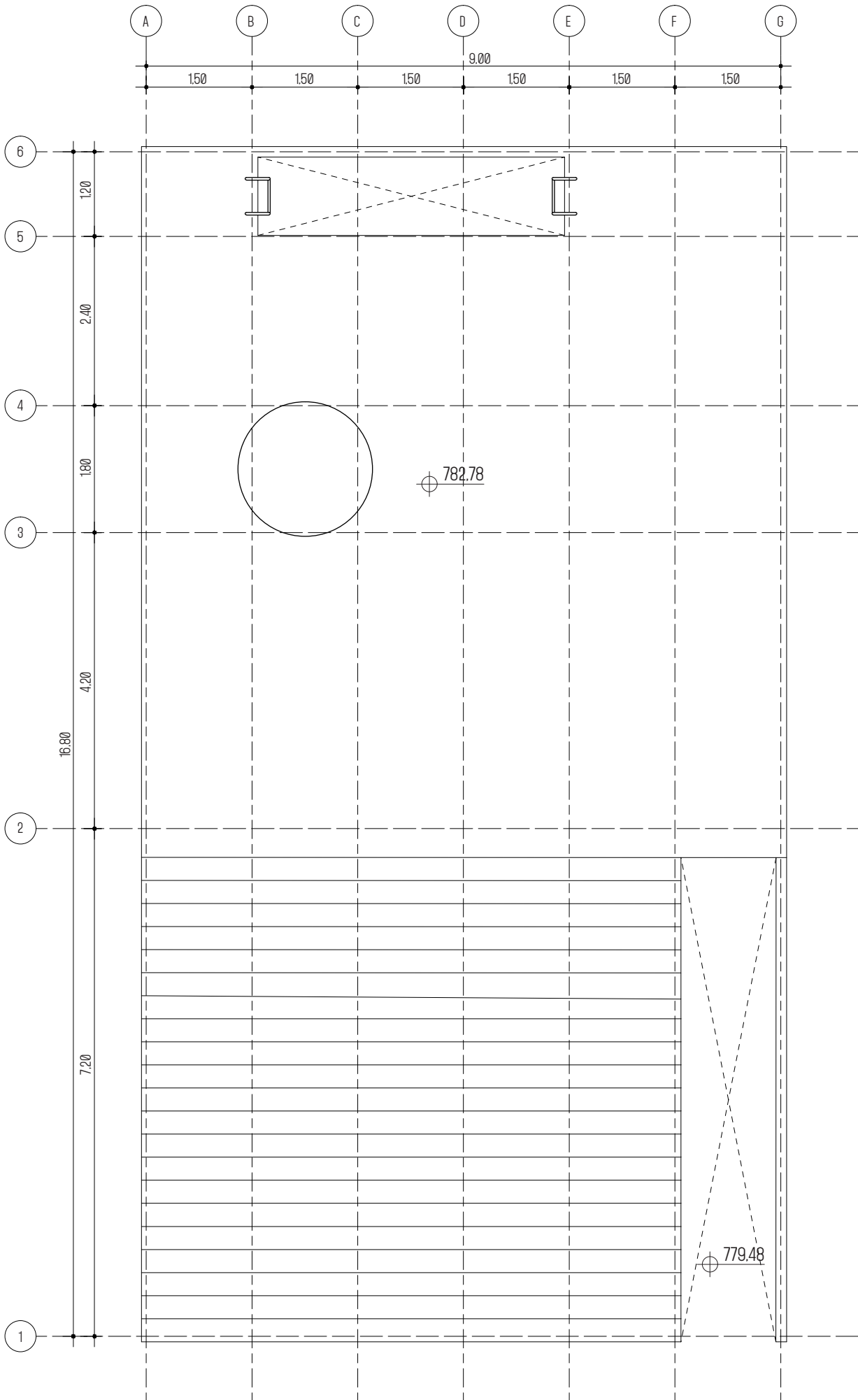
|

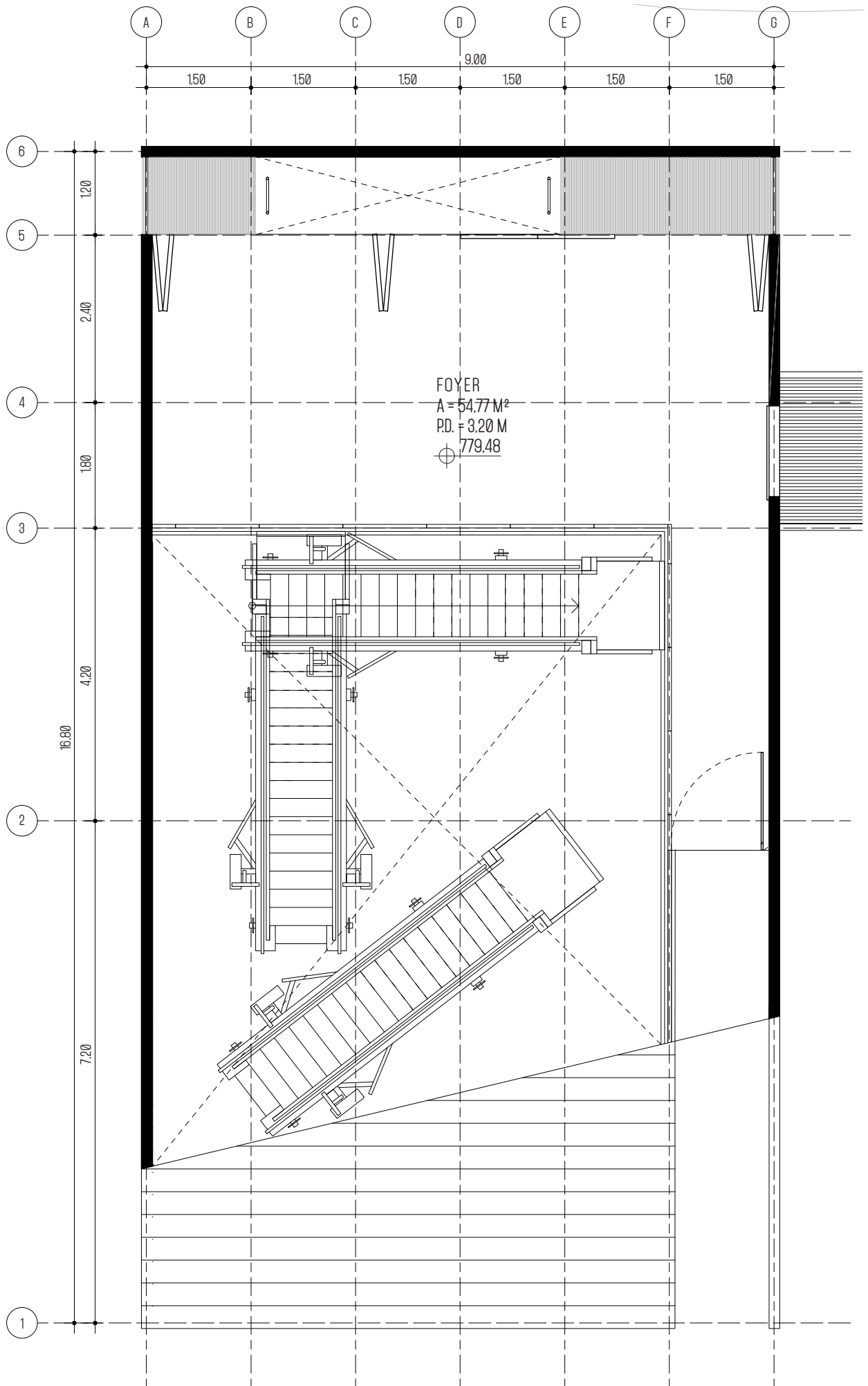
|

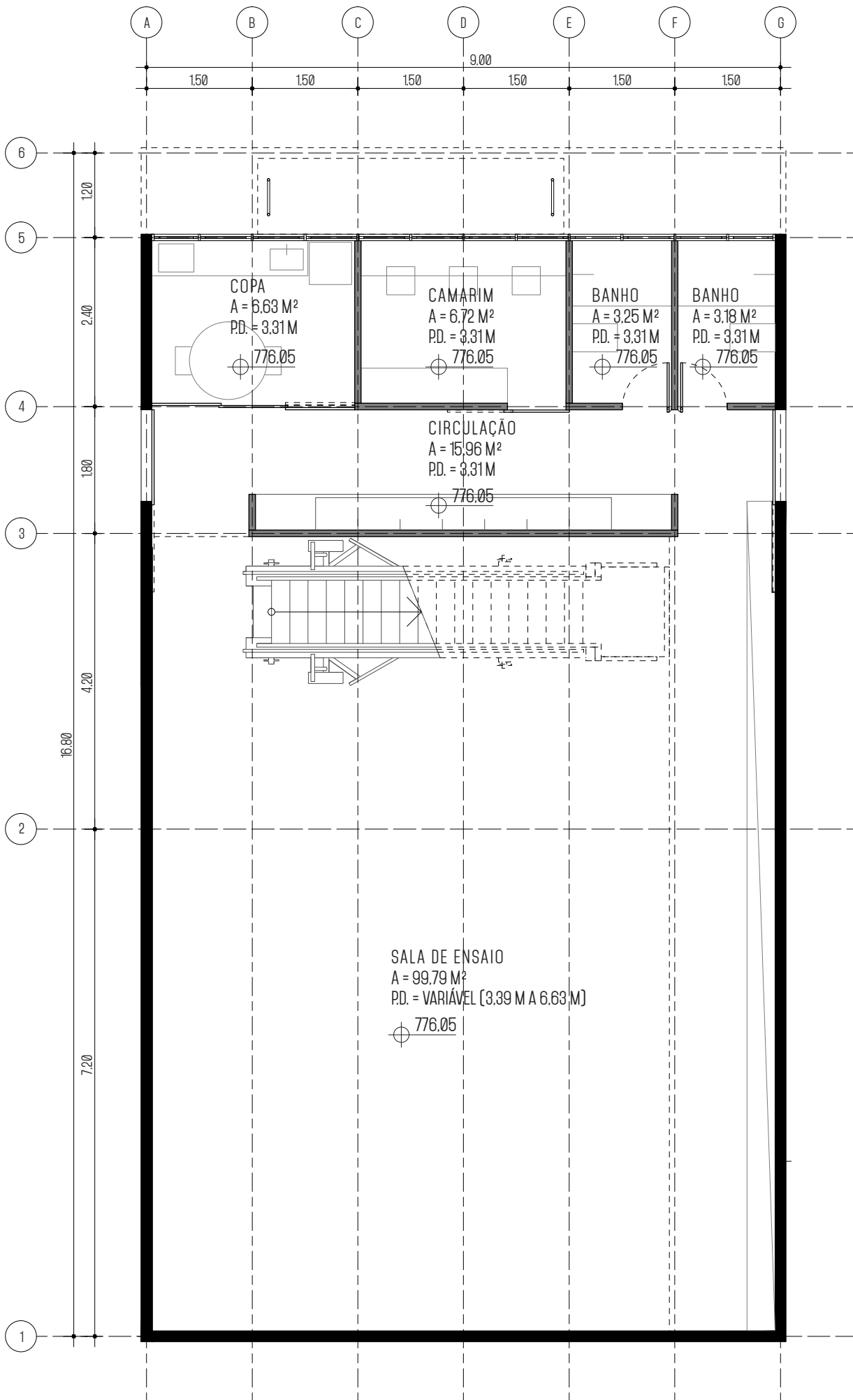
|

|

|
5







CASA PRINCIPAL

ESCALA 1:75

PLANTA NÍVEL COBERTURA

PLANTA NÍVEL TÉRREO

PLANTA NÍVEL INFERIOR



0

|

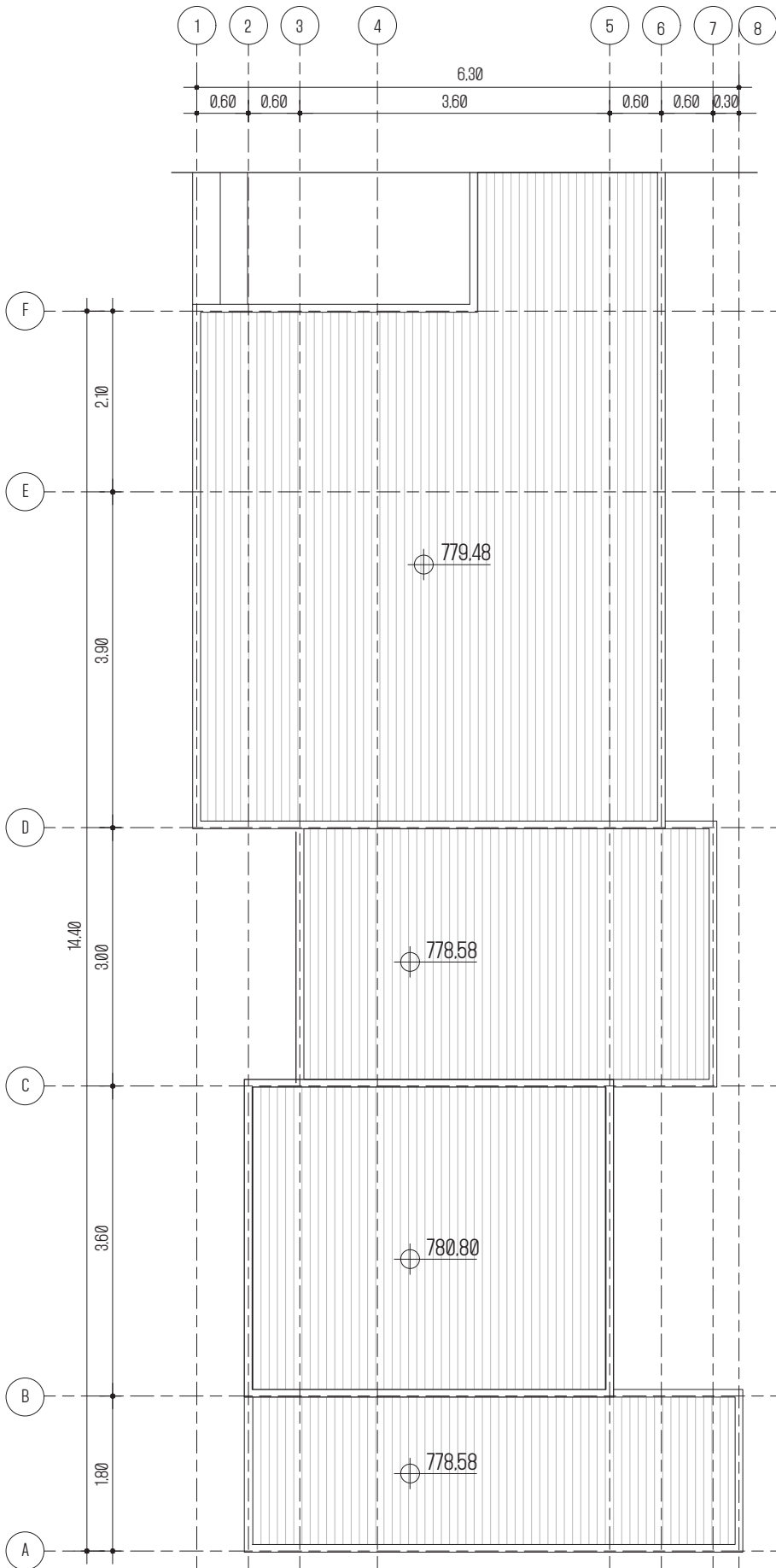
|

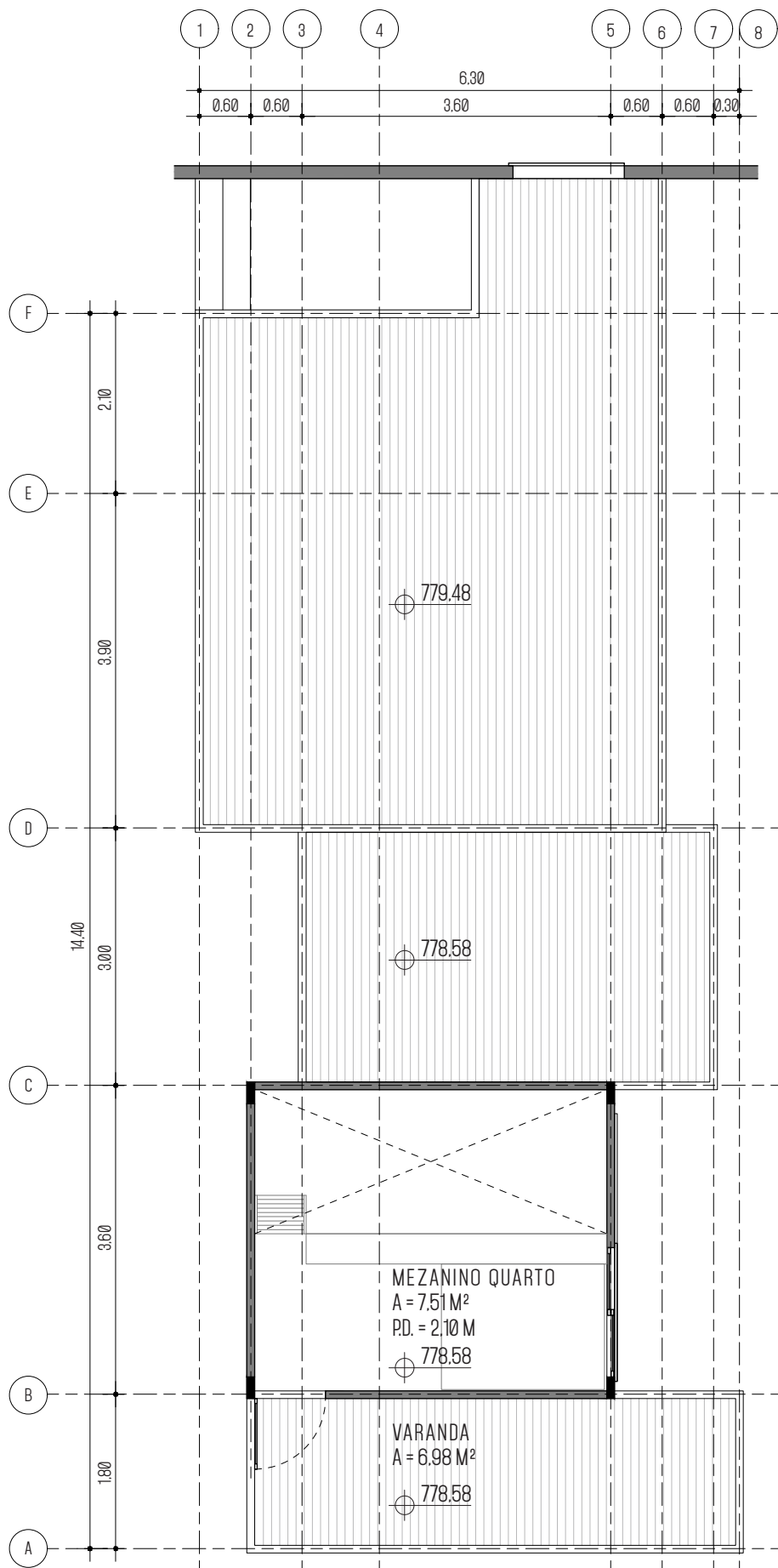
|

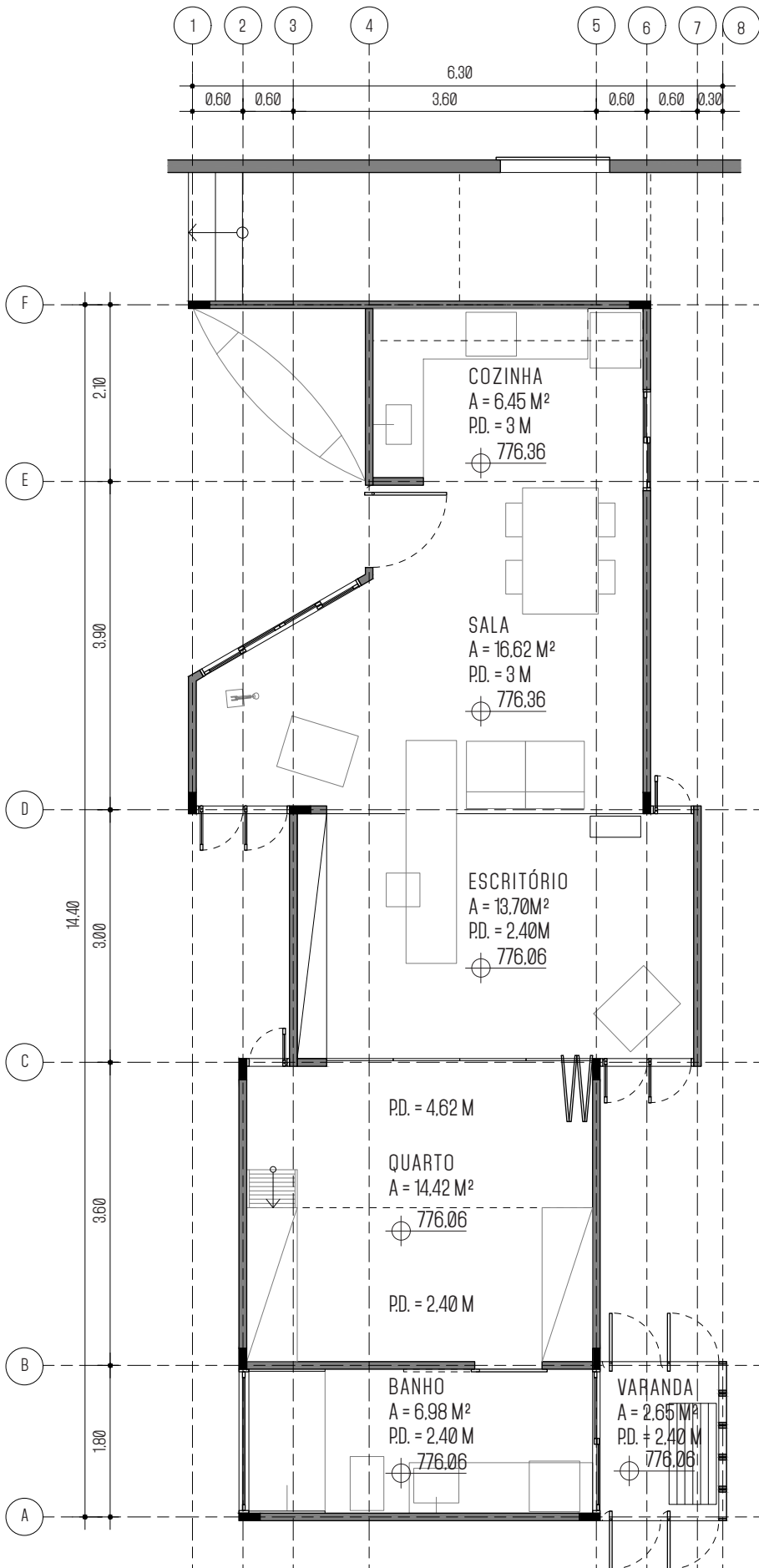
|

|

5





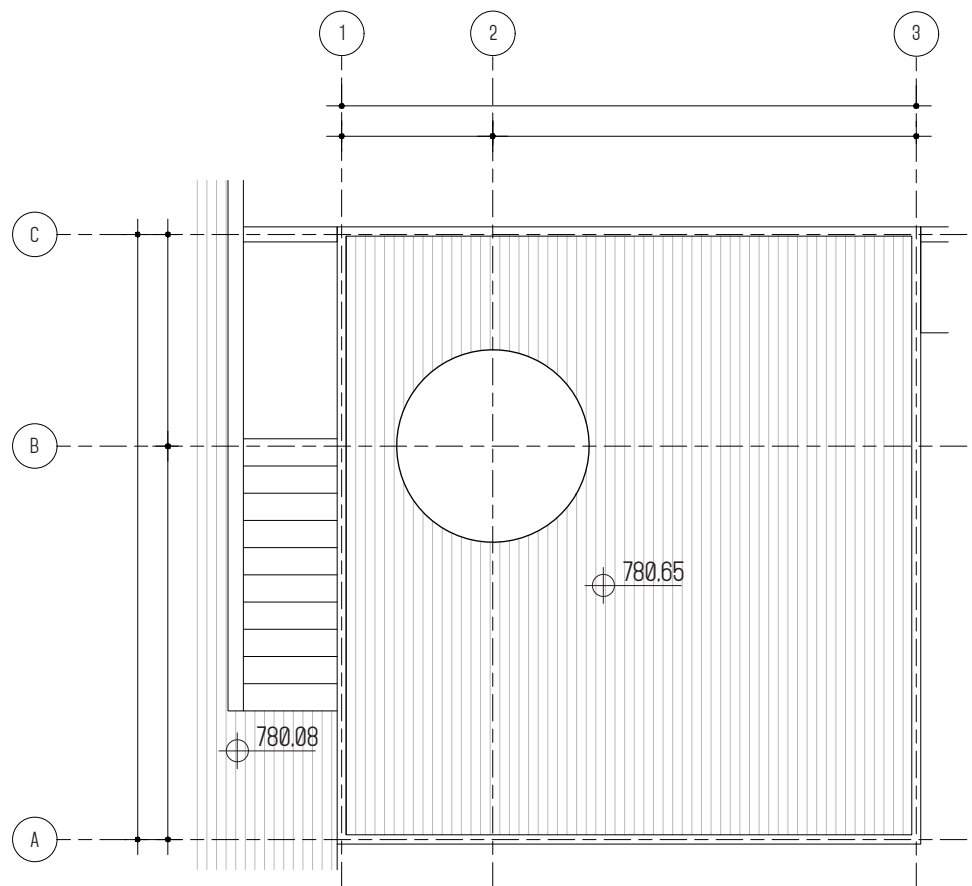


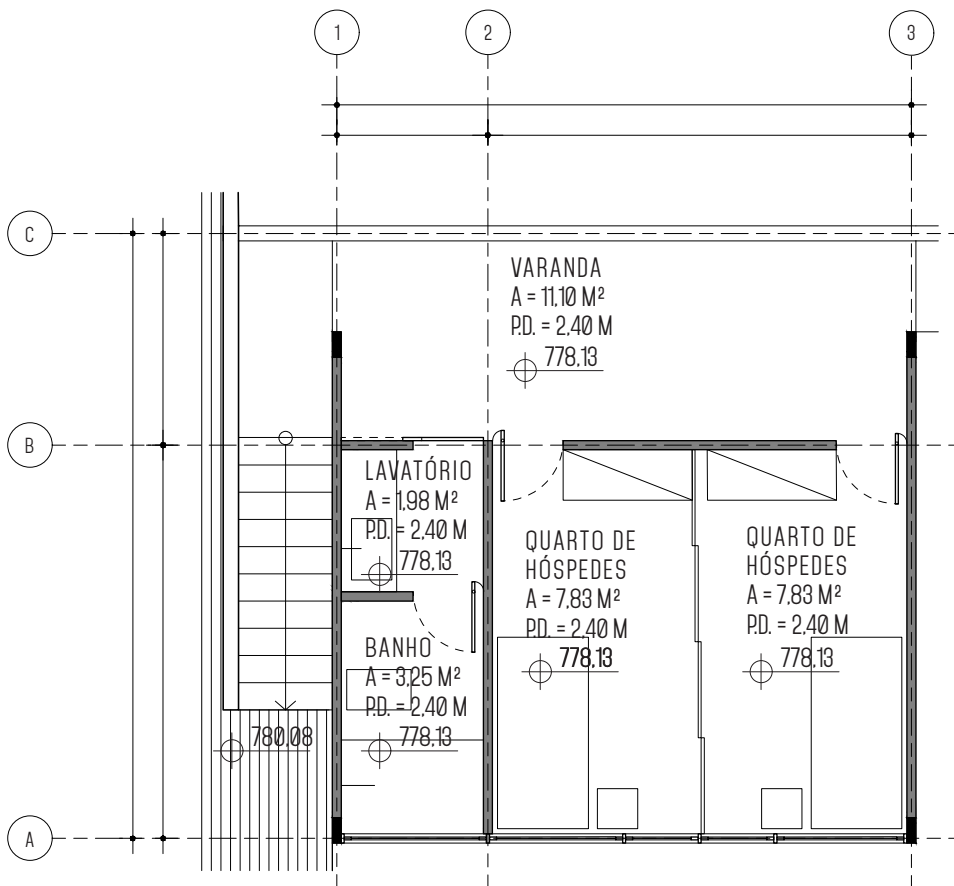
CASA DE HÓSPEDES

ESCALA 1:75

PLANTA NÍVEL COBERTURA

PLANTA NÍVEL INFERIOR





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de trabalho que aqui se desenvolveu revelou a importância de algumas atitudes metodológicas. Primeiramente, percebeu-se fundamental a pesquisa de referências projetuais e teóricas, que dão lastro a uma discussão mais aprofundada. O conhecimento acerca do que já foi pensado e discutido alimenta novas maneiras de pensar. Mais relevante ainda, a busca por outros meios para além dos usuais da arquitetura, como os filmes, revelou potenciais para a discussão arquitetônica, afinal a arquitetura está presente na vida de todos, e mesmo o olhar do não arquiteto contribui à sua reflexão.

Sendo assim, em dados momentos é necessário nos desprendermos daqueles conhecimentos que temos como verdades e voltar a enxergar a arquitetura de uma maneira mais ampla, para que não percamos a dimensão da experiência humana em detrimento do discurso ideológico.

Por fim, na arquitetura e em todos os âmbitos da vida, é preciso se permitir errar, testar, experimentar, para enfim acertar. Acredito que o presente trabalho tenha sido um reflexo deste pensamento.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICA

ÁBALOS, Iñaki. A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2003.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. 1954. Disponível em: <www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf>. Acesso em 2 set. 2016.

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1999.

LE CORBUSIER. L'espace Indicible. In: Le Corbusier Savina: dessins et sculptures. Paris: Ed. Sers, 1984.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas : entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

HOLANDA, Marina de. Clássicos da Arquitetura: Casa Experimental Muuratsalo / Alvar Aalto. ArchDaily Brasil. 26 mai. 2012.

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-50705/classicos-da-arquitetura-casa-experimental-muuratsalo-alvar-aalto>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

COSTA, Ana Elísia da. Clássicos da Arquitetura: Residência Castor Delgado Perez / Rino Levi. ArchDaily Brasil. 13 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/766189/classicos-da-arquitetura-residencia-castor-delgado-perez-rino-levi>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

NOBRE, Ana Luíza. Um em dois. As casas do Butantã, de Paulo Mendes da Rocha. Arqtextos, São Paulo, ano 08, n. 086.01, Vitruvius, jul. 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.086/228>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Memorial Descritivo Residência na Vila Romana. MMBB. Disponível em: <<http://www.mmbb.com.br/projects/details/14/4>>. Acesso em jun. 2017.

El Croquis, 2004, vol 121/122 issue 3/4.

FILMES

ABSTRACT: THE ART OF DESIGN. Episódio 8: Ilse Crawford. Direção e produção: Sarina Roma. Londres: Radical Media e Tremolo Productions, 2017. Distribuído por Netflix.

LE MÉPRIS. Jean-Luc Godard. França/Itália, 1963.

MON ONCLE. Jacques Tati. França, 1958.

URBANO, Luís. A Casa do Lado. Ruptura Silenciosa. Portugal, 2012.

RESENDE, Ana; TAVARES, Miguel C.; VIEIRA, Rui Manuel. Ínsua. Ruptura Silenciosa. Portugal, 2013.

LEGISLAÇÃO

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/legislacao/planos_regionais/index.php?p=1901> Acesso em: 17 nov. 2016.

<http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/zoneamento/0001/parte_II/pinheiros/272%20QUADRO%2004%20do%20Livro%20XI.pdf> Acesso em: 17 nov. 2016.

<[http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/zoneamento/0001/parte_II/mapas_baixa/04-PI-PRE\(20-08-04\)_B-eps.png](http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/zoneamento/0001/parte_II/mapas_baixa/04-PI-PRE(20-08-04)_B-eps.png)> Acesso em: 30 set. 2016.

DOCUMENTAÇÃO ICONOGRÁFICA

Casa Muuratsalo

Disponível em: <<http://www.zeroundicipiu.it/2012/04/24/casa-sperimentale-a-muuratsalo/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Residência Castor Delgado Perez

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/766189/classicos-da-arquitetura-residencia-castor-delgado-perez-rino-levi>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

Casa no Butantã

Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-181073/classicos-da-arquitetura-casa-no-butanta-slash-paulo-mendes-da-rocha-e-joao-de-gennaro>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

Casa Moriyama

Disponível em: <<http://amassingdesign.blogspot.com.br/2010/03/moriyama-house-sanaa-kazuyo-sejima-ryue.html>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

Residência na Vila Romana

Disponível em: <<http://www.mmbb.com.br/projects/fullscreen/14/1/146>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

Casa de Fim de Semana

Disponível em: <<http://www.spbr.arq.br/portfolio-items/casa-de-fim-de-semana-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

Casa Alves Costa

Disponível em: <http://olharquitectura.blogspot.com.br/2011/06/casa-alves-costa-moledo_6452.html>. Acesso em: 13 abr. 2017.

Vill'Alcina

Disponível em: <<http://www.inesdorey.com/index.php?/projectos/ditados-velhos-sao-evangelhos/>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

<<http://zeanmacfarlane.com/>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

<<http://www.falaatelier.com/>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE E SUBJ
INDIVIDUAL E PROSSUBJETIVIDADE